

* INFERNO NO COLÉGIO INTERNO *

CIA. DAS LETRAS

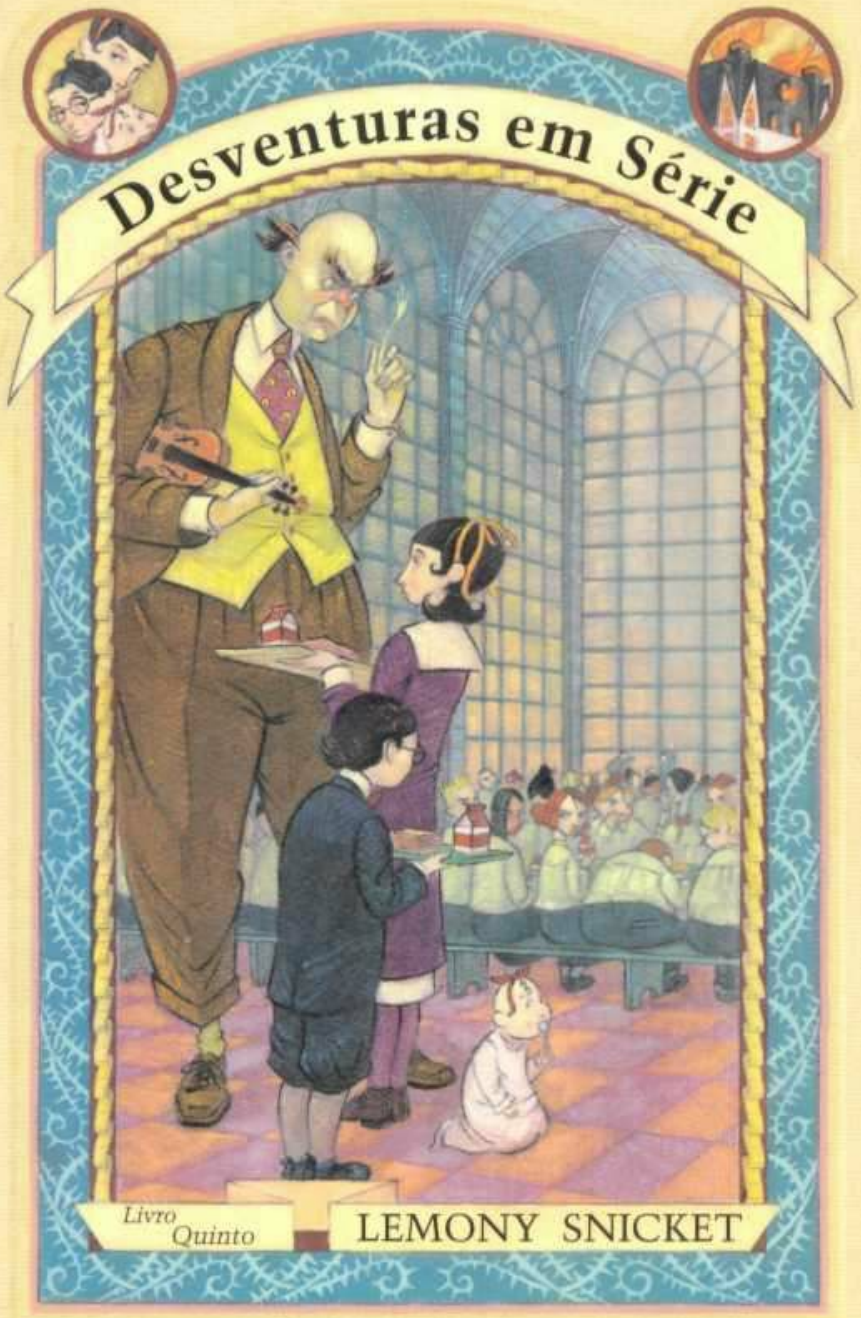
Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com





INFERNO NO COLÉGIO INTERNO

CIA. DAS LETRAS

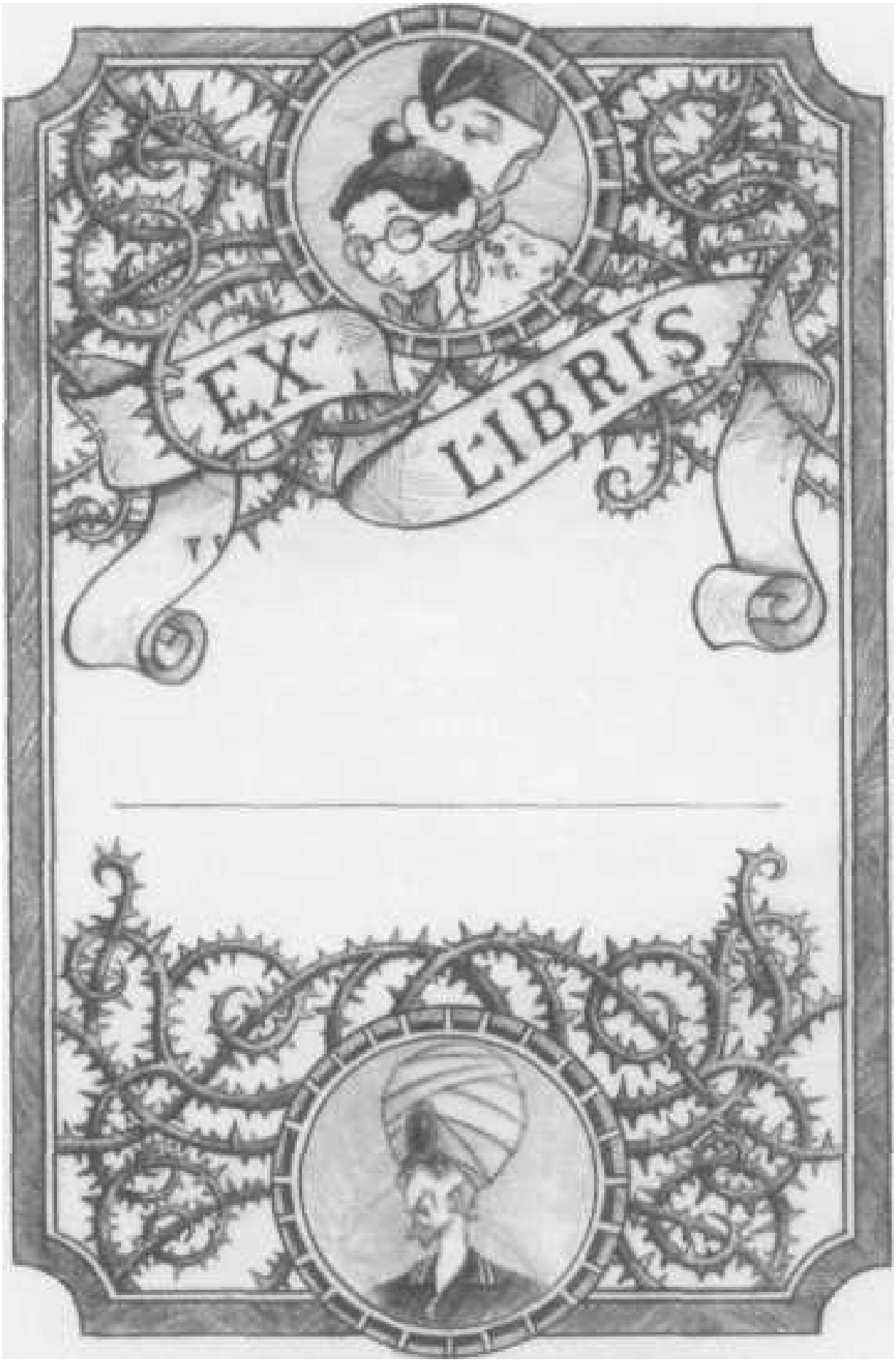


Caro Leitor,

Se você está em busca de uma história sobre jovens animados que se divertem a valer num internato, bateu na porta errada. Violet, Klaus e Sunny Baudelaire são inteligentes e engenhosos, e você talvez imagine que eles se sairiam muito bem no colégio. Mas não foi o caso. Para os Baudelaire, o colégio veio a ser mais um desastroso episódio em suas vidas infelizes. Para dizer a verdade, nos capítulos que constituem esta história pavorosa, eles enfrentam caranguejos que mordem, exames hiper-rigorosos, castigos duríssimos, fungos gotejantes, recitais de violinos, exercícios de D.O.R. e o sistema métrico.

É minha solene obrigação passar a noite inteira pesquisando e escrevendo a história dessas três crianças desgraçadas. Quanto a você, entretanto, nada impede que se entregue a uma bela noite de sono tranqüilo. Para conseguir isso, eu sugeriria: escolha um outro livro. Respeitosamente,

Lemony Snicket


EX
LIBRIS

Desventuras em Série

Livro primeiro Mau começo

Livro segundo A Sala dos Répteis

Livro terceiro O lago das sanguessugas

Livro quarto Serrana Baixo-Astral

Livro quinto Inferno no colégio interno

Livro sexto O elevador ersatz

Livro sétimo A Cidade Sinistra dos Corvos

Livro oitavo O hospital hostil

Livro nono O espetáculo carnívoro

Livro décimo O escorregador de gelo

Livro décimo primeiro A gruta gorgônea

Desventuras em Série

Livro quinto



INFERNO NO COLÉGIO INTERNO

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist

Tradução de Carlos Sussekind

2000 by Lemony Snicket 2000 Ilustrações Brett Helquist

Publicado mediante acordo com

HarperCoilins Chiidrens Books, divisão da HarperCollins Pubíishers, Inc. Título original: The austere academy

Preparação: Cristina Yamazaki

Revisão: Cláudia Cantarin Ana Maria Barbosa

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —

Você estará sempre no meu coração,

na minha memória

e no seu túmulo.



CAPÍTULO

Um

Se vocês tivessem que dar uma medalha de ouro para a pessoa mais detestável do mundo, certamente o prêmio iria para Carmelita Spats, e, se vocês não lhe dessem a medalha, Carmelita Spats era o tipo de pessoa que a tomaria de qualquer maneira. Ela era rude, violenta e nojenta, e é uma lástima que eu tenha de descrevê-la para vocês, porque esta história já tem atrocidades e infortúnios demais para eu ainda mencionar uma pessoa tão desagradável. São os órfãos Baudelaire, graças a Deus, os heróis desta história, não a detestável Carmelita Spats, e se vocês quisessem poderiam dar uma medalha de ouro a Violet, Klaus e Sunny Baudelaire por terem sobrevivido a tanta adversidade. Adversidade é uma palavra que aqui significa

"problemas", "maus momentos", e pouquíssimas pessoas neste mundo passaram por adversidades tão perturbadoras como essas crianças, que são perseguidas aonde quer que vão. Seus problemas começaram um belo dia em que estavam descansando na praia e receberam a notícia desoladora de que os pais haviam morrido num terrível incêndio. Órfãos, foram morar com um parente distante chamado conde Olaf.

Se vocês tivessem que dar uma medalha de ouro para o conde Olaf, teriam que guardá-la em algum lugar bem seguro antes da cerimônia de entrega, porque o conde Olaf era um sujeito tão ganancioso e tão perverso que haveria de tentar roubá-la com antecedência. Os órfãos Baudelaire não tinham uma medalha de ouro, mas tinham uma enorme fortuna que os pais haviam deixado, e era essa fortuna que estava na mira do conde. Os três irmãos sobreviveram, a duras penas, à

experiência de morar com o conde Olaf, e desde então Olaf os seguia para onde quer que fossem, em geral acompanhado por um ou mais dos sinistros e feios auxiliares. Não importa quem estivesse com a guarda dos Baudelaire, o conde Olaf invariavelmente estava no pé das crianças, praticando ações as mais abomináveis, tantas que nem dá para fazer uma lista completa aqui para vocês. Seqüestros, assassinato, telefonemas ameaçadores, disfarces, envenenamento, hipnose, refeições detestáveis, são apenas algumas das adversidades a que os órfãos Baudelaire sobreviveram nas mãos dele. E o pior: o conde Olaf tinha o mau hábito de escapar à captura, de modo que era certo que voltaria mais e mais uma vez. É horrível que isso aconteça, mas esta história é assim o tempo todo, fazer o quê?

Só estou dizendo que a história é assim o tempo todo porque chegou a hora de vocês conhecerem a rude, violenta e nojenta Carmelita Spats, e, se vocês não

agüentarem conhecê-la, é

melhor pôr este livro de lado e ler outra coisa, porque daqui em diante tudo só vai piorar. Não demora muito e Violet, Klaus e Sunny vão ter pela frente tanta adversidade que levar um empurrão de Carmelita Spats será apenas um refresco.

"Saiam do meu caminho, seus bisbórrias!", disse uma garotinha rude, violenta e nojenta, empurrando os órfãos Baudelaire para o lado a fim de abrir passagem. Violet, Klaus e Sunny não souberam o que responder, de tão espantados. O caminho que estavam seguindo era de pedras que pareciam bastante antigas, pois havia grande quantidade de musgo escuro brotando nas brechas das pedras. A calçada cortava um gramado marrom que parecia nunca haver sido regado, no qual centenas de crianças corriam em várias direções. Vez por outra uma delas escorregava e ia ao chão, logo se levantando e retomando a corrida. Parecia uma atividade cansativa e sem sentido, duas coisas que se devem evitar a todo o custo, mas os Baudelaire mal dirigiam o olhar para as outras crianças, atentos aos tijolos musguentos sob os pés.

A timidez é curiosa, porque, da mesma forma que a areia movediça, pega as pessoas de surpresa, e, também como a areia movediça, faz com que as vítimas olhem para baixo. Aquele estava sendo o primeiro dia dos Baudelaire na Escola Preparatória Prufrock, e os três irmãos preferiram não olhar para nada que não fosse o musgo entre as pedras.

"Vocês deixaram cair alguma coisa?", perguntou o sr. Poe, tossindo em um lenço branco. Com toda a certeza os Baudelaire não queriam pôr os olhos era no sr. Poe, que vinha andando logo atrás deles. O sr. Poe era executivo de um banco e fora incumbido de zelar pelos interesses dos Baudelaire depois que os pais das crianças morreram no incêndio — o que, com o tempo, revelou-se uma péssima idéia. O sr. Poe era bem-intencionado — contudo um pote de mostarda provavelmente também o é, e não tenho a menor dúvida de que cuidaria melhor dos Baudelaire. Violet, Klaus e Sunny havia muito tinham aprendido que do sr. Poe só podiam contar com a tosse infalível.

"Não", respondeu Violet, "não deixamos cair nada." Violet era a mais velha dos órfãos Baudelaire, e habitualmente não era nem um pouco tímida. Violet gostava de inventar coisas, e volta e meia a víamos pensando concentradíssima em sua invenção mais recente, os cabelos amarrados com uma fita para não cair nos olhos. Quando concluía uma invenção, gostava de exibi-la aos conhecidos, que em geral se mostravam muito impressionados com seu talento. Agora, ao olhar para os tijolos musguentos, pensava em inventar uma máquina que fosse capaz

de impedir o crescimento de musgo nas calçadas, mas estava nervosa demais para falar nisso. E se nem os professores, nem as crianças, nem os funcionários da escola se interessassem pelas invenções?... Como se houvesse lido seus pensamentos, Klaus pousou a mão no ombro de Violet, e ela sorriu para ele. Ao longo de seus doze anos de existência, Klaus aprendera que a irmã mais velha achava consolador ter uma mão no seu ombro — contanto que a mão estivesse ligada a um braço, é claro. Normalmente, Klaus acrescentaria algumas palavras de conforto, mas naquele momento sentia-se tão tímido quanto a irmã. Quase sempre ele podia ser visto fazendo aquilo de que mais gostava, ou seja, lendo. Quando amanhecia, era comum encontrá-lo adormecido na cama com os óculos ainda no rosto; ficava lendo até tarde e caía no sono com óculos e tudo. Klaus baixou os olhos para o caminho de pedras e lembrou-se de um livro intitulado Mistérios do musgo, porém, com a timidez que sentia, não ousou puxar assunto. E se na Escola Preparatória Prufrock não tivesse nada de bom para ler?...

Sunny, a mais jovem dos Baudelaire, ergueu o olhar para os irmãos, o que fez com que Violet sorrisse para ela e a levantasse nos braços. Isso era fácil de fazer porque Sunny era um bebê, e só pouco maior que um pão de forma. Sunny também estava nervosa demais para falar qualquer coisa, e na verdade às vezes era difícil entender o que ela dizia. Por exemplo, se Sunny não estivesse se sentindo tão acanhada, poderia ter aberto a boca revelando os quatro dentes afiados e dito "Marimô!", o que numa situação como aquela significaria: "Espero que na escola haja muita coisa para morder, porque morder coisas é um dos meus passatempos preferidos!".

"Eu sei por que vocês estão assim tão quietos!", disse o sr. Poe. "E porque estão emocionados, posso compreender. Eu sempre quis ir para um colégio interno quando era jovem, mas nunca tive chance. Para dizer a verdade, sinto até um pouco de inveja de vocês." Os Baudelaire se entreolharam. O fato de a Escola Preparatória Prufrock ser um colégio interno era justamente o que os deixava mais nervosos. Se ninguém ali estivesse interessado em invenções, ou se não houvesse nada para ler, ou se morder fosse proibido, estariam encurralados o dia inteiro e a noite inteira. Já que o sr. Poe sentia inveja, os irmãos bem que desejaram trocar os papéis: ele podia entrar na Escola Preparatória Prufrock, e os três trabalhariam no banco.

"Vocês têm muita sorte de estar aqui", prosseguiu o sr. Poe. "Liguei para mais de quatro escolas até encontrar uma que recebesse vocês três juntos num prazo de tempo tão curto. A Prep Prufrock — como ela é chamada, uma espécie de apelido — é o que há de melhor na área acadêmica. Os professores todos têm título superior. A ala residencial dos alunos é muito bem mobiliada. E o mais importante: há um sistema computadorizado de última geração que manterá o

conde Olaf afastado de vocês.

O vice-diretor Nero me disse que a descrição completa do conde Olaf — tudo, desde a longa e única sobrancelha tipo duas-numa-só até a tatuagem de olho no tornozelo esquerdo — foi programada no computador, de modo que vocês três estarão em segurança aqui durante os próximos anos."

"E como um computador pode manter o conde Olaf afastado?", perguntou Violet, intrigada, sempre com os olhos colados no chão.

"É um computador de última geração", disse o sr. Poe, como se a expressão "última geração" explicasse por si mesma, e não tivesse o sentido de algo "que é moderno, avançado".

"Não atormentem suas cabecinhas pensando no conde Olaf. O vice-diretor Nero me prometeu que vai estar vigilante. Afinal de contas, uma escola de última geração como a Prep Prufrock não haveria de permitir às pessoas que entrem e saiam quando bem entendem."

"Afastem-se, bisbórrias!", disse a rude, violenta e nojenta garotinha ao forçar passagem por eles mais uma vez.

"O que é que ela quer dizer com 'bisbórrias'?", murmurou Violet para Klaus, que possuía um vasto vocabulário graças às leituras.

"Não sei não", confessou Klaus, "mas não me parece lá muito simpático."

"Deve estar querendo dizer 'lambisgóia, que não quer dizer nada", comentou o sr. Poe.

"Bisbórrias... Inventam cada uma! Muito bem, chegamos." Eles haviam atingido o final do caminho de pedras e achavam-se diante da escola. Os Baudelaire ergueram os olhos para o novo lar e prenderam a respiração, surpresos. Se não tivessem olhado fixo para as pedras do chão enquanto atravessavam todo o gramado, já poderiam ter notado a aparência da escola, mas talvez tivesse sido melhor retardar o máximo possível o momento de olhar para ela. Uma pessoa que planeja o desenho de edifícios é conhecida profissionalmente como arquiteto, porém, no caso da Prep Prufrock, melhor teria sido chamá-lo de "deprê arquiteto". A escola era constituída por várias construções, todas em mármore polido cinza, as quais se agrupavam num alinhamento pouco rigoroso. Para chegar aos edifícios, os Baudelaire tiveram que caminhar debaixo de um imenso arco de pedra que projetava sobre a relva uma sombra re-curva, como um arco-íris em que todas as cores eram ou cinzentas ou pretas. Sobre o arco

estava escrito, em enormes letras pretas,

"ESCOLA PREPARATÓRIA PRUFROCK" seguido, em letras menores, do lema da escola:

"Memento mori". Mas não foram os edifícios nem o arco que fizeram as crianças prender a respiração. Foi a forma dos edifícios — o topo era arredondado, como um arco. Um retângulo com o lado superior arredondado é um formato estranho, convenhamos, e pela cabeça dos órfãos só

passou uma coisa que tinha essa forma. Para os Baudelaire, cada um daqueles edifícios parecia exatamente uma lápide.

"Arquitetura bastante estranha", comentou o sr. Poe. "Os prédios parecem dedos polegares. Seja como for, vocês têm que se apresentar no gabinete do vice-diretor Nero imediatamente. Fica no nono andar do edifício principal."

"O senhor não vem conosco, sr. Poe?", perguntou Violet. Violet tinha catorze anos e sabia que catorze anos era idade suficiente para comparecer sozinha ao escritório de qualquer pessoa, contudo estava nervosa por ter que entrar num edifício de aparência tão sinistra sem um adulto ao lado.

O sr. Poe tossiu no lenço ao mesmo tempo que olhava para o relógio de pulso. "Na verdade, não", disse ele quando passou o acesso de tosse. "O expediente no banco já começou. Mas já discuti tudo com o vice-diretor Nero. E lembrem-se: se houver algum problema é só entrar em contato comigo ou com qualquer um dos meus sócios na Administração de Multas. É isso aí. Pé

na estrada. Boa sorte e tudo de bom para vocês na Prep Prufrock."

"Tudo correrá bem", disse Violet, demonstrando mais coragem do que realmente sentia.

"Obrigada por tudo, sr. Poe."

"Obrigado", disse Klaus, apertando a mão do executivo da Administração de Multas.

"Tecal", disse Sunny. Era a sua maneira de dizer "Obrigada".

"Não tem de quê, meus queridos", disse o sr. Poe. "Até mais." Ele se despediu dos três Baudelaire com um aceno de cabeça, e em seguida, sob o olhar atento de Violet e Sunny, fez o caminho de volta sobre as pedras musguentas, evitando cuidadosamente o corre-corre da garotada. No entanto Klaus não ficou olhando

para ele. Estava observando o enorme arco que se erguia à entrada do colégio.

"Posso não saber o que significa 'bisbórria'", disse Klaus, "mas acho que sei traduzir o lema de nossa nova escola."

"Parece estar escrito em outra língua", disse Violet erguendo os olhos para a inscrição.

"E está mesmo", disse Klaus. "É latim. Muitos lemas são em latim, por alguma razão. Não conheço muito latim, mas me lembro de ter lido essa expressão num livro sobre a Idade Média. Se o sentido é o que eu imagino, trata-se de um lema estranho, sem dúvida alguma."

"O que é que você acha que significa?", perguntou Violet.

"Se não me engano", disse Klaus, que raramente se enganava, "'Memento mori' quer dizer

'Lembra-te de que morrerás'".

"Lembra-te de que morrerás", repetiu Violet em voz baixa, e os três irmãos se encolheram uns sobre os outros, como se sentissem muito frio. Mais cedo ou mais tarde todos morreremos, é

claro. Acrobatas de circo hão de morrer, exímios clarinetistas hão de morrer, vocês e eu havemos de morrer, e talvez neste exato momento alguém que more no seu quarteirão esteja atravessando uma rua sem olhar para ambos os lados e morra dentro de poucos segundos, tudo por causa de um ônibus. Todos havemos de morrer, mas quase ninguém quer ser lembrado disso. As crianças certamente não queriam pensar nisso, muito menos ao passar sob o arco na entrada da Prep Prufrock. Os órfãos Baudelaire não precisavam ser lembrados disso ao iniciar o primeiro dia no gigantesco cemitério que era seu novo lar.

CAPÍTULO

Dois



Quando se achavam diante da porta da sala do vice-diretor Nero, os órfãos lembraram-se de algo que seu pai lhes havia dito poucos meses antes de morrer. Certa noite os Baudelaire pais saíram para assistir a um concerto sinfônico, e os três filhos ficaram sozinhos na mansão da família. Os Baudelaire seguiam uma rotina mais ou menos preestabelecida em noites como aquela. Primeiro, Violet e Klaus jogavam algumas partidas de damas enquanto Sunny se divertia rasgando jornais antigos, depois as três crianças liam na biblioteca até adormecer em confortáveis sofás. Quando os pais voltavam para casa, despertavam os filhos adormecidos, conversavam um pouco com eles sobre como tinha sido a noite e mandavam-nos para a cama. Mas naquela noite em particular os Baudelaire pais voltaram para casa mais cedo e os filhos ainda estavam acordados lendo — ou, no caso de Sunny, vendo figuras. O pai foi até a porta da biblioteca e disse algo que eles nunca esqueceram. "Meus filhos", disse ele, "não há pior som no mundo do que o de alguém que não sabe tocar violino mas insiste em tocar, seja como for." Na ocasião os Baudelaire simplesmente soltaram uns risinhos, contudo, ao escutar o som que atravessava a porta do vice-diretor, compreenderam que o pai estava coberto de razão. Quando chegaram perto da pesada porta de madeira, o som lhes pareceu o de um animalzinho tendo um acesso de raiva. Porém, depois de escutar com maior atenção, as crianças perceberam que se tratava de alguém que não sabia tocar violino mas insistia em tocá-lo, fosse como fosse. Os sons esganiçavam, silvavam, gemiam e percorriam toda uma gama de horríveis matizes, impossíveis de descrever. Enfim, Violet não agüentou mais e bateu à porta. Bateu com toda a força e com insistência, para ser ouvida sobre o atroz recital de violino que se realizava lá dentro. Afinal, a porta se abriu com um rangido e surgiu à frente da menina a figura de um homem alto com um violino sob o queixo e um brilho colérico nos olhos.

"Quem ousa interromper o ensaio de um gênio?", perguntou o homem, fazendo retumbar a voz num tal volume que bastava para qualquer pessoa voltar a enfiar-se em sua concha de timidez.

"Os Baudelaire", disse Klaus baixinho, encarando o chão. "O sr. Poe disse que era para virmos imediatamente ao gabinete do vice-diretor Nero."

"O sr. Poe disse para virmos imediatamente ao gabinete do vice-diretor Nero", arremedou o homem em tom de falsete esganiçado. "Bem, entrem, entrem, não tenho a tarde inteira à

disposição."

As crianças entraram na sala e puderam ver melhor o homem que havia debochado delas. Ele vestia um terno marrom um pouco amarrotado, com algo

preso ao paletó, e usava uma gravata estampada com cobras. Seu nariz era bem pequeno e muito vermelho, parecia até que alguém tinha pespegado um tomate cereja bem no centro daquele rosto manchado. Era quase todo careca, a não ser por quatro tufos esparsos presos com uns elásticos velhos formando rabichos-de-cavalo. Os Baudelaire jamais tinham visto alguém parecido com aquele homem estranho, e não estavam particularmente interessados em continuar a olhá-lo, mas o gabinete era tão exíguo e tão vazio que ficava difícil olhar para qualquer outra coisa. Havia uma pequena escrivaninha metálica com uma pequena cadeira metálica atrás, e uma pequena lâmpada metálica de um dos lados. Havia uma única janela, decorada com cortinas que combinavam com a gravata do homem. Além desses móveis, viram apenas mais um objeto na sala, um reluzente computador acocorado a um canto como um sapo. O computador tinha um monitor cinza e alguns botões tão vermelhos como o nariz da figura que ostentava rabichos-de-cavalo.

"Senhoras e senhores", anunciou o homem alteando a voz, "o vice-diretor Nero!" Houve uma pausa, e as três crianças olharam à sua volta na saleta exígua, especulando, intrigados, onde Nero poderia ter se escondido todo aquele tempo. Tornaram a olhar, então, para o homem dos tufos esparsos de cabelo, que mantinha ambas as mãos para o alto, com o violino e o arco quase tocando o teto, e compreenderam que a pessoa que ele acabara de apresentar em termos tão solenes não era outro senão ele próprio. Nero fez uma pausa e baixou os olhos para os Baudelaire.

"Faz parte da tradição", disse ele muito sério, "aplaudir quando um gênio é apresentado." O simples fato de um comportamento ser tradicional não justifica que se deva segui-lo, é

claro. A pirataria, por exemplo, é uma tradição que foi seguida durante centenas de anos, mas isso não significa que todos nós devamos atacar navios e roubar ouro. O vice-diretor Nero, porém, estava com um ar tão feroz que as crianças sentiram que aquele era um momento de honrar a tradição, e por isso começaram a bater palmas e só pararam depois que Nero fez várias curvaturas e enfim sentou-se à cadeira.

"Muito obrigado, e sejam bem-vindos à Escola Preparatória Prufrock, patati, patatá", disse ele, usando o patati, patatá com a intenção de dar a entender que estava entediado demais para concluir adequadamente sua frase. "Não resta dúvida, estou fazendo um imenso favor ao sr. Poe ao admitir três órfãos assim, de supetão. Ele me assegurou que vocês não vão criar nenhum problema, mas andei investigando por conta própria e constatei que vocês trocaram várias vezes de tutores legais, sempre por causa de alguma adversidade. 'Adversidade', vale

lembrar, significa

'problemas'."

"Em nosso caso", disse Klaus, sem assinalar que já sabia o que significava "adversidade",

"'adversidade' significa conde Olaf. Ele foi a causa de todos os problemas com nossos tutores."

"Ele foi a causa de todos os problemas com. nossos tutores', repetiu Nero com seu jeito hostil de arremedar em falsete. "Não estou interessado nos problemas de vocês, para ser franco. Sou um gênio e não tenho tempo para outra coisa que não seja tocar violino. Já é bastante deprimente que eu tenha de aceitar este cargo de vice-diretor por não haver uma orquestra sequer que aprecie meu gênio. Não vou me deprimir ainda mais ouvindo os problemas de três crianças malcomportadas. De qualquer modo, aqui na Prep Prufrocknão vai ser possível pôr a culpa de suas próprias fraquezas nesse tal de conde Olaf. Vejam só isso."

O vice-diretor Nero foi até o computador e apertou dois botões repetida e insistentemente. A tela acendeu-se com um brilho esverdeado, como se estivesse se sentindo mareada. "Este é um computador de última geração", disse Nero. "O sr. Poe deu-me toda a informação necessária sobre o homem que vocês chamam de conde Olaf, e programei tudo aqui no computador. Estão vendo?" Nero apertou outro botão e uma pequena imagem do conde Olaf apareceu na tela. "Agora que o computador de última geração sabe da existência dele, vocês não têm por que se preocupar."

"E como um computador pode manter o conde Olaf à distância?", perguntou Klaus. "Pouco importa a imagem na tela de um computador, ele poderia aparecer e causar problemas."

"Eu não deveria ter me dado ao trabalho de tentar explicar isso para vocês", disse o vice-diretor Nero. "É impossível que pessoas sem instrução como vocês entendam um gênio como eu. Bem, a Prep Prufrockvai dar um jeito nisso. Aqui vocês serão educados ainda que tenhamos de quebrar os dois braços de cada um para atingir nosso objetivo. Por falar nisso, é hora de mostrar as instalações para vocês. Venham aqui até a janela."

Os órfãos Baudelaire caminharam até a janela e baixaram os olhos para a relva marrom. Do nono andar, onde se achavam, todas as crianças correndo lá embaixo pareciam formiguinhas, e o caminho de pedras parecia uma longa fita que alguém havia jogado fora. Nero colocara-se detrás dos irmãos e apontava as

coisas com seu violino.

"O edifício em que vocês estão é o da administração. O acesso é inteiramente proibido aos estudantes. Hoje vocês têm uma licença especial por ser o primeiro dia, mas, se eu tornar a vê-los aqui, a punição é não usar talheres nas refeições. Aquele prédio cinzento lá adiante é onde ficam as salas de aula. Violet, você estudará com o sr. Remora, na Sala 1, e você, Klaus, estudará com a sra. Bass, na Sala 2. Dá para vocês se lembrarem disso — Sala 1 e Sala 2? Se acharem que não são capazes de se lembrar, posso escrever com um marca-texto na palma de suas mãos, a tinta não se apaga."

"Dá para lembrar", disse Violet prontamente. "Mas qual é a sala de aula da Sunny?" O vice-diretor Nero empertigou-se assumindo sua plena estatura — no caso, um metro e setenta e cinco. "A Escola Preparatória Prufrock é um colégio sério, não é um jardim-de-infância. Eu disse para o sr. Poe que teríamos lugar para o bebê aqui, mas não uma sala de aula. Sunny ficará

empregada como minha secretária."

"Aueg?", perguntou Sunny incredulamente. Incredulamente é uma palavra que aqui significa "sem poder acreditar", e "Aueg" é uma palavra que aqui significa "O quê? Não posso acreditar".

"Mas Sunny é um bebê", disse Klaus. "Onde já se viu dar emprego a bebês?"

"Onde já se viu dar emprego a bebês?", Nero tornou a arremedar, e prosseguiu: "Bem, e onde já se viu bebês em colégio interno?", perguntou. "Ninguém consegue ensinar coisa alguma a um bebê, de forma que ela trabalhará para mim. Tudo o que precisa fazer é atender o telefone e cuidar da papelada. Não vejo nenhuma dificuldade, sem falar que é uma honra trabalhar para um gênio, convenhamos. Bem, se algum de vocês chegar atrasado à sala de aula, ou se Sunny se atrasar para o trabalho, o castigo é ficar com as mãos amarradas nas costas durante as refeições. Vocês terão que se abaixar e abocanhar a comida no prato, como cachorros. É claro que Sunny sempre ficará sem os talheres, porque trabalhará no edifício da administração, onde é proibido entrar crianças."

"Isso não é justo!", gritou Violet.

"Isso não é justo!", o vice-diretor rebateu em extremo falsete. "No edifício de mármore mais adiante fica o refeitório. As refeições são servidas pontualmente na hora do café, do almoço e do jantar. Quem se atrasar não tem direito a xícaras nem copos, e deverá beber os líquidos despejados em grandes poças na mesa. Aquela construção com o topo em arco, lá no fim, é o auditório. Todas as

noites eu dou um recital de violino com duração de seis horas, aos quais os alunos são obrigados a assistir. A palavra obrigado significa que, se vocês não comparecerem, terão que comprar um grande saco de balas e ficar olhando enquanto eu como todas. O gramado serve como quadra de esportes. Nossa professora titular de ginástica, srta. Tench, sofreu um acidente; caiu de uma janela do terceiro andar alguns dias atrás. Mas já encontramos quem a substitua e logo, logo a nova professora chegará. Enquanto isso, dei ordens para que durante a aula de educação física as crianças corram o máximo que puderem. Bem, acho que era tudo o que eu tinha a dizer. Alguma pergunta?"

"Será que pode haver alguma coisa pior do que isso?", era a pergunta que Sunny tinha na cabeça mas que, por educação, não seria capaz de fazer. "O senhor está falando sério sobre todos esses castigos e todas essas regras ridículas?", era a pergunta que estava no pensamento de Klaus mas que ele calou porque sabia de antemão que a resposta seria "Sim". Violet foi a única que pensou numa pergunta que valia a pena ser dita em voz alta.

"Eu tenho uma pergunta, vice-diretor Nero", disse ela. "Onde vamos morar?" A resposta de Nero era tão previsível que os órfãos Baudelaire poderiam tê-la formulado junto com o deplorável administrador. "Onde vamos morar?", disse ele no falsete debochado de sempre. Desta vez, porém, quando terminou de fazer troça das crianças, decidiu responder à

pergunta. "Temos uma ala residencial magnífica aqui na Prep Prufrock", começou. "Vocês precisam ver. É um prédio cinza, todo de mármore e tem a forma de um dedão do pé. Há uma sala de estar muito espaçosa com lareira de pedra, uma sala de jogos e uma biblioteca bem ampla. Cada estudante tem seu quarto e tem direito a frutas para o consumo individual, repostas todas as quartas-feiras. Não lhes parece ótimo?"

"De fato", admitiu Klaus.

"Tib!", gritou Sunny, querendo dizer: "Eu gosto de fruta!", ou algo do gênero.

"Fico contente de pensarem assim", disse Nero, "contudo vocês não terão muita oportunidade de ver o lugar. Para morar na ala residencial, os alunos precisam de um documento de autorização com a assinatura de pai, mãe ou responsável. Seus pais morreram, e o sr. Poe me disse que os tutores que vocês tiveram ou foram mortos ou mandaram vocês embora."

"Mas o sr. Poe com certeza pode assinar nosso passe de autorização", disse Violet.

"Com certeza não pode", respondeu Nero. "Ele não é nem pai nem tutor de vocês. É um executivo de banco que está encarregado de tratar da herança."

"Mas é mais ou menos a mesma coisa", protestou Klaus.

"Mas é mais ou menos a mesma coisa", arremedou Nero, debochando. "Talvez depois de alguns semestres na Prep Prufrock vocês aprendam a diferença entre um pai e um executivo de banco. É pena, não há outro jeito senão vocês morarem num pequeno barraco de zinco. Não haverá

sala de estar, nem sala de jogos, nem nada que se pareça com uma biblioteca. Cada um terá o seu montinho de feno para dormir, e nada de frutas. É um lugar desanimador, mas o sr. Poe me contou que vocês tiveram experiências das mais desconfortáveis, de modo que, imagino, já devem estar acostumados."

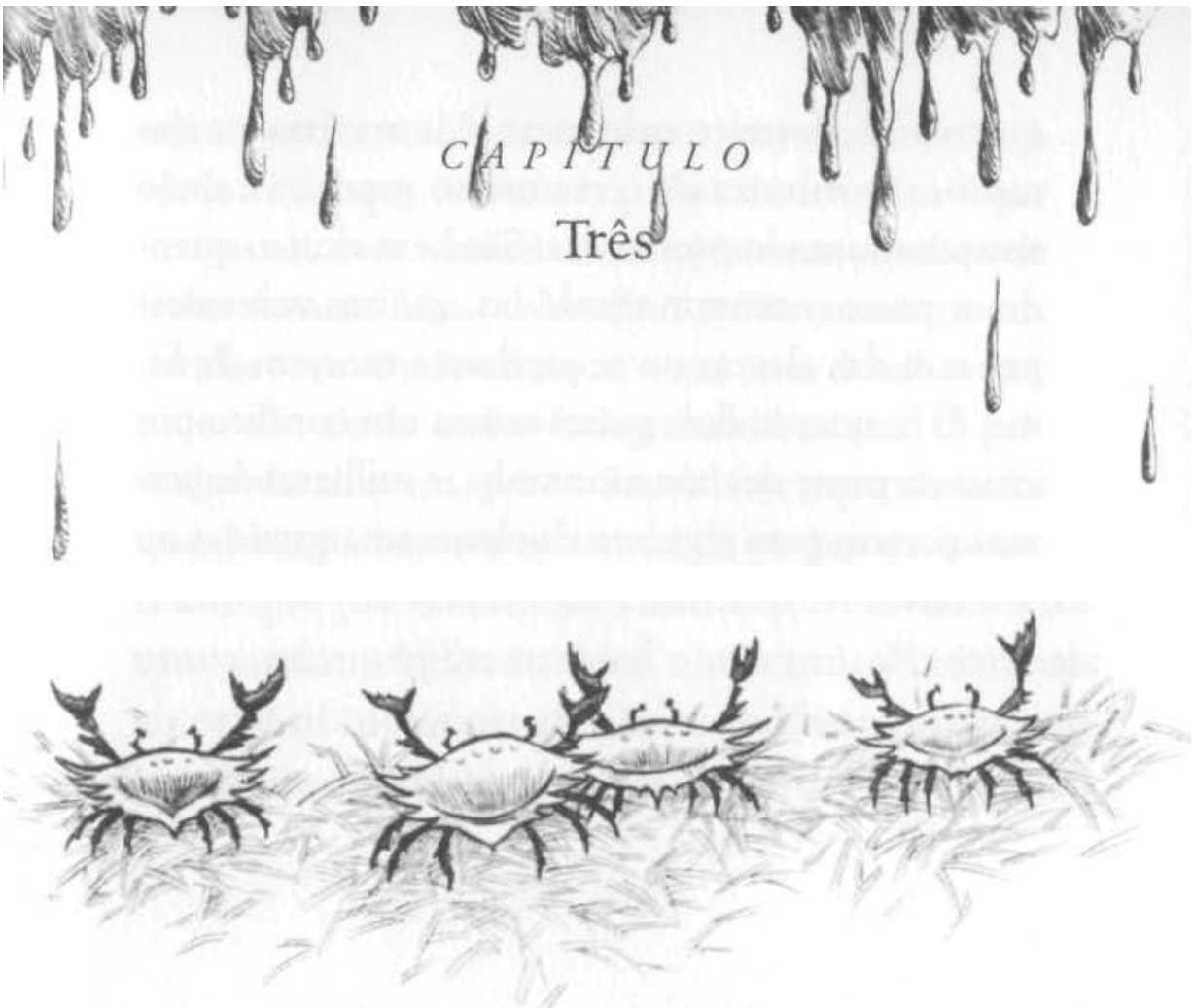
"O senhor não poderia, por favor, abrir uma exceção?", perguntou Violet.

"Sou um violinista!", gritou Nero. "Não tenho tempo para abrir exceções! Vivo ocupado demais ensaiando. E agora, não me levem a mal, peço que se retirem do meu gabinete para que eu retome o trabalho."

Klaus abriu a boca para dizer mais alguma coisa, no entanto, quando olhou para Nero, percebeu que não adiantaria nada dizer mais nenhuma palavra para um homem tão teimoso, e melancolicamente seguiu as irmãs e retirou-se do gabinete do vice-diretor. Quando, porém, a porta se fechou atrás deles, o vice-diretor Nero pronunciou mais uma palavra, e pronunciou-a três vezes. As três crianças escutaram essas três palavras e descobriram então, com toda a certeza, que ele não havia tido a menor, mas a menor pena deles. Pois assim que os Baudelaire saíram da sala e Nero pensou estar sozinho, disse para si próprio: "Hi, hi, hi". Bem, o vice-diretor da Escola Preparatória Prufrock não disse exatamente as sílabas "hi, hi, hi", é claro. Sempre que vocês lerem num livro "hi, hi, hi" ou "ha, ha, ha" ou "ah, ah, ah" ou "eh, eh, eh" ou mesmo "ho, ho ho", significa que alguém está rindo. Neste caso, entretanto, as palavras

"hi, hi, hi" não conseguem descrever como soou o riso do vice-diretor Nero. Foi um riso que parecia um rangido, com um chiado e uns estalidos secos, como se Nero estivesse comendo latas enquanto ria das crianças. Mais que tudo, porém, o riso tinha um tom cruel. É sempre cruel rir das pessoas, não há dúvida, embora seja difícil controlar se estivermos diante de alguém com um chapéu ridículo, por exemplo. Mas os Baudelaire não estavam usando chapéus ridículos. Eram criancinhas que tinham acabado de receber más notícias, e, se o vice-diretor Nero realmente não tivesse como deixar de rir delas, pelo menos deveria ter sido capaz de controlar-se até os irmãos se afastarem e as risadas soarem longe dos

ouvidos deles. Contudo Nero não deu a mínima para isso e, ao ouvir as risadas, os órfãos Baudelaire entenderam que não era verdade aquilo que seu pai lhes dissera



na tal noite quando chegou do concerto. Havia, sim, um som pior que o de uma pessoa que não sabe tocar violino mas insiste em tocá-lo, seja como for. O som de um administrador soltando risadinhas cruéis, e ainda por cima rangentes, chiantes e pipocadas de estalidos secos, risadinhas por estar diante de crianças que vão ter de morar num barraco, é muito, mas muito pior. Assim, no momento em que me escondo nesta cabana na montanha e escrevo as palavras "hi, hi, hi", e vocês, onde quer que estejam escondidos, lêem as palavras "hi, hi, hi", saibam que em toda a vida os Baudelaire jamais tinham escutado sons piores que aqueles "hi, hi, hi" do vice-diretor Nero.

A expressão "fazer uma montanha de um montinho de terra levantado por toupeiras" significa fazer de uma coisa à-toa um bicho-de-sete-cabeças, transformar em uma coisa gigantesca algo que na verdade é insignificante. E é fácil ver como surgiu essa expressão. Montinhos feitos por toupeiras são simples

montinhos de terra em que esses animais se instalam para proteger-se, e jamais fizeram mal a ninguém — exceto, talvez, machucar o dedão do pé de quem anda descalço pelo mato. Montanhas, no entanto, são montes de terra muito grandes e estão sempre causando problemas. São bem altas e, quando as pessoas tentam escalá-las, muitas vezes despencam das alturas ou se perdem e morrem de fome. É freqüente dois países terem um conflito por causa da posse de uma montanha, e milhares de pessoas partem para a guerra e voltam amarguradas ou feridas. Sem falar que as montanhas servem de moradia para cabras e leões monteses, que adoram atacar grupos indefesos em piquenique para comer sanduíches ou crianças. Assim, quando se diz que alguém faz uma montanha de um montinho de terra levantado por toupeiras é como dizer que alguém pretende que uma topada com o dedão do pé seja tão horrível quanto uma guerra ou um piquenique que termina mal.

Contudo, ao chegarem ao barraco em que iam morar, os órfãos Baudelaire perceberam que o vice-diretor Nero não havia feito nenhuma montanha de um simples montinho de terra quando disse que o barraco era um lugar desanimador. Quando muito, ele havia feito de uma montanha um montinho de terra. Realmente, o barraco era pequeno, como havia anunciado, mínimo mesmo, e todo feito de zinco; e ele não mentira ao declarar que não havia sala de estar, nem sala de jogos, nem biblioteca. A verdade era que havia três pilhas de feno em lugar de camas, e os irmãos não viram nem sombra de frutas frescas. Mas o vice-diretor Nero omitira uns detalhes em sua descrição, e eram esses detalhes que pioravam ainda mais a imagem do barraco. O primeiro detalhe em que os Baudelaire repararam foi que o barraco estava infestado de pequenos caranguejos, caranguejinhos do tamanho de uma caixa de fósforos, zanzando feito doidos pelo assoalho de madeira, com as pinças minúsculas em incessante abre-e-fecha no ar. Depois de entrar no barraco e sentar-se melancólicos numa das pilhas de feno, os três passaram pela triste experiência de constatar que os caranguejos tinham um sentimento forte de apego territorial, ou seja, mostravam-se "contrariados em ver crianças pequenas invadindo uma propriedade privada". Os caranguejos juntaram-se em torno dos Baudelaire e começaram a ameaçá-los, avançando contra eles com as pinças levantadas. Por sorte, os animaizinhos não tinham a melhor das pontarias, e por sorte suas pinças eram tão minúsculas que provavelmente não machucariam mais que um forte beliscão. Mas, ainda que fossem mais ou menos inofensivos, não contribuíam para tornar o barraco mais aprazível.

Uma vez sentados na pilha de feno com as pernas encolhidas para proteger-se da agressividade dos caranguejos, os Baudelaire olharam para o teto e viram outro detalhe que Nero deixara de mencionar. Havia uma espécie de fungo proliferando no teto, um fungo bege-claro e bastante úmido. De cinco em cinco

segundos, gotas de umidade do fungo caíam fazendo plim!, e as crianças tinham que se esquivar para não serem alvo do suco de fungo. Assim como os pequenos caranguejos, o plim! não parecia oferecer maior perigo, mas, assim como os pequenos caranguejos, tornava o barraco ainda mais desconfortável do que sugerira a descrição do vice-diretor.

E finalmente, sentadas sobre a pilha de feno com as pernas encolhidas tentando esquivar-se dos respingos do suco de fungo, os irmãos notaram mais um detalhe inofensivo porém desagradável, mais um detalhe que tornava o barraco pior do que Nero as fizera supor. Estou me referindo à cor das paredes. Todas as paredes de zinco estavam pintadas de ver-de-vivo, com pequenos corações cor-de-rosa salpicados aqui e ali como se o barraco fosse um enorme cartão brega de Dia dos Namorados, e não um lugar para morar. Os Baudelaire concluíram então que ainda era melhor olhar para as pilhas de feno, ou para os caranguejos no assoalho, ou mesmo para o fungo bege-claro no teto, do que para as horrendas paredes.

Em suma, o barraco era miserável demais até para servir como local de despejo de cascas de banana, quanto mais para ser o lar de três jovens criaturas — e eu confesso que, se tivesse que morar ali, me jogaria nas pilhas de feno e teria uma crise histérica. Só que os Baudelaire já haviam aprendido que as crises histéricas, por mais exageradas que fossem, raramente eram a solução para qualquer problema. E assim, depois de um longo e sofrido silêncio, os órfãos tentaram encarar a situação de um ponto de vista mais positivo.

"Este não é um ambiente dos mais acolhedores", disse Violet rematando sua reflexão,

"mas, se eu me concentrar bastante, aposto que conseguirei inventar um jeito de manter esses caranguejos longe da gente."

"E eu vou tratar de ler sobre esse fungo bege-claro", disse Klaus. "Talvez a biblioteca da ala residencial possa me ajudar a descobrir o que fazer para que ele pare de pingar."

"Iuvuzê", falou Sunny, querendo dizer algo como: "Aposto que posso usar meus quatro dentes afiados para raspar essa pintura todinha e tornar as paredes um pouco menos feias". Klaus beijou a irmãzinha no alto da cabeça. "Pelo menos conseguimos vir para uma escola", observou. "Estava sentindo muita falta de freqüentar uma sala de aula de verdade."

"Eu também", concordou Violet. "Pelo menos vamos encontrar gente da nossa idade. Há

muito tempo que só temos tido a companhia de adultos."

"Uono", falou Sunny, provavelmente querendo dizer: "E aprender tarefas de secretária será uma oportunidade emocionante, embora o lugar ideal para mim fosse o jardim-de-infância".

"É verdade", disse Klaus. "Mas, pensando bem, talvez o computador de última geração consiga realmente manter o conde Olaf à distância. E é o que importa, mais do que tudo."

"Você tem razão", disse Violet. "Morar num lugar longe do conde Olaf é tudo o que eu quero."

"Olou", disse Sunny, que queria dizer: "Mesmo que seja feio, úmido e repleto de caranguejos", ou algo do gênero.

As crianças suspiraram e em seguida ficaram quietas por alguns momentos. O barraco ficou em silêncio, a não ser pelo ruído das miúdas pinças dos caranguejos chocando-se uns contra os outros, o plim! do fungo e os suspiros dos Baudelaire, que observavam as horrendas paredes. Por mais que tentassem, os garotos simplesmente não eram capazes de olhar para o barraco como para um montinho de terra levantado por toupeiras. Mesmo com o pensamento voltado para salas de aula de verdade, para gente da idade deles, ou para a emocionante oportunidade de trabalhar como secretária, o novo lar parecia muito, mas muito pior do que o mais dolorido dos machucados produzidos por uma topada com o dedão do pé.

"Bom", disse Klaus passado algum tempo, "está na hora do almoço. Lembrem-se: se chegarmos atrasados, eles retiram nossas xícaras e nossos copos, por isso é interessante a gente começar a se mexer."

"Essas regras são ridículas", disse Violet, esquivando-se para evitar um plim!. "Hora do almoço não é um momento exato, não é hora marcada, mas um intervalo, um período, por volta do almoço — logo, não se pode chegar atrasado."

"Eu sei", disse Klaus, "e aquilo de Sunny ser castigada por entrar no prédio administrativo, quando ela tem que estar lá para ser a secretária de Nero, é completamente absurdo."

"Cualc!", falou Sunny, pondo sua mãozinha sobre o joelho de Klaus. Ela estava querendo dizer algo como: "Não se preocupe com isso. Sou um bebê, quase nunca uso talheres. Pouco importa que me façam ficar sem eles".

Regras ridículas ou não, os órfãos não estavam a fim de ser punidos, de modo que os três se puseram cautelosamente em movimento — a palavra cautelosamente aqui significa "evitando os caranguejos territorialmente apegados" —, avançando até a porta do barraco e de lá para o gramado marrom. A aula de ginástica devia ter acabado, porque todas as crianças que minutos antes estavam correndo tinham sumido, e isso foi um alerta para os Baudelaire apressarem ainda mais o passo em direção ao refeitório.

Muitos anos antes desta história, quando Violet estava com dez anos, Klaus com oito e Sunny ainda não era sequer um feto, a família Baudelaire compareceu a uma feira anual do município para ver um porco que o tio Elwyn havia inscrito num concurso. O Concurso de Porcos revelou-se meio chato, mas numa barraca vizinha realizou-se um outro que a família achou muito interessante: o Concurso da Lasanha. A lasanha que conquistou o primeiro prêmio havia sido preparada por onze freiras, e era tão grande e macia quanto um colchão bem avantajado. Talvez por se acharem numa idade caracteristicamente impressionável — a expressão "caracteristicamente impressionável" aqui significa "dez e oito anos, respectivamente" —, Violet e Klaus nunca esqueceram essa lasanha, e tinham certeza de que jamais tornariam a ver outra que se aproximasse, de longe, de suas dimensões.

Violet e Klaus estavam enganados. Quando os Baudelaire entraram no refeitório, encontraram uma lasanha à sua espera, uma lasanha do tamanho de uma pista de dança. Estava montada sobre um imenso tripé para que não queimasse o assoalho, e a pessoa que a servia usava uma grossa máscara de ferro, de modo que as crianças podiam ver apenas seus olhos espreitando de dentro de minúsculas aberturas na máscara protetora. Os estarrecidos Baudelaire entraram numa longa fila de crianças e esperaram a vez de receber uma fatia da lasanha que aquela pessoa com a máscara de ferro lhes estendia na feiosa bandeja de plástico sem dizer uma palavra. De posse da lasanha, os órfãos avançaram um pouco mais na fila e se serviram de salada de alface, que os aguardava numa tigela do tamanho de um caminhão. Junto à salada havia uma montanha de torradas com alho, e ao final da fila outra pessoa com máscara de ferro entregava talheres para os estudantes que não haviam entrado no prédio administrativo.

Os Baudelaire disseram "Obrigado" a essa pessoa, que lhes respondeu com um lento e férreo movimento de cabeça. Eles então lançaram um longo olhar em volta do refeitório lotado. Centenas de crianças já haviam recebido sua lasanha e achavam-se sentadas em torno de mesas retangulares e compridas. Os Baudelaire notaram muitas crianças que sem sombra de dúvida haviam entrado no prédio administrativo, pois não tinham talheres. Viram muitos estudantes com

as mãos atadas às costas, como castigo por terem chegado atrasados à sala de aula. E viram muitos estudantes com grande tristeza estampada no rosto, como se tivessem sido forçados a comprar um saco de balas sem ter o direito de comer uma só — os órfãos adivinharam que esses estudantes não tinham comparecido a um daqueles concertos de Nero.

Mas não foi nenhum desses castigos que fez os órfãos Baudelaire ficarem em pé por tanto tempo. Foi simplesmente o fato de que eles não sabiam onde sentar-se. Refeitórios podem deixar as pessoas um pouco atrapalhadas, porque às vezes é difícil decidir onde sentar-se para comer. Em geral, os Baudelaire escolheriam a companhia de um de seus amigos, porém seus amigos estavam longe, muito longe da Escola Preparatória Prufrock, e Violet, Klaus e Sunny circularam o olhar pelo refeitório repleto de estranhos e chegaram a pensar que talvez fosse melhor não apoiar suas feiosas bandejas em lugar nenhum. Então encontraram os olhos da garota que haviam visto no gramado, aquela que os tinha chamado de "bisbórrias", e caminharam alguns passos na direção da menina.

Bom, vocês e eu sabemos que essa detestável guriazinha era Carmelita Spats, mas os Baudelaire não haviam sido devidamente apresentados a ela, por isso não tinham idéia do quanto ela era detestável. Se bem que mal os órfãos começaram a se aproximar ela já soltou uma grosseria.

"Nem pensem em comer aqui do nosso lado, seus bisbórrias!", disse Carmelita Spats aos gritos, e muitos outros de seus rudes, nojentos e violentos amigos concordaram balançando a cabeça. "Ninguém quer almoçar com gente que mora no Barraco dos Órfãos!"

"Sinto muito", disse Klaus, embora não fosse verdade que ele sentisse muito. "Não tive a intenção de incomodar vocês."

Carmelita, que parecia nunca ter entrado no prédio administrativo, pegou do talher e começou a batê-lo contra sua bandeja, de um modo insistente, ritmado e irritante. "Lugar de órfãos é no Barraco dos Órfãos! Lugar de órfãos é no Barraco dos

Órfãos!", ela se pôs a recitar como uma cantilena e, para aflição dos Baudelaire, muitas outras crianças fizeram coro. Como muitas outras criaturas rudes, nojentas e violentas, Carmelita Spats tinha uma penca de amigos sempre disposta a ajudá-la a atormentar as pessoas —

provavelmente para evitar que elas próprias fossem atormentadas. Em poucos segundos, o refeitório inteiro parecia estar batendo os talheres e recitando: "Lugar de órfãos é no Barraco dos Órfãos!". Os três irmãos se encolheram e, assim,

colados uns nos outros, esticaram o pescoço à

procura de algum canto onde pudessem refugiar-se e almoçar sossegados.

"Ei, deixe as crianças em paz, Carmelita!", ouviu-se uma voz gritar mais alto que a recitação do coro. Os Baudelaire viraram-se e viram um menino de cabelos muito escuros e olhos bem grandes. Ele parecia um pouco mais velho que Klaus e um pouco mais novo que Violet, e tinha um caderno verde-escuro enfiado no bolso de seu suéter grosso de lã. "Você é que é a maior bisbórria, e ninguém em juízo perfeito gostaria de comer ao seu lado, essa é que é a verdade. Venham para cá", disse o garoto, voltando-se para os Baudelaire. "Aqui em nossa mesa tem lugar para vocês."

"Muito obrigada", disse Violet com alívio, e seguiu o menino até uma mesa com bastante espaço vazio. O garoto sentou-se ao lado de uma menina que era absolutamente idêntica a ele. Parecia ter a mesma idade, cabelos também muito escuros, olhos bem grandes e... um caderno enfiado no bolso do suéter grosso de lã. A única diferença era que o caderno da garota era negro como breu. Ver duas pessoas assim tão iguaizinhas dá uma sensação meio esquisita, mas era melhor do que olhar para Carmelita Spats, por isso os Baudelaire se sentaram de frente para os dois e se apresentaram.

"Eu sou Violet Baudelaire", disse Violet Baudelaire, "e este é meu irmão, Klaus, e nossa irmã bebê, Sunny."

"Prazer em conhecê-los", disse o garoto. "Meu nome é Duncan Quagmire, e esta é minha irmã, Isadora. E a garota que estava gritando com vocês, lamento mencionar, é Carmelita Spats."

"Não me pareceu muito simpática", disse Klaus.

"Você está sendo supergentil", disse Isadora. "Carmelita Spats é rude, nojenta e violenta, e quanto menos tempo vocês passarem com ela mais felizes hão de ser."

"Leia para os Baudelaire o poema que você escreveu sobre ela", Duncan disse para a irmã.

"Você escreve poesia?", perguntou Klaus. Ele havia lido muito sobre poetas, mas nunca conhecera um pessoalmente.

"Pouca coisa", Isadora disse com modéstia. "Escrevo poemas neste caderno. É um prazer que eu me dou."

"Safo!", gritou Sunny de repente, o que significava: "Gostaria muito de ouvir um de seus poemas!", ou algo do gênero.

Klaus explicou aos Quagmire o que Sunny queria dizer. Isadora sorriu e abriu seu caderno. "É um poema muito curto", disse. "Só dois versos rimados."

"É o que se chama 'dístico'", disse Klaus. "Li isso num livro de crítica literária."

"Sim, eu sei", disse Isadora, e então leu o poema, aproximando-se dos Baudelaire para não ser ouvida por Carmelita Spats.

"Melhor engolir cobras e lagartos grátis E estar longe de Carmelita Spats." Os Baudelaire deram risadinhas, tapando a boca para que ninguém soubesse que estavam rindo de Carmelita. "Muito legal", disse Klaus. "Adorei a parte das cobras e lagartos grátis."

"Obrigada", disse Isadora. "Fiquei interessada em ler esse livro de crítica literária que você

mencionou. Você me empresta?"

Klaus baixou os olhos. "Não posso", disse. "Esse livro era de meu pai e foi destruído num incêndio."

Os Quagmire se entreolharam e seus olhos ficaram ainda maiores. "Sinto muito ouvir isso", disse Duncan. "Minha irmã e eu passamos pela experiência de um incêndio terrível, e sabemos como é. Seu pai morreu no incêndio?"

"Sim", disse Klaus, "e minha mãe também."

Isadora descansou o garfo, estendeu a mão por cima da mesa e acariciou a de Klaus. Em geral isso o teria deixado um pouco sem jeito, mas naquelas circunstâncias pareceu-lhe perfeitamente natural. "Sinto muito", disse ela. "Nossos pais também morreram num incêndio. É

horrível sentir a falta dos pais, não é?"

"Blôni", disse Sunny, concordando.

"Durante muito tempo", confessou Duncan, "tive medo de qualquer tipo de fogo. Não gostava de olhar nem sequer para aquecedores e lareiras."

Violet sorriu. "Nós moramos uma época com a tia Josephine, que tinha medo de aquecedores. Ela tinha medo de que eles explodissem."

"Explodir?!", surpreendeu-se Duncan. "Tanto medo assim eu nunca senti. Por que vocês não estão morando agora com sua tia Josephine?"

Desta vez foi Violet quem baixou os olhos, e coube a Duncan estender a mão por cima da mesa e segurar a dela. "Ela morreu, também", disse Violet. "Na verdade, Duncan, nossa vida tem sido um caos nos últimos tempos."

"Sinto muito ouvir isso", disse Duncan, "e bem que eu gostaria de dizer que as coisas aqui vão melhorar para vocês. Mas, com o vice-diretor Nero tocando violino, Carmelita Spats provocando a gente, e o horrível Barraco dos Órfãos, este é um lugar muito desgraçado."

"Esse nome 'Barraco dos Órfãos' é o que eu acho mais horrível", disse Klaus. "Já é um lugar bastante ruim mesmo sem esse apelido ofensivo."

"O apelido, diga-se de passagem, é mais uma contribuição de Carmelita Spats", disse Isadora. "Duncan e eu tivemos de morar lá durante três semestres porque precisávamos de pai ou mãe ou um tutor para assinar nosso passe de autorização, e não tínhamos ninguém."

"Foi o mesmo que aconteceu conosco!", exclamou Violet. "E quando pedimos a Nero que abrisse uma exceção..."

"Ele respondeu que estava ocupado demais en-saiando violino", disse Isadora, balançando a cabeça enquanto completava a frase de Violet. "Ele sempre diz isso. Mas o caso é

que Carmelita inventou esse nome, 'Barraco dos Órfãos', quando nós morávamos lá, e ao que parece vai continuar insistindo nisso."

"Bem", suspirou Violet, "o apelido maldoso inventado por Carmelita não é nada perto dos problemas que enfrentamos no barraco. Como foi que vocês se arranjaram com os caranguejos quando moravam lá?"

Duncan soltou a mão dela para pegar o caderno verde-escuro que estava no bolso do suéter. "Eu uso esse caderno para fazer anotações", explicou. "Pretendo ser repórter quando for um pouco mais velho, e acho bom já ir treinando. Aqui está: notas sobre os caranguejos. Vocês sabiam que eles têm medo de sons fortes? Preparei uma lista com as coisas que fizemos para que eles se afastassem de nós."

"Medo de sons fortes", Violet repetiu, e prendeu o cabelo com uma fita para que não caísse nos olhos.

"Quando ela prende o cabelo assim", Klaus explicou aos Quagmire, "é porque está

pensando em alguma invenção. Minha irmã é uma inventora e tanto."

"Que tal sapatos barulhentos?", disse Violet de repente. "Se puséssemos chapinhas de metal na sola dos nossos sapatos...? Toda vez que andássemos seria uma barulheira infernal, e aposto que dificilmente tornaríamos a ver aqueles caranguejos."

"Sapatos barulhentos!", exclamou Duncan. "Isa-dora e eu moramos todo aquele tempo no Barraco dos Órfãos e nunca pensamos em sapatos barulhentos!" Ele tirou um lápis do bolso e escreveu "sapatos barulhentos" no caderno de capa verde, e em seguida virou uma página.

"Também tenho uma lista de livros que vocês podem consultar na biblioteca da escola, se precisarem de ajuda contra aquele mofo bege no teto."

"Zatval!", gritou Sunny.

"Adoraríamos ver a biblioteca", traduziu Violet. "Que sorte que tivemos, puxa vida, de conhecer assim de uma hora para outra gêmeos tao especiais como vocês!" Duncan e Isadora ficaram com cara de tacho, expressão que não significa que o rosto deles virou um tacho, mas apenas que os dois irmãos de repente se mostraram muito tristes.

"Qual é o problema?", perguntou Klaus. "Dissemos alguma coisa que desagradou a vocês?"

"Gêmeos", falou Duncan, tão baixinho que mal deu para os Baudelaire escutarem.

"Mas vocês são gêmeos, não são?", Violet perguntou. "São iguaizinhos..."

"Somos trigêmeos", disse Isadora, triste.

"Não estou entendendo", disse Violet. "Trigêmeos não são três pessoas nascidas ao mesmo tempo?"

"Nós éramos três pessoas que nasceram ao mesmo tempo", Isadora explicou, "mas nosso irmão Quigley morreu no incêndio que matou nossos pais."

"Sinto muito", falou Klaus. "Desculpem-nos ter chamado vocês de gêmeos. Não tivemos nenhuma intenção de faltar com o respeito à memória de Quigley."

"Claro que não", disse Duncan, esboçando um sorriso para os Baudelaire. "Como poderiam saber? Vamos, se já terminaram a lasanha podemos mostrar a biblioteca para vocês."

"E talvez, quem sabe, encontrar alguma chapinha de ferro para os sapatos barulhentos!", completou Isadora.

Os órfãos Baudelaire sorriram, e então os cinco retiraram suas bandejas da mesa e saíram do refeitório. A biblioteca revelou-se um lugar muito agradável, mas não por causa do silêncio, ou das poltronas confortáveis, ou das grandes estantes de madeira, que os irmãos se sentiram tão bem ao entrar na sala. Nem é o caso de mencionar aqui as lâmpadas de bronze em formato de diferentes peixes, ou as cortinas azuis que se encrespavam como água ao receber a brisa que vinha da janela, porque ainda que tudo aquilo fosse maravilhoso não foi o que fez as três crianças sorrir. Os trigêmeos Quagmire também estavam sorrindo e, embora eu não tenha aprofundado minhas pesquisas sobre eles tanto quanto fiz com os Baudelaire, posso afirmar com razoável segurança que sorriam pelo mesmo motivo.

É um alívio, em tempos agitados e assustadores, encontrar verdadeiros amigos, e era esse sentimento que as cinco crianças estavam sentindo quando os Quagmire mostraram aos Baudelaire a biblioteca da Prep Prufrock. Os amigos podem fazer-nos sentir que o mundo é mais familiar e menos traiçoeiro do que na realidade é, porque ficamos conhecendo pessoas que tiveram experiências semelhantes às nossas, expressão que no caso dos Baudelaire significa "que perderam membros da família em um terrível incêndio e moraram no Barraco dos Órfãos". À medida que Duncan e Isadora explicavam em voz baixa a Violet, Klaus e Sunny como estava organizada a biblioteca, os jovens Baudelaire foram se sentindo cada vez menos desgostosos com as novas circunstâncias. E, quando Duncan e Isadora recomendaram seus livros preferidos, os três irmãos acharam que talvez seus problemas estivessem finalmente por terminar. Era um engano, claro, mas naquele momento isso não tinha a menor importância. Os órfãos Baudelaire haviam encontrado amigos, e, enquanto estavam na biblioteca com os trigêmeos Quagmire, o mundo pareceu-lhes mais familiar e mais seguro, sensação que não experimentavam fazia muito, muito tempo.

CAPÍTULO



Quatro

Se vocês entraram num museu recentemente — para ver uma exposição ou para se esconder de alguém — devem ter notado um tipo de pintura conhecido como tríptico. Um tríptico tem três painéis, e em cada painel há uma pintura diferente. Por exemplo, um amigo, o professor Reed, fez um tríptico para mim: num dos painéis representou o fogo, noutro uma máquina de escrever e no terceiro o rosto de uma bela e inteligente mulher. O tríptico intitula-se O que aconteceu a Beatrice, e não consigo olhar para ele sem chorar.

Sou um escritor e não um pintor, mas se eu fosse tentar pintar um tríptico intitulado As infelizes experiências dos órfãos Baudelaire na Prep Prufrock, pintaria o sr. Remora num dos painéis, uma caixa de grampos no outro e a sra. Bass no terceiro, e o resultado me deixaria tão triste que só de ficar olhando do tríptico de Beatrice para o tríptico dos Baudelaire, não pararia de chorar o dia inteiro.

O sr. Remora era o professor de Violet, e ele era tão terrível que ela quase preferia ficar no Barraco dos Órfãos durante toda a manhã e fazer suas refeições com as mãos amarradas às costas a apressar-se para chegar a tempo na Sala 1 e assistir à aula desse homem abominável. O sr. Remora tinha um bigode escuro e espesso, como se alguém houvesse cortado o polegar de um gorila e colado acima dos lábios do professor; e, assim como um gorila, o sr. Remora estava constantemente comendo bananas. Bananas são frutas deliciosas e contêm um saudável teor de potássio, mas Violet nunca mais quis ver bananas em sua vida depois que viu o sr. Remora engolir banana atrás de banana deixando cascas aos

montes pelo chão e besuntando de banana o queixo e o bigode. No intervalo entre as mordidas de banana, o sr. Remora ditava histórias, as crianças as escreviam no caderno, e volta e meia havia um teste. "Um belo dia fui ao supermercado e comprei leite", dizia o sr. Remora mastigando uma banana.

"Quando cheguei em casa, despejei o leite num copo e tomei tudinho. Depois fiquei vendo televisão. Fim." Ou: "Uma bela tarde um homem chamado Edward entrou num caminhão verde e saiu dirigindo até chegar a uma fazenda. A fazenda tinha gansos e vacas. Fim". O sr. Remora ficava puxando história após história, comendo banana após banana, e cada vez se tornava mais difícil prestar atenção. Para melhorar as coisas, Duncan sentava-se ao lado de Violet e os dois ficavam trocando bilhetinhos nos dias especialmente tediosos. Mas, para piorar as coisas, Carmelita Spats sentava-se logo atrás de Violet e a cada minuto cutucava-a com um pedaço de pau que havia encontrado na relva. "Ei, órfã", sussurrava ela, cutucando Violet com o pedaço de pau. Violet se distraía e se esquecia de escrever no caderno algum detalhe da história contada pelo sr. Remora. Do outro lado do corredor, na Sala 2, estava a professora de Klaus, a sra. Bass. Seus cabelos pretos eram tão longos que faziam com que também ela mostrasse vaga semelhança com um gorila. A sra. Bass era fraca como professora, e não uso "fraca" aqui no sentido de "sem forças", e sim no sentido de "uma professora obcecada pelo sistema métrico decimal". O sistema métrico decimal, como vocês talvez saibam, é o sistema que a maior parte do mundo usa para medir as coisas. Assim como é perfeitamente razoável comer uma banana ou duas, é perfeitamente razoável interessar-se por medir coisas. Klaus lembrava-se bem de uma vez, quando tinha cerca de oito anos de idade, em que mediu a largura de todas as portas da mansão dos Baudelaire numa tarde chuvosa em que morria de chateação dentro de casa. No entanto, com chuva ou com sol, tudo o que a sra. Bass queria fazer era medir coisas e anotar as medidas no quadro-negro. Todas as manhãs ela entrava na Sala 2 carregando uma mochila repleta de objetos do dia-a-dia — uma frigideira, uma moldura de quadro, o esqueleto de um gato — e punha um objeto em cada carteira.

"Meçam!", gritava, e todos apanhavam suas réguas e mediam o que quer que fosse que a professora houvesse posto em suas carteiras. Eles diziam as medidas em voz alta para a sra. Bass, que em seguida escrevia os números no quadro e mandava os alunos trocarem os objetos. A rotina se prolongava pela manhã inteira, chegando a deixar Klaus com os olhos doídos e embaciados de puro tédio. Do outro lado da sala, os olhos de Isadora Quagmire também padeciam do mesmo mal, e vez por outra os dois se entreolhavam e punham a língua para fora como se dissessem: A sra. Bass é de uma chatice insuportável, não é?

Com Sunny era diferente. Em vez de freqüentar aulas, ela tinha que trabalhar no

prédio administrativo, e devo dizer que a situação dela talvez fosse a pior de todo o tríptico. Como secretária do vice-diretor Nero, Sunny era chamada para desempenhar numerosas tarefas que simplesmente eram impossíveis de ser cumpridas por um bebê. Por exemplo, ela era encarregada de atender o telefone, mas as pessoas que ligavam para o vice-diretor Nero nem sempre sabiam que "Seltepia!" era a sua maneira de dizer "Bom dia, aqui é do gabinete do vice-diretor Nero, em que posso ajudá-lo?". No segundo dia, Nero estava furioso com Sunny por ela ter criado tantas trapalhadas com o pessoal que ligava para ele. Além disso, Sunny era incumbida de datilografar, grampear e pôr no correio todas as cartas do vice-diretor Nero, o que exigia experiência e habilidade em máquina de escrever, grampeador e selos, objetos concebidos, como vocês sabem, para adultos. Ao contrário de muitos bebês, Sunny até que estava acostumada a trabalhos pesados —

afinal, durante algum tempo ela e os irmãos haviam prestado serviços na Serraria Baixo-Astral —, mas o tipo de equipamento com que lidava agora era simplesmente inadequado para os seus dedos tão miúdos. Sunny mal era capaz de mover as teclas da máquina de escrever e, mesmo quando conseguia, não tinha noção de como escrever a maioria das palavras que Nero ditava. Nunca usara antes um grampeador, de modo que muitas vezes grampeava os próprios dedos por engano, o que doía pra caramba. E vez por outra um dos selos colava na sua língua e não havia jeito de se soltar.

Na maioria das escolas, por mais rigorosas que sejam, as crianças têm uma chance de se refazer nos fins de semana, quando aproveitam para descansar e brincar em vez de assistir a aulas mortificantes; e os órfãos Baudelaire não viam a hora de fazer uma pausa para interromper a rotina de olhar bananas, réguas e artigos de escritório. Foi uma grande decepção quando numa sexta-feira ficaram sabendo pelos Quagmire que na Prep Prufrock não havia folga no fim de semana. Sábados e domingos eram dias de aulas normais, supostamente por fidelidade ao lema da escola ("Lembra-te de que morrerás"). Essa regra na verdade não fazia o menor sentido — afinal de contas, lembrar-se de que vai morrer não depende de ter aulas ou não —, contudo assim eram as coisas na Prep Prufrock, e os Baudelaire nunca sabiam direito em que dia da semana estavam, tão repetitiva era a rotina diária. Por isso, lamento, mas não tenho como contar para vocês exatamente o dia em que Sunny reparou que o estoque de grampos estava terminando; só posso contar que Nero lhe disse que, por ter desperdiçado tanto tempo com o aprendizado das funções de secretária, ele havia resolvido que não renovaria o estoque de grampos. Sunny teria que fazer, ela própria, os grampos, usando uns arames que Nero guardava numa gaveta.

"Isso é ridículo!", exclamou Violet quando Sunny lhe revelou a última

determinação de Nero. Foi depois do jantar, e os órfãos Baudelaire estavam no Barraco dos Órfãos com os trigêmeos Quagmire atirando sal ao teto. Violet havia encontrado pedaços de metal atrás do refeitório e fabricara cinco pares de sapatos barulhentos: três para os Baudelaire e dois para os Quagmire. Assim os caranguejos não os incomodariam quando fizessem visitas ao Barraco. O problema do fungo bege-claro, entretanto, ainda estava por ser resolvido. Com a ajuda de Duncan, Klaus descobrira um livro sobre fungos na biblioteca e nele havia lido que o sal fazia secar e definhar esse tipo específico de fungo que existia no teto. Certo dia, os Quagmire deixaram suas bandejas cair no chão, desviando a atenção de alguns dos empregados mascarados do refeitório; enquanto Nero gritava com eles por causa da bagunça que haviam feito, os Baudelaire aproveitaram para passar a mão em três saleiros e enfiá-los no bolso. Agora, na breve pausa que se seguia ao jantar, as cinco crianças achavam-se sentadas em pilhas de feno, tentando jogar sal no fungo e conversando sobre o dia na escola.

"Claro que é ridículo", concordou Klaus. "Como se não bastasse a cretinice de obrigar Sunny a ser uma secretária, agora era o que faltava ela ter de fabricar grampos!... Nunca ouvi falar de nada tão injusto."

"Que eu saiba, os grampos são feitos em fábricas", disse Duncan, folheando seu caderno verde para conferir se havia alguma anotação a respeito do assunto. "Não creio que alguém tenha feito grampos à mão depois do século XV."

"Se desse para você pegar um pouco de arame, Sunny", disse Isadora, "todos poderíamos ajudar a fazer grampos depois do jantar. Se nós cinco pudéssemos trabalhar juntos, o problema seria muito menor. E, por falar em problema, estou trabalhando num poema sobre o conde Olaf, mas não sei se conheço palavras terríveis o bastante para descrevê-lo."

"E imagino que seja difícil encontrar palavras que rimem com 'Olaf'", disse Violet.

"Realmente é bastante difícil", admitiu Isadora. "Só me vem à cabeça palavras que rimam com 'conde': 'bonde', 'esconde-esconde', 'monge'. Além disso, nem são rimas perfeitas".

"Quem sabe um dia você consiga publicar seu poema sobre o conde Olaf", disse Klaus, "e todo mundo ficará sabendo a peste que ele é."

"E eu escreverei um artigo de jornal só sobre ele", ofereceu-se Duncan.

"Acho que eu poderia construir sozinha uma máquina impressora", disse Violet.

"Talvez, quando alcançar a maioridade, possa usar uma parte da fortuna dos nossos pais para comprar o material necessário."

"Poderíamos imprimir livros também?", perguntou Klaus.

Violet sorriu. Violet sabia que seu irmão estava sonhando em imprimir uma biblioteca inteira só para eles. "Livros também", disse.

"Fortuna? Como assim?", perguntou Duncan. "Seus pais também deixaram uma fortuna?

Os nossos possuíam as famosas safiras Quagmire, que não foram danificadas pelo incêndio. Quando formos maiores de idade, essas pedras preciosas nos pertencerão. Poderíamos iniciar juntos nossa gráfica." "Que idéia maravilhosa!", exclamou Violet. "Poderíamos dar o nome de Quagmire & Baudelaire Associados."

"Poderíamos dar o nome de Quagmire & Baudelaire Associados!" As crianças ficaram tão surpreendidas ao ouvir a voz sarcástica do vice-diretor Nero que deixaram cair os saleiros no chão. No mesmo instante, os minúsculos caranguejos no Barraco dos Órfãos se apossaram dos saleiros e sumiram com eles tão rápido que nem deu tempo de Nero perceber nada. "Lamento interrompê-los no meio de uma importante reunião de negócios", disse, embora os garotos pudessem ver que ele não lamentava coisa nenhuma. "O novo professor de ginástica chegou e está interessado em conhecer nossa população de órfãos antes de ter início o meu concerto. Ao que parece, os órfãos costumam ter excelente estrutura óssea, ou algo do gênero. Não foi isso o que o senhor disse, instrutor Genghis?"

"Isso mesmo", respondeu um homem alto e magricela que deu um passo à frente para mostrar-se às crianças. Vestia calça e blusa leves, folgadas, próprias para exercícios esportivos, como se espera de qualquer professor de ginástica. Seus pés estavam calçados com tênis de corrida que pareciam ter custado caro, tênis de cano alto; em volta do pescoço, tinha um reluzente apito prateado. No alto da cabeça, havia um pano enrolado preso por uma brilhante pedra vermelha. É um tipo de adorno conhecido como "turbante", que algumas pessoas usam por motivos religiosos, mas Violet, Klaus e Sunny, só de olharem uma vez para aquele homem, perceberam que estava usando o turbante por motivo inteiramente diverso.

"Isso mesmo", tornou a dizer o homem. "Todos os órfãos têm pernas perfeitas para a corrida, e eu não via a hora de observar os espécimes que estavam à minha espera aqui nesse barraco."

"Crianças", disse Nero, "levantem-se aí do feno e cumprimentem o instrutor Genghis."

"Olá, instrutor Genghis", disse Duncan.

"Olá, instrutor Genghis", disse Isadora.

Os trigêmeos Quagmire apertaram a mão ossuda do instrutor Genghis e em seguida viraram-se e lançaram aos Baudelaire um olhar desconcertado. Estavam surpresos em ver que os três irmãos continuavam sentados no feno com os olhos pregados no instrutor Genghis em vez de obedecer às ordens de Nero. Mas, se eu estivesse lá no Barraco dos Órfãos, com certeza não ficaria surpreendido, e sou capaz de apostar O que aconteceu a Beatrice, meu tríptico que tanto aprecio, que, se vocês estivessem ali, também não se surpreenderiam. Porque vocês já devem ter adivinhado, como os Baudelaire adivinharam, por que o homem que se apresentara como instrutor Genghis estava usando um turbante. Um turbante cobre o cabelo das pessoas, o que é capaz de alterar bastante a aparência, e se o turbante estiver cobrindo toda a testa, como era o caso do professor, as dobras de pano podem cobrir até mesmo as sobrancelhas — ou sobrancelha, no caso. Porém o turbante não é capaz de cobrir os olhos muito, muito brilhantes de uma pessoa, ou o olhar ganancioso e sinistro que pode surgir quando uma pessoa vê três crianças relativamente indefesas. Claro que era um absurdo aquilo que o homem que se apresentara como instrutor Genghis havia dito sobre todos os órfãos terem pernas perfeitas para correr, mas, quando os Baudelaire ergueram os olhos para o novo professor de ginástica, desejaram que não fosse absurdo. Quando o homem que se apresentara como instrutor Genghis lhes retribuiu o olhar com os olhos muito, muito brilhantes, os órfãos Baudelaire desejaram mais do que qualquer outra coisa que suas pernas pudessem levá-los para longe, para bem longe daquele homem que na verdade era o conde Olaf.



CAPÍTULO

Cinco

A expressão "seguir o exemplo" não significa necessariamente seguir um bom exemplo, embora muitas pessoas não saibam disso. Se você segue o exemplo, isso quer dizer que você está

fazendo uma coisa que outra pessoa acabou de fazer. Se todos os seus amigos resolvessem pular de uma ponte sobre as águas geladas de um rio ou do oceano, e você pulasse também logo depois deles, você estaria seguindo o exemplo. Dá para ver por que seguir o exemplo pode ser uma coisa perigosa: você poderia se afogar simplesmente porque alguém fez o mesmo antes. Isso explica por que, quando Violet se levantou do feno e disse: "Como vai o senhor, instrutor Genghis?", Klaus e Sunny relutaram em seguir o seu exemplo. Era inconcebível para os Baudelaire mais novos que sua irmã não houvesse reconhecido o conde Olaf, e que ela não houvesse se levantado de um salto e na mesma hora contado ao vice-diretor Nero o que estava acontecendo. Por um instante, Klaus e Sunny chegaram a pensar que Violet havia sido hipnotizada, como acontecera com Klaus quando os órfãos Baudelaire moraram em Paltryville. Mas os olhos de Violet não pareciam esgazeados nem mais arregalados do que o normal, tampouco o tom de voz com que dissera "Como vai o senhor, instrutor Genghis?" tinha qualquer semelhança com o tom de voz que Klaus apresentara quando estava sob o efeito da hipnose.

Por mais intrigados que estivessem, no entanto, os Baudelaire mais novos confiavam plenamente em sua irmã. No passado, ela havia descoberto um jeito para escapar do casamento com o conde Olaf quando isso parecia ser inevitável, palavra que aqui significa "horror e desgosto para a vida toda". Noutra ocasião fabricara uma gazua improvisada quando a necessidade era urgentíssima. E com seu talento de inventora já havia ajudado os irmãos a escapar de umas sanguessugas muito famintas. Ou seja: Klaus e Sunny sabiam que Violet devia ter um bom motivo para cumprimentar polidamente o conde Olaf em vez de denunciá-lo na mesma hora, embora não soubessem qual, e por isso, depois de uma pausa de hesitação, seguiram o exemplo.

"Como vai o senhor, instrutor Genghis?", disse Klaus.

"Guefidô!", gritou Sunny.

"É um prazer conhecê-los", disse o instrutor Genghis com um risinho no canto da boca. Os Baudelaire perceberam que ele estava convencido de os haver enganado e que estava muito contente consigo mesmo.

"Então, o que o senhor acha, instrutor Genghis?", perguntou o vice-diretor Nero. "Algum desses órfãos tem as pernas que o senhor está procurando?"

O instrutor Genghis coçou o turbante e baixou os olhos sobre as crianças como se elas fossem deliciosos pratos num bufê em vez de cinco órfãos. "Não tenha dúvida", disse com a voz chiada que os Baudelaire sempre ouviam em seus pesadelos. A mão ossuda apontou primeiro para Violet, depois para Klaus e enfim para Sunny. "Essas três crianças aqui são exatamente o que eu procurava, sem sombra de dúvida. Quanto aos gêmeos, entretanto, não me serviriam para nada."

"A mim tampouco", disse Nero, sem julgar necessário assinalar que os Quagmire eram trigêmeos. Em seguida, consultou o relógio. "Bem, está na hora do meu concerto. Venham comigo para o auditório, vocês todos, a menos que estejam a fim de comprar um saco de balas para mim." Os órfãos Baudelaire esperavam jamais ter que comprar um presente para o vice-diretor —

muito menos um saco de balas, guloseimas que as crianças adoravam e fazia muito tempo não comiam. Por isso seguiram Nero, deixando o Barraco dos Órfãos, e atravessaram o gramado em direção ao auditório. Os Quagmire seguiram o exemplo dos Baudelaire, e caminhavam olhando para os edifícios em forma de lápides, ainda mais sinistros vistos ao luar.

"Esta noite", disse Nero, "tocarei uma sonata para violino que eu mesmo compus. Dura apenas cerca de meia hora, mas tocarei a peça doze vezes seguidas."

"Que ótimo!", disse o instrutor Genghis. "Se me permite dizer, vice-diretor Nero, sou um tremendo fã de sua música. Seus concertos foram uma das principais razões que me trouxeram à

Prep Prufrock."

"É sempre bom ouvir isso", disse Nero. "Difícil encontrar pessoas que me apreciem na justa medida do meu gênio."

"Sei como se sente", disse o instrutor Genghis. "Sou o melhor professor de ginástica do mundo, e no entanto nunca houve uma parada sequer em minha homenagem."

"Chocante", disse Nero, balançando a cabeça.

Os Baudelaire e os Quagmire, que caminhavam atrás dos adultos, entreolharam-se enojados com a conversa de gabolices que lhes chegava aos ouvidos, mas não

ousaram falar um com o outro até entrarem no auditório e escolher cadeiras o mais longe possível de Carmelita Spats e seus detestáveis amigos.

Há uma vantagem, e uma só, para alguém que não sabe tocar violino mas insiste em tocá-lo, e a vantagem é que essas pessoas em geral tocam tão alto que não conseguem ouvir se a platéia está conversando. Conversar durante um concerto é uma enorme grosseria da platéia, não resta dúvida; entretanto, se a execução é muito ruim e dura seis horas, pode-se perdoar tal grosseria. Foi o que aconteceu naquela noite, quando, depois de fazer a própria apresentação com uma fala curta e gabola, o vice-diretor Nero postou-se no centro do palco do auditório e começou a tocar sua sonata pela primeira vez. Quando se ouve uma peça de música clássica, às vezes é

divertido tentar adivinhar o que teria inspirado o compositor a pôr no papel justamente aquelas notas e não outras. O compositor pode se inspirar na natureza e escrever uma sinfonia que imita os sons de pássaros e árvores. Ou pode se inspirar na cidade e escrever um concerto que imita os sons do tráfego e das calçadas. No caso daquela sonata que as crianças ouviam, Nero parecia ter se inspirado em alguém espancando um gato, porque além de ser tocada num som altíssimo a música era entremeada de guinchos, o que permitia que a platéia conversasse sem atrapalhar o violinista. Enquanto Nero se embevecia atacando as notas de seu violino como se estivesse serrando uma floresta, os alunos da Prep Prufrock começaram a conversar entre si. Os Baudelaire puderam até

reparar que o sr. Re-mora e a sra. Bass, em vez de avaliar — como era dever dos professores —

quais estudantes teriam que presentear Nero com um saco de balas, riam às gargalhadas e repartiam uma banana na última fila. Apenas o instrutor Genghis, que se sentara bem no centro da primeira fila, parecia estar prestando atenção à música.

"Nosso professor de ginástica tem qualquer coisa de assustador", disse Isadora.

"Com certeza", concordou Duncan. "É o traço de dissimulação que aparece nos olhos dele."

"Aquele olhar dissimulado", disse Violet olhando, ela própria, dissimuladamente para certificar-se de que o instrutor Genghis não estava atento às suas palavras, "é porque ele na verdade não é o instrutor Genghis. Na verdade, ele não é instrutor coisa nenhuma. É o conde Olaf disfarçado."

"Eu sabia que você o havia reconhecido!", disse Klaus.

"Conde Olaf?", falou Duncan. "Que horror! Como foi que ele seguiu vocês até aqui?"

"Nusvec", disse Sunny, melancólica.

"Minha irmã está querendo dizer algo como: 'Ele nos segue por toda a parte'", Violet explicou, "e ela tem razão. Mas não importa como foi que nos encontrou. O que importa é que ele está aqui e sem a menor dúvida tem algum plano para ficar com a nossa fortuna."

"E por que você fingiu não ter reconhecido ele?", perguntou Klaus.

"Pois é", disse Isadora, "se você tivesse contado ao vice-diretor Nero que o instutor na verdade é o conde Olaf, Nero poderia expulsar esse... esse bisbórria para bem longe daqui." Violet balançou a cabeça indicando que discordava dela e que não se incomodava com a palavra "bisbórria". "Com o conde Olaf, esperto como ele é, isso não ia dar certo", disse. "Sei que se eu tentasse contar a Nero que Genghis não é professor de ginástica, o conde Olaf ia encontrar uma saída, uma escapatória, como fez com tia Josephine, com tio Monty e com todos os outros."

"Bem pensado", reconheceu Klaus. "Além do mais, se Olaf está achando que nos enganou, isso pode nos dar um pouco mais de tempo para descobrir exatamente o que ele pretende aprontar."

"Alé!", observou Sunny.

"Minha irmã está nos lembrando que podemos verificar se alguns dos ajudantes dele estão por perto", traduziu Violet. "Bem lembrado, Sunny. Eu não tinha pensado nisso."

"Ajudantes do conde Olaf?", perguntou Isadora. "Não é justo. Ele já é mau do jeito que é, sem ajuda de outras pessoas."

"Seus ajudantes são tão maus quanto ele", disse Klaus. "Há duas mulheres de rosto bem branco que nos forçaram a representar numa peça. Há um homem cora mãos de gancho que ajudou Olaf a assassinar nosso tio Monty."

"E o careca que mandava na gente o tempo todo quando trabalhávamos na serraria, não esqueça!", acrescentou Violet.

"Eginu!", disse Sunny, querendo dizer: "E o ajudante que não parecia homem nem mulher", ou algo do gênero.

"Que quer dizer 'Eginu'?", perguntou Duncan, tirando seu caderno do bolso. "Vou

anotar por escrito todos esses detalhes sobre Olaf e sua trupe."

"Por quê?", perguntou Violet.

"Por quê?!", repetiu Isadora. "Porque vamos ajudar vocês, isso sim. Ou vocês acham que nós vamos ficar aqui sentados enquanto vocês tentam escapar das garras de Olaf?!"

"Mas o conde Olaf é muito perigoso", disse Klaus. "Se tentarem nos ajudar, vão arriscar a vida de vocês."

"Não se preocupe", disse Duncan, embora eu lamente dizer a vocês que os Quagmire deveriam, sim, ter se preocupado. Deveriam ter se preocupado, e muito. Duncan e Isadora foram bastante corajosos e solidários ao tentarem ajudar os órfãos Baudelaire, mas freqüentemente paga-se um preço alto pela coragem. Quando digo "preço" não estou me referindo a algumas notinhas verdes e pronto. Estou pensando num preço muito, muito maior, um preço tão terrível que não dá para falar dele agora; tenho que voltar à cena que eu estava escrevendo.

"Não se preocupe", disse Duncan. "Precisamos é de um plano. De saída, precisamos provar a Nero que o instrutor Genghis é na verdade o conde Olaf. Como podemos fazer isso?"

"Nero tem aquele computador", disse Violet, pensativa. "Há um retratinho de Olaf gravado no computador, lembra?"

"Lembro sim", disse Klaus concordando com a cabeça. "Ele nos falou que o computador de última geração manteria Olaf à distância. Não foi bem o que aconteceu." Sunny mostrou-se de acordo, e Violet pegou-a no colo. Nero tinha chegado a um ponto da sonata em que os guinchos eram ensurdecedores, e as crianças precisaram aproximar-se umas das outras para prosseguir na conversa. "Se procurarmos Nero logo de manhã cedo", disse Violet,

"poderemos falar com ele a sós, sem Olaf se intrometer. Pediremos para usar o computador. Nero pode não acreditar em nós, mas o computador deve ser capaz de convencê-lo pelo menos a investigar o instrutor Genghis."

"Talvez Nero mande ele tirar o turbante", disse

Isadora, "e aí apareça a tal sobrancelha única que ocupa o lugar de duas."

"Ou tirar aqueles caríssimos tênis de corrida", disse Klaus, "e aí fique à vista a

tatuagem no tornozelo."

"Mas se vocês falarem com Nero", disse Duncan, "o instrutor Genghis ficará sabendo que vocês desconfiam dele."

"Por isso teremos que agir com a máxima cautela", disse Violet. "Queremos que Nero fique de olho em Olaf sem que Olaf fique de olho em nós."

"E enquanto isso", disse Duncan, "Isadora e eu faremos nossa própria investigação. Talvez a gente consiga descobrir algum daqueles ajudantes que vocês descreveram."

"Isso seria muito útil", disse Violet, "se vocês estiverem mesmo decididos a nos ajudar."

"Assunto encerrado", Duncan disse e acariciou a mão de Violet. Não tocaram mais no assunto. Não disseram mais nem uma palavra sobre o conde Olaf por todo o resto da sonata de Nero, nem quando ele a executou pela segunda vez, ou pela terceira, ou quarta, quinta, sexta, quando então a noite já avançara bastante. Os órfãos Baudelaire e os trigêmeos Quagmire limitaram-se a ficar aquele tempo todo partilhando o conforto do companheirismo, uma expressão que aqui significa muitas coisas, coisas felizes — apesar de ser bem difícil ser feliz ouvindo uma sonata horrível executada repetidas vezes sem parar por um homem que não sabe tocar violino, e vivendo num horrendo colégio interno com um homem perverso que está nas proximidades, sem dúvida bolando planos atrozes. Momentos felizes eram raros e inesperados na vida dos Baudelaire, e os três irmãos tinham aprendido a aceitar esse destino. Duncan continuou segurando a mão de Violet enquanto lhe falava de concertos horríveis que tinha visto na época em que os Quagmire pais ainda eram vivos, e ela estava contente de ouvir as histórias do amigo. Isadora havia começado a trabalhar num poema sobre livros e bibliotecas e mostrava a Klaus as anotações do caderno; Klaus adorou dar sugestões. Sunny aninhou-se no colo de Violet e mordia o braço da poltrona, encantada com pôr os dentes num material ao mesmo tempo tão macio e tão resistente. Tenho certeza de que vocês saberiam, mesmo se eu não lhes contasse, que as coisas estavam a ponto de piorar muito para os Baudelaire, mas vou terminar este capítulo com esse momentâneo conforto do companheirismo, em vez de saltar logo para os desagradáveis acontecimentos da manhã seguinte, ou para as terríveis provações dos dias subseqüentes, ou para o pavoroso crime que determinou o fim da estada dos Baudelaire na Prep Prufrock. Tais fatos aconteceram, não há dúvida, e não adianta tentar negá-los. No entanto, por ora vamos ignorar a terrível sonata, os medonhos professores, os estudantes implicantes e provocadores, e todas as







outras circunstâncias ainda mais desgraçadas que virão muito em breve. Vamos curtir, no finzinho deste capítulo, o último momento de felicidade que essas crianças terão por muito, muito tempo.

CAPÍTULO

Seis

A Escola Preparatória Prufrockatualmente está fechada. Permanece fechada há muitos anos, desde que a sra. Bass foi presa por assalto a banco, e se vocês viessem visitá-la agora, encontrariam um local vazio e silencioso. Se caminhassem no gramado, não veriam nenhuma criança correndo, como no dia da chegada dos Baudelaire. Se passassem pelo prédio das salas de aula, não ouviriam a voz monótona do sr. Remora contando uma história, e se passassem pelo auditório, não ouviriam os rangidos e guinchos do vice-diretor Nero ao violino. Se vocês fossem à

escola e se pusessem debaixo do arco da entrada, erguendo os olhos para as letras pretas do nome do colégio e seu lema austero ("austero" aqui significa "severo e rigoroso"), não ouviriam mais que o farfalhar da brisa perpassando na relva marrom e desigual.

Em suma, se hoje vocês fossem visitar a Escola Preparatória Prufrock, encontrariam o colégio mais ou menos como os Baudelaire o encontraram bem cedo na manhã seguinte ao concerto, quando acordaram e caminharam até o prédio administrativo para falar ao vice-diretor sobre o instrutor Genghis. As três crianças estavam tão ansiosas para falar com ele que se levantaram da cama cedíssimo, e enquanto atravessavam o gramado tinham a impressão de que todas as pessoas na Prep Prufrockhaviam sumido de mansinho no meio da noite, deixando os órfãos sós entre os edifícios em forma de lápides. Era uma sensação lúgubre, por isso Violet e Sunny espantaram-se quando Klaus rompeu o silêncio com uma gargalhada repentina.

"Está rindo de quê?", perguntou Violet.

"Acabo de pensar numa coisa", disse Klaus. "É que estamos indo para o prédio administrativo sem entrevista marcada. Não vamos poder usar os talheres nas refeições."

"Não vejo qual é a graça!", disse Violet. "Imagine se nos derem mingau de aveia na primeira refeição. Vamos ter que comer com as mãos em concha."

"Uht", disse Sunny, querendo dizer: "Podem crer, não é assim tão difícil", o que

levou as duas irmãs a aderir à gargalhada de Klaus. Claro que não tinha a menor graça que Nero impusesse castigos terríveis como esse, mas a idéia de tomar mingau de aveia com as mãos provocou um risinho nos três.

"Ovos fritos, já pensou?", disse Violet. "Já pensou se nos servem ovos fritos com a gema mole?"

"Ou panquecas com calda!", disse Klaus.

"Sopa!", gritou Sunny, e os três desataram a rir novamente.

"Vocês se lembram do piquenique?", perguntou Violet. "Nós tínhamos resolvido fazer um piquenique no rio Rutabaga, e papai ficou tão empolgado com a comida que se esqueceu de levar talheres!"

"Claro que me lembro!", disse Klaus. "Tivemos que comer toda aquela quantidade de camarão agri-doce com as mãos!"

"Grudento!", disse Sunny com as mãos para o alto.

"Nem me fale", concordou Violet. "Depois fomos lavar as mãos no rio e descobrimos um lugar perfeito para experimentar a vara de pesca que eu tinha inventado."

"E eu fui colher amoras com mamãe", disse Klaus.

"Iruoz", disse Sunny, o que significava: "E eu fiquei roendo pedras", ou algo do gênero. As crianças então pararam de rir, ao lembrar-se daquele piquenique que, embora não tivesse acontecido tanto tempo antes, para elas parecia pertencer a um passado remoto. Depois do incêndio, as crianças souberam que seus pais tinham morrido, é claro, no entanto para eles parecia simplesmente que haviam partido para algum lugar e não demorariam a estar de volta. Agora, ao recordar a luz do sol se refletindo nas águas do rio Rutabaga e as risadas de seus pais diante da sujeira que resultou de comerem o camarão agridoce sem talheres, aquela tarde pareceu tão distante que eles então se deram conta de que os pais jamais voltariam.

"Quem sabe um dia a gente volta lá", disse Violet baixando a voz. "Quem sabe um dia a gente volta para olhar o rio novamente, e pescar, e colher amoras."

"Um dia, talvez", disse Klaus; entretanto os Baudelaire todos sabiam que, ainda que algum dia voltassem ao rio Rutabaga — o que, diga-se de passagem, não fizeram —, não seria a mesma coisa. "Um dia, talvez, mas enquanto isso

precisamos falar com Nero. Vamos, aí está o prédio administrativo."

Os Baudelaire deram um suspiro e entraram no edifício, o que implicava renunciar ao uso dos talheres na Prep Prufrock. Subiram as escadas até o nono andar e bateram à porta de Nero, surpresos de não o ouvir ensaiando ao violino. "Entrem, se necessário", disse Nero, e os órfãos entraram. Nero estava de costas para a porta, olhando para o seu reflexo na vidraça enquanto prendia com um elástico um de seus tufos esparsos de cabelo. Quando terminou, pôs as mãos para o alto. "Senhoras e senhores, o vice-diretor Nero!", anunciou, e as crianças começaram a aplaudir, em obediência. Nero voltou-se, num giro ultra-rápido.

"Só esperava ouvir uma pessoa aplaudindo", disse com severidade. "Violet e Klaus, vocês não têm licença para subir até aqui. Sabem muito bem disso."

"Peço que nos desculpe, senhor", disse Violet, "mas nós três temos uma coisa muito importante para discutir com o senhor."

"Nós três temos uma coisa muito importante para discutir com o senhor", arremedou Nero no tom hostil habitual. "Deve ser mesmo muito importante, para vocês sacrificarem o privilégio de usar talheres. Vamos, digam lá. Ainda preciso ensaiar bastante para o meu próximo concerto, não tenho tempo para desperdiçar."

"É coisa rápida", Klaus prometeu. Fez uma pausa antes de prosseguir, o que é sempre bom quando se têm que escolher as palavras com o máximo cuidado. "Estamos preocupados", continuou, escolhendo as palavras com todo o cuidado, "com o fato de o conde Olaf ter, de alguma forma, conseguido entrar na Prep Prufrock."

"Absurdo", disse Nero. "Agora saiam e me deixem ensaiar ao violino."

"Talvez não seja absurdo", disse Violet. "Olaf é um mestre do disfarce. Ele poderia estar bem debaixo dos nossos narizes sem que percebêssemos."

"A única coisa debaixo do meu nariz", disse Nero, "é minha boca, e ela está mandando vocês se retirarem."

"O conde Olaf poderia ser o sr. Remora", disse Klaus. "Ou a sra. Bass."

"O sr. Remora e a sra. Bass ensinam neste colégio há mais de quarenta e sete anos", disse Nero com voz de pouco-caso. "Eu perceberia se um deles estivesse disfarçado."

"E as pessoas que trabalham no refeitório?", perguntou Violet. "Elas usam sempre aquelas máscaras de ferro."

"Por motivos de segurança, não por disfarce", disse Nero. "Vocês, seus pirralhos, andam cheios de idéias idiotas. Não demora muito, menina, você vai estar dizendo que o conde Olaf se disfarçou no seu namoradinho. Como se chama, o trigêmeo?"

Violet enrubesceu. "Duncan Quagmire não é meu namorado", disse, "e tampouco é o conde Olaf."

Mas Nero estava muito absorvido em fazer piadinhas bobas para prestar atenção no que ela dizia. "Quem sabe?", ele perguntou e tornou a rir. "Hi, hi, hi. Talvez ele tenha se disfarçado em Carmelita Spats."

"Ou em mim!", ouviu-se uma voz que vinha da porta de entrada. Os Baudelaire viraram-se e deram com o instrutor Genghis ali parado, com uma rosa vermelha na mão e dirigindo-lhes um olhar feroz.

"Ou no senhor!", disse Nero. "Hi, hi, hi. Imaginem esse tal de Olaf querendo se fazer passar pelo melhor professor de ginástica do país."

Klaus olhou para o instrutor Genghis, e pensou em toda a confusão que ele havia causado, seja como Stefano, assistente do tio Monty, ou como capitão Sham, ou Shirley, ou qualquer uma das outras falsas identidades que usara. Klaus teve uma vontade louca de dizer:

"Você é o conde Olaf!", porém sabia que, se os Baudelaire fingissem estar sendo enganados pelo instrutor Genghis, as chances seriam maiores de que Olaf acabasse revelando seu plano, qualquer que fosse. Tratou então de engolir a língua (expressão que aqui significa que Klaus "segurou seus pensamentos e ficou quieto"), ou seja, não engoliu de verdade a língua, mas abriu a boca e riu.

"Isso, sim, seria engraçado!", disse hipocritamente. "Imagine só se o senhor fosse o conde Olaf!

Não seria engraçado, instrutor Genghis? Então na verdade o seu turbante não passaria de um disfarce!"

"Meu turbante?", disse o instrutor Genghis. Seu olhar feroz desarmou-se na mesma hora em que ele percebeu — incorretamente — que Klaus estava brincando. "Um disfarce? Ho, ho, ho!"

"Hi, hi, hü", Nero riu.

Violet e Sunny logo compreenderam o que Klaus estava fazendo, e seguiram seu exemplo. "É isso aí, Genghis", exclamou Violet, como se estivesse brincando, "tire o seu turbante e nos mostre a sobrancelha única que você tem escondida! Ha, ha, ha!"

"Crianças, vocês três são mesmo muito engraçados!", exclamou Nero. "Eu diria que parecem três comediantes profissionais!"

"Volasocks!", gritou Sunny, mostrando os quatro dentes num sorriso hipócrita.

"Tem razão", disse Klaus. "Sunny tem razão! Se o senhor de fato fosse Olaf disfarçado, então os tênis de corrida estariam tapando sua tatuagem!"

"Hi, hi, hi", Nero riu. "Vocês, crianças, são como três palhaços!"

"Ho, ho, ho!", aprovou o conde Olaf.

"Ha, ha, ha", saiu de Violet, que já começava a sentir um certo mal-estar por estar fingindo todas aquelas risadas. Erguendo os olhos para Genghis, e forçando tanto um sorriso que seus dentes chegaram a doer, ela ficou na ponta dos pés e tentou alcançar o turbante. "Vou arrancar isso", disse, sempre no mesmo tom de brincadeira, "e expor a sua enorme sobrancelha única!"

"Hi, hi, hi", divertiu-se Nero, balançando com as risadas seus rabichos-de-cavalo. "Vocês parecem três macaquinhos amestrados!"

Klaus jogou-se ao chão e agarrou um dos pés de Genghis. "E eu vou arrancar seus tênis", disse, como se também continuasse no mesmo tom de brincadeira, "e expor a sua tatuagem!"

"Hi, hi, hü", divertia-se Nero. "Vocês são três..." Os Baudelaire não chegaram a ouvir três o quê eles eram, porque o instrutor Genghis estendeu ambos os braços e segurou Klaus com uma das mãos e Violet com a outra. "Ho, ho, ho!", riu, mas parou na mesma hora. "Evidentemente", disse num tom de voz que de repente se tornou sério, "não posso tirar os tênis de corrida, porque estive me exercitando e meus pés suaram e estão cheirando mal, e não posso tirar meu turbante por motivos religiosos."

"Hi, hi...", Nero parou de rir e tornou-se, ele próprio, muito sério. "Ora, instrutor Genghis", disse, "não lhe pediríamos que violasse suas crenças religiosas, e com toda a certeza não quero seus pés fedendo no meu gabinete."

Violet debateu-se para alcançar o turbante e Klaus debateu-se para tirar um dos tênis do instrutor vilão, entretanto Genghis segurou-os firme.

"Droc!", gritou Sunny.

"Acabou-se a brincadeira!", anunciou Nero. "Obrigado por terem alegrado minha manhã, crianças. Até logo, e façam bom proveito de sua refeição matinal sem talheres! Bem, instrutor Genghis, em que lhe posso ser útil?"

"É o seguinte, Nero", disse Genghis, "só queria lhe dar esta rosa — um pequeno presente de congratulações pelo maravilhoso concerto com que você nos brindou a noite passada!"

"Ora, obrigado", disse Nero tomando a rosa da mão de Genghis e aspirando o seu perfume. "Eu estive maravilhoso, não?"

"Você estava perfeito!", disse Genghis. "Na primeira vez que tocou sua sonata, comoveu-me profundamente. Na segunda, meus olhos se encheram de lágrimas. Na terceira, solucei incontidamente. Na quarta, sofri uma convulsão emocional. Na quinta..." Os Baudelaire não ouviram o que se passou na quinta vez, porque a porta de Nero bateu e fechou-se atrás deles. Entreolharam-se desanimados. Os Baudelaire tinham chegado bastante perto de revelar o disfarce do instrutor Genghis, mas chegar perto não bastava. Saíram do prédio administrativo arrastando os passos em silêncio e assim seguiram até o refeitório. Era evidente que Nero já havia passado um recado para os empregados com máscaras de ferro, porque quando Violet e Klaus chegaram ao final da fila eles se recusaram a dar-lhes talheres. Naquele dia, a primeira refeição da Prep Prufrock não era mingau de aveia, porém Violet e Klaus sabiam que comer ovos mexidos com as mãos não ia ser muito agradável.

"Ah, não se preocupem com isso", disse Isadora quando as crianças se sentaram melancólicas ao lado dos Quagmire. "Veja só, Klaus e eu nos revezaremos para usar os meus talheres, e você reveza com Duncan, Violet. Agora nos contem como foi tudo no gabinete de Nero."

"Não foi muito bem", reconheceu Violet. "O instrutor apareceu logo depois de nós, e não queríamos que ele percebesse que sabemos quem ele realmente é." Isadora puxou do bolso seu caderno e leu em voz alta para os amigos:

"Que sorte seria se Genghis, o vilão, Fosse atropelado por um caminhão".

"Este é o meu poema mais recente", disse ela. "Sei que não ajuda, mas achei que, de qualquer modo, vocês poderiam gostar de ouvi-lo."

"Pode crer que gostei", disse Klaus. "E não resta dúvida que seria muita sorte se isso acontecesse. Mas é muito difícil."

"Tudo bem, pensaremos num outro plano", disse Duncan, passando o seu garfo para Violet.

"Assim espero", disse Violet. "O conde Olaf não costuma demorar muito para pôr em execução seus projetos maléficos."

"Cosbal!", gritou Sunny.

"Sunny está querendo dizer 'Eu tenho um plano'?", perguntou Isadora. "Estou tentando captar o código dela."

"Acho que o sentido é mais próximo de Aí vem Carmelita Spats'", disse Klaus, apontando para um ponto próximo no refeitório. De fato, Carmelita Spats vinha caminhando na direção da mesa deles, com um grande sorriso presunçoso no rosto.

"Olá, bisbórrias!", disse ela. "Tenho um recado do instrutor Genghis para vocês. Ele me escolheu como Mensageira Especial por ser a garota mais engraçadinha, mais bonitinha e mais simpática de todo o colégio."

"Ora, pare de se gabar, Carmelita", disse Duncan.

"Você está com ciúmes", respondeu Carmelita, "só porque o instrutor Genghis gosta mais de mim que de você."

"Estou pouco ligando para o instrutor Genghis", disse Duncan. "Dê logo o seu recado e nos deixe em paz."

"O recado é o seguinte", disse Carmelita. "Os três órfãos Baudelaire devem comparecer ao gramado da frente, logo depois do jantar."

"Depois do jantar?", disse Violet. "Depois do jantar temos que ir ao recital de violino de Nero."

"O recado é esse", insistiu Carmelita. "Ele disse que, se vocês não aparecerem, vão ter sérios problemas, por isso eu, se fosse você, Violet..."

"Você não é Violet, graças a Deus", interrompeu Duncan. Sei que não é educado interromper uma pessoa que está falando, mas às vezes, quando a pessoa é muito desagradável, não dá para a gente se conter. "Obrigado pelo recado. Passe bem."

"A tradição", disse Carmelita, "manda que o Mensageiro Especial receba uma gratificação depois que ele termina de dar o recado."

"Se você não nos deixar em paz", disse Isadora, "vamos gratificá-la despejando ovos mexidos na sua cabeça."

"Você não passa de uma bisbórria ciumenta", Carmelita resmungou, mas acabou deixando os Baudelaire e os Quagmire em paz.

"Não se preocupem", disse Duncan quando se certificou de que Carmelita não poderia ouvi-lo. "Ainda é manhã. Temos o dia todo para pensar no que fazer. Coma outra colherada de ovos, Violet."

"Não, obrigada", disse Violet. "Não estou com muito apetite." E era verdade. Nenhum dos Baudelaire estava com apetite. Ovos mexidos nunca foram o prato predileto dos irmãos, sobretudo de Sunny, que preferia comida em que pudesse fincar os dentes com vontade, porém a falta de apetite deles não tinha nada a ver com os ovos. Tinha a ver com o instrutor Genghis, é claro, e com o recado que ele lhes mandara. Tinha a ver com o encontro que deveriam ter com Genghis, depois do jantar, sozinhos. Duncan tinha razão, ainda era manhã e havia o dia todo para pensar no que



fazer. Só que não dava a sensação de ser manhã. Sentados no refeitório, Violet, Klaus e Sunny não voltaram a tocar na refeição, e tinham a impressão de que o sol já havia se posto. Tinham a impressão de que a noite já caíra, e o instrutor Genghis já os estava esperando. Ainda era manhã, e os órfãos Baudelaire já se sentiam nas garras do conde Olaf.

CAPÍTULO

Sete

Aquele dia a rotina no colégio foi especialmente pesada para os Baudelaire, o que significa que as histórias do sr. Remora foram especialmente chatas, que a obsessão da sra. Bass com o sistema métrico foi especialmente irritante, e que as providências administrativas ordenadas por Nero foram especialmente difíceis, mas Violet, Klaus e Sunny na verdade nem repararam. Qualquer pessoa que não conhecesse bem Violet teria pensado que ela estava concentrada no que o professor dizia durante a aula, pois estava calada e tinha o cabelo preso com uma fita para afastá-lo dos olhos. No entanto, os pensamentos da menina estavam longe, muito longe das histórias sem graça que o sr. Remora não parava de contar. Na verdade, ela havia prendido o cabelo para focalizar melhor seu cérebro inventivo no problema que os Baudelaire tinham pela frente, e não queria desperdiçar nem um tiquinho de atenção no comedor de bananas que tagarelava diante dos alunos.

A sra. Bass trouxera para sua aula uma caixa de lápis e queria testar se a classe percebia qual lápis era mais comprido ou mais curto que os demais. E estava tão empolgada movendo-se de um lado para outro da sala e gritando "Meçam!" que poderia ter olhado para Klaus e pensado que talvez ele compartilhasse sua obsessão por medir, porque os olhos do garoto estavam pregados no que fazia, com aparente concentração. Mas Klaus passou a manhã ligado no piloto automático, expressão que aqui significa "medindo os lápis sem pensar neles". Enquanto ia comparando lápis por lápis com a régua, o pensamento estava nos livros que havia lido e podiam ajudar os Baudelaire a sair daquela situação.

E se o vice-diretor Nero parasse de ensaiar no violino e olhasse para sua secretária-bebê, teria achado que Sunny estava muito empenhada no trabalho, despachando a correspondência que ele havia pedido: cartas endereçadas a várias fábricas de baIas, com queixas sobre a má qualidade das guloseimas. Contudo, apesar de Sunny estar datilografando, grampeando e colando selos o mais rápido que podia, sua cabeça não estava ligada em nada daquilo, e sim no encontro que ela e os irmãos teriam à noite com o instrutor Genghis, e se haveria oportunidade de fazer alguma coisa a respeito.

Os Quagmire, curiosamente, estavam ausentes do almoço, de modo que os Baudelaire tiveram mesmo que comer com as mãos desta vez. Mas, enquanto pegavam o espaguete aos punhados e tentavam comer sujando-se o menos possível, as três crianças permaneceram concentradíssimas em seus pensamentos, a ponto de quase não falar. Sabiam, sem precisar falar nada, que nenhum deles conseguira descobrir qual era o plano do instrutor Genghis, e que não tinham imaginado um jeito de evitar o encontro com ele no gramado, um

encontro que ia ficando mais e mais próximo a cada punhado de espaguete que empurravam para dentro da boca. Os Baudelaire passaram a tarde mais ou menos como a manhã, sem tomar conhecimento das histórias do sr. Remora, dos lápis da sra. Bass e da redução no estoque de grampos do vice-diretor; até

mesmo na hora da ginástica — um dos insuportáveis amigos de Carmelita os havia informado de que Genghis começaria a dar aulas no dia seguinte, e que até lá a ordem era continuar correndo como antes — as três crianças correram pelo gramado em absoluto silêncio, guardando toda a força de seus cérebros para refletir.

Os Baudelaire estiveram tão calados e tão entregues a seus pensamentos que, quando os Quagmire sentaram à sua frente na hora do jantar e disseram em uníssono: "Já resolvemos o problema de vocês", a sensação produzida foi mais de susto que de alívio.

"Minha nossa!", disse Violet. "Vocês me assustaram."

"Pensei que você fosse sentir-se aliviada", disse Duncan. "Não escutou o que a gente disse? Resolvemos o problema de vocês."

"Estamos assustados e aliviados", disse Klaus. Que é que vocês querem dizer com

'Resolvemos o problema'? Minhas irmãs e eu pensamos no assunto o dia inteiro, e não chegamos a nenhum lugar. Não sabemos o que o instrutor Genghis está aprontando, só sabemos que está

aprontando. Nem sabemos como fazer para evitar o encontro com ele depois do jantar, mas temos certeza de que fará algo terrível se comparecermos."

"Primeiro achei que talvez ele estivesse simplesmente planejando nos seqüestrar", disse Violet, "só que não precisaria estar disfarçado para fazer isso."

"E primeiro achei que deveríamos ligar para o sr. Poe", disse Klaus, "e contar-lhe o que está acontecendo. Mas, se o conde Olaf é capaz de enganar um computador de última geração, com certeza será capaz de enganar um executivo de banco tão mediano."

"Nazeta", disse Sunny, concordando.

"Duncan e eu passamos o dia todo pensando no assunto também", disse Isadora. "Enchi cinco páginas e meia do meu caderno anotando idéias, e Duncan encheu três."

"Escrevo com letra miúda", explicou Duncan, estendendo seu garfo a Violet para que ela pudesse servir-se do bolo de carne que estava na bandeja.

"Pouco antes do almoço, comparamos nossas anotações", prosseguiu Isadora, "e vimos que havíamos tido a mesma idéia. Aí escapulimos sem dar na vista e fomos pôr o nosso plano em ação."

"Por isso não aparecemos no almoço", explicou Duncan. "Reparem que, em nossas travessas, onde deveriam estar copos há poças de bebidas."

"Bem, podemos compartilhar nossos copos", disse Klaus, passando o seu para Isadora,

"da mesma forma que vocês nos deixaram compartilhar os talheres. Mas qual é o seu plano? Que foi que vocês puseram em ação?"

Duncan e Isadora se entreolharam, sorriram, e inclinaram-se para mais perto dos Baudelaire a fim de assegurar que ninguém de fora os escutaria.

"Nós pusemos um calço na porta dos fundos do auditório, para que fique aberta", disse Duncan. Ele e Isadora sorriram triunfantes e reclinaram-se em suas cadeiras. Os Baudelaire não se sentiram triunfantes. Sentiram-se confusos. Não queriam ofender seus amigos, que violaram regras e se privaram do uso de copos nas refeições só para ajudá-los, mas não percebiam como um calço na porta dos fundos do auditório podia ser a solução para a enrascada em que estavam metidos.

"Desculpem", disse Violet depois de uma pausa. "Não compreendo de que maneira um calço na porta dos fundos do auditório é a solução para o nosso problema."

"Você não percebe?", perguntou Isadora. "Vamos ficar sentados no fundo do auditório esta noite e, assim que Nero começar o concerto, saímos pé ante pé e escapulimos para o gramado da frente. Assim podemos ficar de olho em vocês e no instrutor Genghis. A primeira coisa suspeita que notarmos, corremos de volta para o auditório e avisamos o vice-diretor Nero."

"É o plano perfeito, vocês não acham?", perguntou Duncan. "Estou muito orgulhoso de minha irmã e de mim mesmo, modéstia à parte."

Os Baudelaire entreolharam-se, tomados de dúvida. Não queriam desapontar os amigos ou criticar o plano que os trigêmeos Quagmire haviam bolado, sobretudo porque eles, Baudelaire, não haviam bolado plano algum. Mas o conde Olaf era

tão mau e tão esperto que os três irmãos não puderam deixar de pensar que pôr um calço na porta para mantê-la aberta e escapulir até o gramado para vigiar o instrutor não era lá grande coisa em termos de defesa contra a malícia e a perfídia daquele sujeito repugnante.

"Agradecemos por terem tentado resolver nosso problema", disse Klaus amavelmente,

"mas o conde Olaf é uma pessoa traiçoeira demais. Ele sempre tem uma saída, uma carta escondida na manga. Não quero que vocês se metam em apuros por nossa causa."

"Não diga bobagem", falou Isadora com firmeza, e tomou um gole de suco do copo de Violet. "Vocês é que estão em perigo, e cabe a nós ajudar. E não temos medo de Olaf. Acredito que este é um bom plano."

Os Baudelaire tornaram a se entreolhar. Era muita coragem dos trigêmeos Quagmire não ter medo do conde Olaf e sentir toda aquela confiança no plano, contudo os três irmãos não puderam deixar de se perguntar se os Quagmire deveriam se mostrar assim tão corajosos. Olaf era um homem tão perverso que o mais prudente e o mais sensato era ter medo, e ele derrotara tantos dos planos elaborados pelos Baudelaire que parecia um pouco tolo demonstrar tal confiança diante daquele que acabara de ser exposto. No entanto, as crianças estavam tão agradecidas aos amigos que não falaram mais nada sobre o assunto. Nos anos que se seguiram, os órfãos Baudelaire se arrependeriam disso, desse dia em que preferiram não tocar mais no assunto, mas na ocasião limitaram-se a terminar o jantar com os Quagmire, dividindo copos e talheres e tentando conversar sobre outras coisas. Discutiram novos projetos que poderiam desenvolver para melhorar o Barraco dos Órfãos, trataram de novas pesquisas que poderiam realizar na biblioteca e pensaram no que poderiam fazer a respeito do problema de Sunny com os grampos, cujo estoque estava se esgotando rapidamente. Quando se deram conta, o jantar tinha terminado. Os Quagmire saíram correndo para o recital de violino, prometendo escapulir de lá o mais rápido possível, e os Baudelaire deixaram o refeitório e caminharam para o gramado da frente. Os últimos raios do crepúsculo projetaram sombras compridíssimas dos Baudelaire enquanto eles andavam, como se as crianças tivessem sido esticadas por toda a extensão do gramado marrom por obra de algum horrível artifício mecânico. Os três olharam para suas sombras, que de tão frágeis pareciam silhuetas de papel, e desejaram, a cada passo, poder fazer alguma outra coisa — qualquer outra coisa — que não fosse encontrar o instrutor Genghis no gramado da frente. Gostariam de poder apenas continuar andando, passar debaixo do arco, atravessar o gramado da frente e avançar em direção ao mundo — mas para onde poderiam

ir? Os três órfãos estavam sozinhos no mundo. Seus pais estavam mortos. O executivo de banco que ficara responsável pela fortuna da família era ocupado demais para cuidar direito das crianças. E seus únicos amigos eram dois órfãos como eles, que os Baudelaire sinceramente esperavam ter escapulido do recital para, com os olhos pregados nos três, acompanhar o encontro com a solitária figura do instrutor Genghis, impaciente à espera dos Baudelaire. A luz evanescente do pôr-do-sol —

a palavra "evanescente" aqui significa "pálida, indistinta, que empresta a tudo um ar superfantasmagórico" — dava à sombra do turbante do instrutor a aparência de um buraco imenso, muito profundo, no gramado.

"Vocês estão atrasados", disse Genghis com aquela sua voz rascante. Quando os irmãos chegaram perto dele, puderam ver que tinha as mãos postas para trás, como se estivesse escondendo alguma coisa. "Segundo as instruções, vocês deveriam estar aqui imediatamente depois do jantar, e chegaram atrasados."

"Desculpe", disse Violet, esticando o pescoço para tentar descobrir o que ele tinha nas costas. "Levamos mais tempo para jantar porque não podíamos usar talheres."

"Se fossem espertos", disse Genghis, "teriam pedido emprestados os talheres de um de seus amigos."

"Não pensamos nisso", disse Klaus. Quando alguém é forçado a dizer uma mentira cabeluda, em geral sente um frio na barriga, e Klaus estava tendo essa sensação agora. "O senhor, sim, é um homem inteligente", disse.

"Não só inteligente", concordou Genghis, "mas também muito esperto. Bem, vamos pôr mãos à obra. Mesmo crianças estúpidas como vocês devem ser capazes de lembrar o que eu disse a propósito de os órfãos terem excelente estrutura óssea para

correr. Por isso vamos imediatamente começar com a Disciplina para Órfãos Rápidos ou, de forma abreviada, D.O.R."

"Vaivacê!", gritou Sunny.

"Minha irmã quer dizer que está achando fantástico", disse Violet, embora "Vaivacê!" na verdade significasse: "Gostaria que nos dissesse o que você realmente pretende fazer, Genghis".

"Fico contente por esse entusiasmo de vocês", disse Genghis. "Em certos casos, o

entusiasmo pode compensar a falta de inteligência." Ele trouxe as mãos para a frente do corpo, e as crianças viram que segurava uma lata das grandes e um pincel comprido e pontudo. A lata estava aberta, e um reflexo branco e sinistro brilhava em seu interior. "Bem, antes de dar início à D.O.R., vamos precisar marcar uma pista. Essa é uma tinta fosforescente, o que significa que ela brilha no escuro."

"Que interessante", disse Klaus, apesar de ter aprendido dois anos antes o que significava a palavra "fosforescente".

"Bem, se você acha tão interessante", disse Genghis, com olhos tão fosforescentes quanto a tinta, "pode ficar encarregado do pincel. Tome aqui." Entregou o pincel comprido e pontudo nas mãos de Klaus. "E vocês, garotinhas, fiquem com a lata de tinta. Quero que vocês pintem um grande círculo na grama para que vejam o percurso que terão pela frente quando começarem a correr. Então, o que estão esperando?"

Os Baudelaire se entreolharam. O que estavam esperando, é claro, era que Genghis revelasse o que pretendia com a tinta, o pincel e aquela ridícula Disciplina para Órfãos Rápidos. Por ora, entretanto, acharam melhor fazer o que Genghis havia mandado. Pintar um grande círculo no gramado não parecia ser especialmente perigoso, de modo que Violet apanhou a lata, e Klaus mergulhou o pincel na tinta e começou a traçar um grande círculo. Enquanto isso, Sunny sentia-se uma quinta roda, expressão que significa "incapaz de ajudar ou ser útil", mas arrastava-se ao lado dos irmãos oferecendo apoio moral.

"Maior!", gritou Genghis na escuridão. "Mais amplo!" Os Baudelaire seguiram suas instruções e fizeram o círculo maior e mais largo, afastando-se de Genghis e deixando um rastro fosforescente. Olharam para o lusco-fusco do anoitecer, indagando-se onde os trigêmeos Quagmire poderiam estar escondidos, se é que tinham conseguido mesmo escapulir do recital. Porém o sol já

havia se posto, e a única coisa que os órfãos viam era o círculo brilhante que estavam pintando no gramado e a figura indistinta de Genghis, seu turbante branco mais parecendo um crânio flutuante na noite. "Maior! Mais amplo! Agora está bom, assim, pronto, grande e amplo! Isso aí! Terminem o círculo no ponto onde eu estou! Depressa!"

"O que você acha que estamos realmente fazendo?", sussurrou Violet para seu irmão.

"Não sei", disse Klaus. "Li apenas dois ou três livros sobre tintas. Sei que as tintas podem ser venenosas ou causar defeitos de nascença. Mas Genghis não está

fazendo a gente comer o círculo, e você não está grávida, é claro. Logo, não consigo imaginar." Sunny quis acrescentar "Gargaba!", querendo dizer: "Talvez a tinta fosforescente seja algum tipo de sinalização à distância!", entretanto os Baudelaire tinham concluído o círculo e estavam perto demais de Genghis para poder prosseguir na conversa.

"Acho que assim está bom, órfãos", disse Genghis, tomando de suas mãos a lata e o pincel. "Agora ponham-se em posição de largada, e quando ouvirem meu apito comecem a correr em volta do círculo até eu mandar parar."

"O quê?", disse Violet. Como vocês sabem, há dois tipos de "O quê?" no mundo. O primeiro



tipo significa simplesmente: "Perdão, mas não ouvi o que disse. Pode repetir, por

favor?". O

segundo é um pouco mais maroto. Equivale a algo como: "Perdão, eu ouvi o que você disse mas não posso acreditar que foi isso mesmo que você disse", e era óbvio que naquele momento Violet estava usando esse segundo tipo. Ela se achava bem junto a Genghis, de modo que não podia haver a menor dúvida de que tinha escutado perfeitamente o que saíra da boca malcheirosa daquele patife. Contudo não dava para acreditar que Genghis fosse se limitar a mandá-los correr na pista. Era uma criatura tao perversa e revoltante que a mais velha dos Baudelaire simplesmente não podia aceitar que o seu plano fosse tão ingênuo quanto uma aula de ginástica comum.

"O quê?", repetiu Genghis, em arremedo debochado. Ele se inspirava em Nero, ou seja, aprendera como repetir, com ar de troça, o que as crianças diziam, só para debochar delas. "Sei muito bem que me ouviu, orfãzinha. Você está colada em mim. Vamos, ponham-se em posição de largada, e quando ouvirem meu apito comecem a correr."

"Mas Sunny não passa de um bebê", protestou Klaus. "Na verdade, não tem condições de correr, pelo menos de modo profissional."

"Então que engatinhe o mais depressa que puder", respondeu Genghis. "Vamos, todos em posição e...já!"

Genghis soprou no apito e os órfãos Baudelaire começaram a correr, sintonizando o ritmo



de maneira que se mantivessem juntos apesar de terem pernas de tamanhos diferentes. Terminaram uma volta, depois outra, e outra, e mais outra, e mais cinco outras, e depois outra, e depois mais sete, e depois outra, e mais três depois,

e mais duas, e mais outra, e mais outra, e depois mais seis, e perderam a conta. O instrutor Genghis não parava de soprar no apito, e vez por outra soltava exclamações monótonas que não ajudavam em nada, como: "Continuem correndo!" ou "Mais uma volta!". As crianças baixavam os olhos para o círculo fosforescente a fim de não se desviarem do percurso; e olhavam para Genghis, que de tempos em tempos ficava com os contornos indefinidos e definidos, de acordo com o ponto em que estavam; e olhavam para a escuridão tentando descobrir algum vestígio dos Quagmire.

Os Baudelaire também se entreolhavam de vez em quando, mas sem se falar, mesmo quando estavam longe de Genghis e não dava para ele os ouvir. Uma das razões de não se falarem era poupar energia, porque, apesar de estarem razoavelmente em forma, jamais haviam corrido tantas voltas, e não demorou muito para a respiração ficar tão difícil que passou a ser impossível trocar duas palavras que fossem. A outra razão era que Violet já falara por eles quando perguntou o segundo tipo de "O quê?". O instrutor Genghis continuou soprando no apito, e as crianças continuaram dando voltas e mais voltas na pista, enquanto na mente de cada uma ecoava aquele segundo tipo de pergunta, mais malicioso. Os três irmãos tinham ouvido o instrutor Genghis, porém não conseguiam acreditar que o plano perverso dele se resumisse na D.O.R. Os órfãos Baudelaire continuaram correndo em torno do círculo fosforescente até os primeiros raios do sol nascente começarem a se refletir na pedra vermelha do turbante de Genghis, e o único pensamento que tinham na cabeça era O quê? O quê? O quê?.

CAPÍTULO

Oit

i o

t

"O quê?", perguntou Isadora.

"Eu disse: 'Finalmente, quando o sol nasceu, o instrutor Genghis mandou que parássemos de dar voltas e nos deixou ir dormir'", disse Klaus.

"Minha irmã não quis dizer que não havia escutado", explicou Duncan. "Ela quis dizer que escutou mas não acreditou que tivesse escutado aquilo mesmo. E, para dizer a verdade, também custo a crer, apesar de ter visto com meus próprios olhos."

"Nem eu consigo acreditar", disse Violet franzindo a cara enquanto beliscava um

naco da salada que os atendentes mascarados haviam servido como almoço. Era a tarde seguinte ao encontro, e os três órfãos Baudelaire estavam fazendo milhões de caretas, ou seja, franzindo a cara a toda hora num reflexo de susto, ou de medo, ou de sofrimento. Quando o instrutor Genghis dera o nome de D.O.R. às atividades da noite anterior, estava apenas abreviando "Disciplina para Órfãos Rápidos", mas as três crianças acharam que D.O.R. tinha mais a ver com aqueles exercícios do que o nome oficial. Depois de uma noite inteira de D.O.R., passaram o dia todo sentindo dores no corpo. As pernas doíam por causa do tanto que correram. Quando enfim se recolheram ao Barraco dos Órfãos para dormir, o cansaço impediu que calçassem os sapatos barulhentos, e por isso tiveram os dedos dos pés feridos pelas pinças dos minúsculos caranguejos obsessivamente apegados ao território. E a cabeça também lhes doía, e não era só dor de cabeça como as provocadas por noites maldormidas; era dor de cabeça por estarem incessantemente especulando qual teria sido a intenção do instrutor Genghis ao obrigá-los a correr aquelas voltas todas. As pernas doíam, os dedos dos pés doíam, a cabeça doía, e logo os músculos da boca também começaram a doer de tanto que franziram o rosto fazendo caretas.

Era hora do almoço, e as três crianças comentavam os acontecimentos da noite anterior com os trigêmeos Quagmire, que não sentiam aquelas dores, muito menos o cansaço que os abatia. Isso porque haviam ficado escondidos atrás do arco de pedra, de olho em Genghis e nos Baudelaire, em vez de correrem todas aquelas voltas em torno do círculo fosforescente. E também porque os Quagmire haviam feito a vigilância em turnos. Depois de os Baudelaire terem corrido as primeiras voltas e os amigos perceberem não haver sinal algum de que iriam parar, os dois trigêmeos resolveram alternar-se no posto, Duncan dormiu e Isadora vigiou, ou Duncan vigiou e Isadora dormiu. Os dois irmãos tinham combinado que o vigilante acordaria o adormecido se percebesse alguma coisa de anormal durante o seu turno.

"O último turno foi meu", explicou Duncan, "de modo que minha irmã não presenciou o final de D.O.R. Mas não importa. Tudo o que aconteceu foi: o instrutor Genghis mandou que vocês parassem de correr e fossem dormir. Pensei que ele fosse insistir em ficar com a fortuna de vocês antes de permitir que parassem."

"E eu pensei que o círculo fosforescente fosse servir como pista de pouso para algum helicóptero", disse Isadora, "um helicóptero pilotado por um ajudante de Genghis, que aterrissaria e em seguida fugiria levando vocês. A única coisa que eu não conseguia entender era por que vocês precisavam correr todas aquelas voltas antes de o helicóptero aparecer."

"Mas nenhum helicóptero apareceu", disse Klaus, bebendo um gole d'água e franzindo o rosto. "Não apareceu nada."

"Quem sabe o piloto perdeu o rumo", disse Isadora.

"Ou talvez o instrutor Genghis tenha ficado tão cansado quanto vocês e tenha esquecido de exigir a fortuna", disse Duncan.

Violet balançou sua cabeça dolorida. "Por maior que fosse o cansaço, ele jamais desistiria de pôr a mão em nossa fortuna", disse ela. "Que ele está a fim de aprontar alguma, disso não há a menor dúvida, só não consigo imaginar o que possa ser."

"Claro que não consegue imaginar", disse Duncan. "Você está exausta. Ainda bem que Isadora e eu tivemos a idéia de nos revezar em turnos. Vamos usar todo o nosso tempo de folga para investigar. Vamos folhear todas as nossas anotações, e fazer mais alguma pesquisa na biblioteca. Tem que haver alguma coisa que nos ajude a descobrir."

"Também vou pesquisar", disse Klaus, bocejando. "Isso eu sei fazer bem."

"Não resta dúvida", disse Isadora, sorrindo. "Mas não hoje, Klaus. Nós vamos nos empenhar em descobrir o plano de Genghis, e vocês três podem aproveitar para pôr o sono em dia. Você está muito cansado para fazer algo que valha a pena numa biblioteca ou seja onde for." Violet e Klaus olharam para a cara cansada um do outro, e depois para a irmãzinha bebê, e viram que os trigêmeos Quagmire tinham razão. Violet estava tão cansada que se limitara a tomar umas poucas notas sobre as histórias tediosas do sr. Re-mora. Klaus estava tão cansado que errara nas medidas de quase todos os objetos trazidos pela sra. Bass. E, embora Sunny não houvesse contado o que fizera aquela manhã no gabinete de Nero, provavelmente não deve ter realizado um bom serviço como assistente administrativa, porque caiu no sono ali mesmo no refeitório, sua cabecinha tombando sobre a salada como se as verduras fossem um travesseiro macio em vez de folhas de alface, fatias de tomate, molho de mostarda e uns poucos croütons (que são cubinhos de torrada que dão ao prato um crocante especial). Violet gentilmente tirou a cabeça da irmã do meio da salada e expulsou alguns croütons que tinham aderido aos cabelos. Sunny fez uma careta, com um gemido meio fraco, e retomou o sono no colo de Violet. "Talvez você tenha razão, Isadora", disse Violet. "O jeito é levar esta tarde meio aos trancos e barrancos, depois, à

noite, tentar um bom sono. Se tivermos sorte, hoje o vice-diretor Nero toca uma peça tranqüila no concerto e a gente consegue dormir também durante o recital."

Só por essa última frase vocês já podem ter uma idéia de como Violet estava realmente cansada, porque "Se tivermos sorte" não é uma frase que nem ela nem os irmãos usavam com freqüência. Por motivos óbvios: os órfãos Baudelaire não tinham sorte. Eram espertos, sim. Encantadores, sim. Capazes de sobreviver a situações difíceis, sim. Porém não eram crianças "de sorte", de modo que jamais usariam a frase "Se tivermos sorte", assim como jamais diriam "Se nos tornarmos talos de aipo", por não serem, nem uma nem outra, frases apropriadas. Se houvessem se tornado talos de aipo, não teriam sido crianças aflitas, e se houvessem tido sorte, Carmelita Spats não teria se aproximado da mesa, como fez naquele exato momento, e transmitido mais uma mensagem infeliz.

"Olá, seus bisbórrias", disse ela, "se bem que, a julgar pela pirralhinha,

'fuçadores-de-saladas' talvez caia melhor como apelido, não sei. Tenho outra mensagem, outro recado, do instrutor Genghis. Ele me escolheu como Mensageira Especial por ser a garota mais engraçadinha, mais bonitinha e mais simpática de todo o colégio."

"Se você fosse de fato a pessoa mais simpática de todo o colégio", disse Isadora, "não estaria fazendo troça de um bebê com sono. Mas, deixa pra lá. Qual é o recado?"

"Na verdade, é o mesmo da última vez", disse Carmelita, "mas repetirei caso vocês sejam estúpidos demais para se lembrar. Os três órfãos Baudelaire devem comparecer ao gramado da frente, logo depois do jantar."

"O quê?", perguntou Klaus.

"Vocês também são surdos, além de bisbórrias?", perguntou Carmelita. "Eu disse..."

"Sim, sim, Klaus ouviu o que você disse", Violet apressou-se em dizer. "Não foi esse tipo de

'O quê?' que ele perguntou. Você já nos deu o recado, Carmelita. Agora, por favor, vá embora."

"Com esta, são duas gratificações que vocês me devem", Carmelita disse, mas foi dizendo e sumindo na mesma hora.

"Não posso acreditar", disse Violet. "Mais voltas! Minhas pernas doem demais só de andar, imagine correr!"

"Carmelita não falou de mais voltas", observou Duncan. "Talvez o instrutor Genghis vá pôr em pratica o verdadeiro plano hoje à noite. Seja como for, tornaremos a escapulir do recital e de novo ficaremos de olho em vocês."

"Revezando-nos em turnos", acrescentou Isadora, concordando. "E aposto que então já

teremos uma idéia clara de qual é o plano dele. Temos o resto do dia para pesquisar." Isadora fez uma pausa e abriu o caderno de capa preta na página certa. Leu:

"Baudelaire, não se aflijam, já, já tudo muda Quando os trigêmeos derem sua ajuda."

"Obrigado", disse Klaus, dirigindo a Isadora um sorriso cansado, de agradecimento.

"Minhas irmãs e eu somos muito gratos pelo apoio de vocês. E vamos pôr nossas cabeças para trabalhar, ainda que estejamos cansados demais para uma pesquisa. Se tivermos sorte, com todos trabalhando juntos, poderemos vencer o instrutor Genghis."

Lá estava mais uma vez aquela frase, "Se tivermos sorte", saindo da boca de um Baudelaire, e mais uma vez parecia tão apropriada quanto "Se nos tornarmos talos de aipo". A única diferença era que os órfãos Baudelaire não desejavam se tornar talos de aipo. Mesmo sendo verdade que se fossem talos de aipo não seriam órfãos porque aipo é uma planta e dele não se pode dizer que tenha pais, Violet, Klaus e Sunny não tinham a menor vontade de tornar-se uma erva fibrosa de baixa caloria. Infortúnios podem acontecer tanto ao aipo como a crianças. O aipo pode ser fatiado em pequenos pedaços e mergulhado em molho de mexilhões em festas requintadas. Pode ser coberto com pasta de amendoim e servido como tira-gosto. Pode simplesmente ser deixado no campo até apodrecer, caso os plantadores de aipo da região sejam preguiçosos ou estejam em férias. Todas essas coisas terríveis podem acontecer ao aipo, e os órfãos bem o sabiam, de modo que, se perguntassem aos Baudelaire se queriam ser talos de aipo, só poderia haver uma resposta: claro que não. Mas eles queriam ter sorte. Os Baudelaire não exigiam ser supersortudos, como alguém que num concurso ganha uma provisão de sorvete para toda a vida, ou como o homem — e, infelizmente, não foi o meu caso — que era tão sortudo que se casou com



minha amada e viveu feliz com ela enquanto durou a curta vida da estimada Beatrice. Entretanto os Baudelaire desejavam ter uma sorte pelo menos razoável. Razoável a ponto de lhes permitir escapar das garras do instrutor Genghis, e a única chance — tudo levava a crer — dependia de ter essa sorte. Violet estava cansada demais para inventar o que quer que fosse, e Klaus cansado demais para ler o que quer que fosse, e Sunny, ainda adormecida no colo de Violet, cansada demais para morder o que ou quem quer que fosse. Tudo levava a crer que, mesmo com a dedicação dos trigêmeos Quagmire — entendam "dedicação" aqui como "capacidade de fazer boas anotações em cadernos com capa verde-vivo e negro como breu" —, eles precisavam ter sorte se quisessem continuar vivos. Como se no refeitório fizesse um frio tremendo, os Baudelaire estavam bem agarradinhos uns aos outros, os rostos franzidos de dor e preocupação. Os órfãos Baudelaire tinham a impressão de que jamais em toda a vida haviam desejado tanto um pouquinho de sorte

CAPITULO

Nove

Ocasionalmente, os acontecimentos da vida de uma pessoa tornam-se mais claros vistos do prisma da experiência. Em outras palavras: as coisas tendem a tornar-se mais claras com o passar do tempo. Por exemplo, uma pessoa recém-nascida não faz a menor idéia do que é cortina, e passa boa parte dos primeiros meses especulando por que cargas d'água Mamãe e Papai penduraram pesadas peças de pano sobre cada uma das janelas do quarto. Mas, à medida que a pessoa cresce, a idéia de cortina torna-se mais clara, vista sob o prisma da experiência. A pessoa aprenderá a palavra "cortina" e perceberá que ela é de fato muito conveniente para manter o quarto às escuras na hora de dormir, e que cumpre efeito decorativo numa área que de outro modo seria monótona e sem graça, como é o espaço ocupado pelas janelas. Por fim, aceitará por completo a idéia de cortina, e pode ser que até venha a comprar algumas, ou instale venezianas — tudo isso graças ao prisma da experiência.

O programa D.O.R. do instrutor Genghis, no entanto, era uma ocorrência que, fugindo à

regra, não pareceu ganhar nenhuma clareza com a experiência dos órfãos Baudelaire. Muito pelo contrário, tornou-se cada vez mais difícil de entender, porque Violet, Klaus e Sunny foram ficando inteiramente exaustos conforme os dias — e sobretudo as noites — iam passando. Depois de terem recebido a segunda mensagem transmitida por Carmelita Spats, as crianças não conseguiram deixar de pensar o que o instrutor Genghis tinha em mente, o que os obrigaria a fazer aquela noite. Os Quagmire participaram com eles daquela preocupação, por isso a surpresa foi geral — dos Baudelaire, que foram de novo ao encontro de Genghis no gramado da frente do colégio logo que terminaram o jantar, e dos Quagmire, que saíram de mansinho do recital e ficaram no posto de vigilância observando os amigos atrás do arco de pedra, como na véspera — quando Genghis se pôs a soprar o apito e mandou que os órfãos Baudelaire começassem a correr. Para os Baudelaire e os Quagmire, Genghis com certeza tinha em mente algo muito mais sinistro do que repetir voltas e mais voltas pela pista.

Ainda que uma segunda noite de voltas fosse menos sinistro do que haviam previsto, Violet, Klaus e Sunny estavam exaustos demais para levar isso em conta. Mal conseguiam ouvir os ruídos estridentes do apito de Genghis e os gritos que ele dava — "Continuem correndo!" e "Mais uma volta!" —, encobertos pelo som arquejante do esforço para respirar. Os órfãos ficaram tão ensopados de

suor que chegou um momento em que se sentiram capazes de desistir de toda a fortuna dos Baudelaire em troca de uma boa e longa chuveirada. E tinham as pernas tão traumatizadas que, mesmo valendo-se do prisma da experiência, eram incapazes de lembrar como era a sensação de não sentir dores em toda a extensão da perna, das coxas aos dedos dos pés. Volta após volta, os Baudelaire prosseguiam na corrida esforçando-se para não desviar os olhos do círculo de tinta fosforescente que brilhava intensamente no gramado às escuras, e de certa forma olhar para o círculo era o pior de tudo. À medida que caía a noite, o círculo fosforescente era tudo o que os Baudelaire de fato conseguiam ver, e se imprimia de tal modo nos olhos que eles o viam até quando fitavam cegamente a escuridão. Se o flash de uma máquina já bateu na sua cara e a mancha luminosa persistiu nos olhos por alguns instantes mesmo depois de a lâmpada ter se apagado, então você tem uma idéia do que estava acontecendo com os Baudelaire. Mas o círculo brilhante persistiu por tanto tempo na mente das crianças que se tornou simbólico. Usei a palavra

"simbólico" aqui para dizer que o círculo brilhante não estava representando apenas uma pista; o que ele queria representar era um zero. O zero fosforescente fulgurava na mente dos Baudelaire, e simbolizava o que sabiam sobre a situação. Eles não sabiam absolutamente nada, zero, sobre o que Genghis estava querendo aprontar. Eles não sabiam absolutamente nada, zero, do motivo de dar voltas e mais voltas no gramado. E a energia que tinham para pensar nisso era zero. Até que o sol começou a nascer, e o instrutor Genghis dispensou a equipe de corredores. Tontos de sono, os Baudelaire foram cambaleando para o Barraco dos Órfãos, tão cansados que nem tiveram forças para checar se Duncan e Isadora estavam escapulindo para o alojamento depois de cumprir o último turno de vigilância. Tampouco tiveram energia para calçar os sapatos barulhentos, de modo que os dedos dos pés doíam o dobro quando os três acordaram, duas horas depois, para iniciar mais um dia "fora do ar". Não gosto nem de pensar em dizer isso — mas não foi o último dia "fora do ar" para os órfãos Baudelaire. A horrível Carmelita Spats deu o recado habitual no almoço, e, após uma manhã inteira cabeceando de sono nas aulas e nas tarefas da secretaria, os Baudelaire deitaram a cabeça sobre a mesa do refeitório, desesperados com a idéia de enfrentar mais uma noite de corrida. Os Quagmire procuraram consolá-los, prometendo redobrar os esforços de pesquisa, porém Violet, Klaus e Sunny estavam cansados demais para manter uma conversa, mesmo com seus amigos mais íntimos. Ainda bem que seus amigos mais íntimos compreenderam e não viram no silêncio dos Baudelaire uma grosseria ou um desencorajamento. Parece impossível acreditar que os três Baudelaire conseguissem sobreviver a mais uma noite de D.O.R., mas em casos de estresse extremo as pessoas encontram energia escondida nas áreas mais exaustas do corpo. Descobri isso por mim

mesmo, quando me acordaram no meio da noite e uma multidão em fúria, armada com tochas, espadas e cães bravos, me perseguiu mais de vinte quilômetros. E os Baudelaire descobriram isso ao correr voltas e mais voltas, não só aquela noite, mas nas seis noites que se seguiram. Ao todo, uma soma espetacular de nove sessões de D.O.R., se bem que "espetacular" não parece ser a palavra adequada para noites intermináveis de respiração ofegante, corpo suado e pernas doloridas. Durante nove noites, o cérebro dos Baudelaire foi atormentado com o simbólico zero fosforescente brilhando intenso na mente de cada um deles, como uma gigantesca rosca de desespero. O sofrimento dos Baudelaire repercutiu no aproveitamento escolar. Você, leitor, sabe muito bem que uma boa noite de sono ajuda a ter um bom desempenho no colégio, e, se você é estudante, deveria cuidar para ter sempre uma noite bem-dormida — a não ser que esteja num capítulo interessante do livro que está lendo, e nesse caso o melhor é ficar acordado a noite inteira e que se dane o aproveitamento escolar. Nos dias que se seguiram, os Baudelaire estavam muito mais exaustos do que alguém que houvesse passado a noite inteira lendo, e do aproveitamento escolar deles é pouco dizer que simplesmente deixou a desejar: danou-se — expressão que aqui tem significados diferentes para cada um dos órfãos. Para Violet, significava que ficou tão atordoada que não registrou no caderno nenhuma palavra das histórias contadas pelo sr. Remora. Para Klaus, significava que o cansaço foi tanto que ele não mediu nenhum dos objetos na aula da sra. Bass. E para Sunny significava que, exausta como se achava, foi incapaz de cumprir qualquer uma das tarefas que o vice-diretor Nero lhe determinou. Para os órfãos Baudelaire, sair-se bem no colégio era da maior importância, ainda que o colégio —

como era o caso — fosse dirigido por um idiota tirânico, mas as corridas noturnas os haviam incapacitado para qualquer esforço nesse sentido. Com o passar do tempo, o círculo de tinta fosforescente não foi o único zero na vida dos Baudelaire. Violet viu um zero no alto da folha da prova quando não soube reproduzir nenhuma das histórias do sr. Remora. Klaus viu um zero no boletim onde a sra. Bass lançava suas notas quando, argüido sobre o comprimento exato de um pé

de meia, foi pilhado tirando a maior soneca. E Sunny viu um zero quando abriu a gaveta para verificar o estoque de grampos e constatou que havia zero grampo.

"Isso está se tornando ridículo", disse Isadora depois de ouvir Sunny pôr os irmãos e amigos a par de sua situação. Era o início de mais um almoço carregado de preocupações. "Veja o que está acontecendo, Sunny. Pra começar, não fazia sentido contratar você como assistente administrativa. E é simplesmente ridículo fazer você engatinhar à noite e depois obrigá-la a fabricar grampos durante o

dia."

"Não chame minha irmã de ridícula!", exclamou Klaus.

"Não é ela que eu estou chamando de ridícula!", disse Isadora. "Ridícula é a situação!"

"Ridículo é alguma coisa da qual a gente sente vontade de rir", disse Klaus, que não se cansava nunca de definir palavras, "e não quero que você ria de nós"

"Não estou rindo de vocês", disse Isadora. "Estou tentando ajudar." Klaus estendeu a mão sobre a mesa e agarrou o copo de água que estava em frente a Isadora. "Rir de nós não vai ajudar em nada, sua bisbórria." Isadora retirou das mãos de Klaus os talheres que emprestara. "Xingar também não ajuda em nada, Klaus."

"Mambão!", gritou Sunny.

"Ora, parem com isso, vocês dois", disse Duncan. "Isadora, você não vê que Klaus está

cansado? E Klaus, você não vê que Isadora está chateada?"

Klaus tirou os óculos e devolveu o copo para Isadora. "Estou cansado demais para ver qualquer coisa", disse ele. "Desculpe, Isadora. O cansaço me deixa mal-humorado. Com mais alguns dias, vou estar um peste igual a Carmelita Spats."

Isadora estendeu os talheres de volta a Klaus e tocou de mansinho a mão dele, em sinal de que o perdoava. "Você nunca será uma peste igual a Carmelita Spats", disse.

"Carmelita Spats?", disse Violet, erguendo a cabeça, que estivera deitada sobre a bandeja. Cochilara durante a discussão entre Isadora e Klaus, mas despertou ao ouvir o nome da Mensageira Especial. "Ela não está vindo aqui mandar a gente correr de novo, está?"

"Infelizmente, aí vem ela", disse Duncan com pesar, palavra que aqui deve ser entendida como "com o dedo apontado na direção de uma garotinha grosseira, violenta e desbocada".

"Olá, seus bisbórrias", disse Carmelita Spats. "Hoje tenho duas mensagens, e deveria receber duas gratificações em vez de uma."

"Ora, Carmelita", disse Klaus. "Você não recebeu gratificação nenhuma nos

últimos nove dias, e não vejo por que romper essa tradição."

"Isso porque você é um órfão estúpido", disse Carmelita sem hesitar. "De qualquer modo, a mensagem número um é a de sempre: encontrar o instrutor Genghis no gramado da frente logo depois do jantar."

Violet soltou um gemido de exaustão. "E qual é a segunda mensagem?", perguntou.

"A segunda mensagem é que vocês devem comparecer ao gabinete do vice-diretor Nero imediatamente."

"Ao gabinete do vice-diretor Nero?", perguntou Klaus. "E por quê?"

"Sinto muito", disse Carmelita Spats com um sorriso cretino que indicava não estar sentindo coisíssima nenhuma. "Não respondo a perguntas de bisbór-rias que não dão gratificações."

Algumas crianças da mesa vizinha soltaram gargalhadas ao ouvir isso e começaram a bater os talheres na mesa. "Lugar de bisbórrias é no Barraco dos Órfãos! Lugar de bisbórrias é no Barraco dos Órfãos!", entoavam em conjunto enquanto Carmelita Spats, saltitante e soltando risadinhas, voltava ao assento para terminar o almoço. "Lugar de bisbórrias é no Barraco dos Órfãos! Lugar de bisbórrias é no Barraco dos Órfãos!", prosseguiu o coro, e os Baudelaire, entre suspiros, levantaram-se sobre as pernas doloridas. "Melhor a gente ir até a sala de Nero", disse Violet. "Duncan e Isadora, depois a gente se fala."

"Nada disso", disse Duncan. "Vamos com vocês. Carmelita Spats tirou o meu apetite, vamos pular o almoço e levar vocês até o prédio administrativo. Não entraremos — do contrário, os cinco ficaremos privados de talheres —, mas ficaremos esperando do lado de fora e depois vocês nos dizem o que aconteceu."

"O que será que Nero está querendo?", perguntou Klaus bocejando.

"Vai ver que ele descobriu sozinho que Genghis na verdade é Olaf", disse Isadora, e os Baudelaire responderam-lhe com um sorriso. Eles não ousavam ter a esperança de que esse fosse o motivo da convocação ao gabinete do vice-diretor, mas estavam gratos aos amigos por tentar consolá-los. As cinco crianças mal haviam tocado no almoço. Devolveram a bandeja aos empregados do refeitório, que piscaram para eles silenciosamente por trás das máscaras de ferro. Em seguida andaram até o prédio administrativo. Os trigêmeos Quagmire desejaram boa sorte aos Baudelaire, que, com passos pausados, chegaram à porta do gabinete de Nero.

"Obrigado por encontrarem um tempinho na rotina atarefadíssima de órfãos", disse o vice-diretor Nero, escancarando a porta antes mesmo que eles batessem. "Venham logo aqui para dentro. Cada minuto que gasto falando com vocês é um minuto que eu poderia aproveitar me exercitando no violino. E quando se trata de um gênio musical como eu, cada minuto é precioso." As três crianças entraram no minúsculo gabinete e começaram a bater palmas enquanto Nero jogava os braços para o alto. "Há duas coisas que eu queria falar com vocês", disse ele quando cessaram os aplausos. "Vocês sabem quais são?"

"Não senhor", respondeu Violet.

"Não senhor", arremedou Nero, mostrando certo desapontamento porque as crianças não deram uma resposta mais longa de que ele pudesse debochar. "Pois bem, a primeira coisa é que vocês três perderam nove dos meus recitais de violino, e cada um me deve um saco de balas por recital. Nove sacos de balas vezes três é igual a vinte e nove. Além disso, Carmelita Spats me disse que transmitiu dez recados para vocês — se incluírem os dois de hoje — e vocês nunca lhe deram nenhuma gratificação. Um absurdo. Bem, eu acho que um belo par de brincos com pedras preciosas seria uma boa idéia. Ou seja, vocês lhe devem dez pares de brincos. O que têm a me dizer sobre isso?"

Os órfãos Baudelaire se entreolharam com os olhos muito, muito sonolentos. Não tinham nada a dizer. Tinham, sim, muito o que pensar sobre aquilo: que só faltaram aos concertos de Nero porque foram obrigados pelo instrutor Genghis, que nove sacos de bala vezes três é igual a vinte e sete, não vinte e nove, e que gratificações são sempre opcionais e em geral dadas em dinheiro, não em brincos. No entanto, Violet, Klaus e Sunny estavam cansados demais para dizer qualquer coisa. Tal atitude provocou novo desapontamento no vice-diretor Nero, que ficou coçando os tufos esparsos de cabelo à espera de que alguma das crianças dissesse algo que ele pudesse repetir com voz debochada e irritante. Mas, passado o momento de silêncio, o vice-diretor passou à

segunda coisa. "A segunda coisa", prosseguiu, "é que vocês três se tornaram os piores alunos que já freqüentaram a Escola Preparatória Prufrock. Violet, o sr. Remora me disse que você não passou num teste. Klaus, a sra. Bass me falou da sua incapacidade de lidar com uma fita métrica. E Sunny, eu reparei que você não fabricou um grampo sequer! O sr. Poe me disse que vocês eram crianças inteligentes e esforçadas, mas eu vejo que não passam de um bando de bisbórrias!" Ao ouvir isso, os Baudelaire não se contiveram mais. "Estamos indo mal no colégio porque estamos exaustos!", exclamou Violet.

"E estamos exaustos porque corremos à volta do gramado todas as noites!",

exclamou Klaus.

"Galuca!", gritou Sunny, querendo dizer: "Grite com o instrutor Genghis, não conosco!". O vice-diretor Nero abriu um imenso sorriso para as crianças, encantado por poder responder daquela sua maneira predileta: "Estamos indo mal no colégio porque estamos exaustos!", disse com a voz bem aguda. "E estamos exaustos porque corremos à volta do gramado todas as noites! Galuca! Estou farto das tolices de sempre! A Escola Preparatória Prufrock prometeu-lhes uma excelente educação, e uma excelente educação é o que vocês vão ter — ou, no caso de Sunny, um excelente emprego como assistente administrativa. Pois muito bem: pedi ao sr. Remora e à sra. Bass que apliquem testes gerais e rigorosos amanhã, testes minuciosos sobre absolutamente tudo o que vocês aprenderam até hoje. Violet, você trate de se lembrar de todos os detalhes das histórias do sr. Remora, e você, Klaus, vá tratando de se lembrar do comprimento, largura e altura dos objetos da sra. Bass, do contrário eu os expulsarei do colégio. E tem mais: encontrei uma batelada de papéis que devem ser grampeados até amanhã. Sunny, você vai grampeá-los todos, com grampos de fabricação caseira, ou será despedida. Amanhã de manhã

esta será a primeira coisa do dia: o teste e o grampeamento, e, se vocês não tiverem nota dez e não fabricarem uma quantidade satisfatória de grampos, serão postos para fora da Escola Preparatória Prufrock. Por sorte, o instrutor Genghis já se ofereceu para cuidar do alojamento e da educação de vocês. Ele está a fim de ser treinador, professor e tutor de vocês, tudo ao mesmo tempo. É uma oferta muito generosa, e se eu fosse vocês daria uma gratificação a ele também, se bem que neste caso um par de brincos não me parece ser o mais apropriado."

"Não vamos dar uma gratificação ao conde Olaf!", explodiu Violet. Klaus olhou horrorizado para a irmã mais velha. "Violet está se referindo ao instrutor Genghis", ele apressou-se em dizer a Nero.

"Não estou não!", exclamou Violet. "Klaus, nossa situação é desesperadora demais para continuarmos fingindo que não o reconhecemos!"

"Raifiju!", concordou Sunny.

"Acho que você tem razão", disse Klaus. "Afinal, o que temos a perder?"

"Afinal, o que temos a perder?", arremedou Nero com deboche. "Do que é que vocês estão falando?"

"Estamos falando do instrutor Genghis", disse Violet. "Ele não se chama

realmente Genghis. Ele nem sequer é instrutor. Ele é o conde Olaf disfarçado."

"Tolice!", disse Nero.

Klaus teve vontade de repetir "Tolice!" com o mesmo ar de troça tão ao gosto do vice-diretor, mas engoliu a língua e disse apenas: "É verdade. Ele colocou um turbante para tapar a sobrancelha e calçou caríssimos tênis de corrida para tapar a tatuagem, mas não deixa de ser o conde Olaf".

"Ele usa o turbante por motivos religiosos", disse Nero, "e tênis de corrida porque é um instrutor de ginástica. Venham cá ver." Dirigiu-se com passadas largas até o computador e apertou um botão. A tela começou a luzir daquela maneira instável que produz náuseas no observador, e mais uma vez mostrou a imagem do conde Olaf. "Vocês estão vendo? O instrutor Genghis não se parece nada com o conde Olaf, e o meu computador de última geração está aí para provar."

"Uxilo!", exclamou Sunny, querendo dizer: "Isso não prova nada!", ou algo do gênero.

"Uxilo!', repetiu, de gozação, o vice-diretor. "Em quem devo acreditar? Num computador de última geração ou em dois péssimos alunos e um bebê idiota incapaz de fazer grampos? Vamos, parem de tomar o meu tempo! Amanhã supervisionarei pessoalmente os exames rigorosos, que serão realizados no Barraco dos Órfãos! Ou vocês obtêm um desempenho excelente, ou irão de mala e cuia com o instrutor Genghis! Sayonara, Baudelaire!"

Sayonara é a palavra japonesa para dizer "adeus", e estou certo de que qualquer um dos milhões de habitantes do Japão morreria de vergonha de ver seu idioma usado por uma pessoa tão revoltante. Porém os Baudelaire não tinham tempo de alimentar pensamentos internacionais como esse. Estavam entregues à tarefa de contar as últimas notícias para os Quagmire.

"Mas isso é péssimo!", exclamou Duncan, enquanto as cinco crianças atravessavam o gramado a passos lentos, dando um tempo para refletir com calma sobre a situação. "Não há como vocês tirarem nota dez nesses exames, especialmente se tiverem de repetir as corridas esta noite!"

"Isso é horrível!", exclamou Isadora. "E não dá para fazer todos esses grampos! Logo, logo estarão vivendo sob o mesmo teto que o instrutor Genghis, abrigados e educados por ele!"

"O instrutor Genghis não nos dará abrigo e educação", disse Violet, lançando o olhar para o gramado da frente, onde o zero fosforescente estava à espera deles.

"Ele vai fazer algo muito, muito pior.

Vocês não percebem? Foi com essa intenção que ele nos obrigou a correr voltas e mais voltas! Ele sabia que ficaríamos exaustos. Ele sabia que iríamos mal nas aulas, ou que não daríamos conta de nossas tarefas administrativas. Ele sabia que seríamos expulsos da Prep Prufrocke que então poderia nos pegar."

Klaus comentou, pesaroso: "E nós todo esse tempo esperando que o plano dele ficasse claro... Agora está. Só que pode ser tarde demais".

"Não é tarde demais", insistiu Violet. "Os exames rigorosos serão apenas amanhã de manhã. Até lá precisamos traçar um plano."

"Plano!", concordou Sunny.

"Terá que ser um plano elaborado", disse Duncan. "Precisamos preparar Violet para o teste do sr. Remora, e Klaus para o teste da sra. Bass."

"E temos que produzir grampos", disse Isadora. "Sem falar que os Baudelaire ainda vão enfrentar corridas."

"E temos que esperar acordados", disse Klaus.

As crianças se entreolharam, depois olharam para o gramado da frente. O sol da tarde brilhava intensamente, mas os cinco jovens sabiam que ele não tardaria a se pôr atrás dos prédios



em forma de lápides, e que então chegaria a hora da D.O.R. Não dispunham de muito tempo. Violet prendeu os cabelos com uma fita para afastá-los dos olhos. Klaus limpou a lente dos óculos e colocou-os no nariz. Sunny afiou os dentes uns nos outros, para certificar-se de que estariam prontos para qualquer tarefa. E os dois trigêmeos tiraram do bolso do suéter os cadernos. O plano maléfico do instrutor Genghis tornara-se claro sob o prisma da experiência dos Baudelaire e dos Quagmire, e agora eram eles que precisavam usar a experiência para tecer um plano.

CAPÍTULO

De

D z

Os três órfãos Baudelaire e os dois trigêmeos Quag-mire estavam sentados no Barraco dos Órfãos, que nunca parecera tão desagradável como agora. As cinco crianças calçavam os sapatos barulhentos inventados por Violet, de modo que os

caranguejos territorialmente apegados não eram visíveis em canto algum. O sal secara o fungo bege-claro, convertendo-o numa crosta endurecida que não era atraente mas que pelo menos cessara o plop!plop! do suco de fungo sobre os garotos. Depois da chegada do instrutor Genghis, focalizaram a energia no propósito de derrotar os banditismos do conde Olaf, e os cinco órfãos não haviam tomado nenhuma providência quanto às paredes verdes salpicadas com corações cor-de-rosa. Entretanto, podia-se dizer que desde a chegada dos Baudelaire o Barraco dos Órfãos estava bem menos para "montanha" do que para

"montinho de terra" (volte ao Capítulo 3 se você não entendeu). Ainda faltava muito para ser um lugar atraente e confortável, mas na hora de um aperto, como local para bolar um plano, até que quebrava o galho.

E sem dúvida alguma os órfãos Baudelaire estavam num aperto. Se Violet, Klaus e Sunny tivessem mais uma noite exaustiva de corrida interminável, dariam com os burros n'água nos exames rigorosos e nas tarefas administrativas, e então o instrutor Genghis sumiria com eles para longe da Prep Prufrock. E, só de pensar nisso, quase podiam sentir os dedos ossudos de Genghis como pinças a extrair a vida de cada um deles. Os trigêmeos Quagmire se preocupavam tanto com os amigos que também se sentiram pinçados, embora não estivessem diretamente ameaçados —

pelo menos não que soubessem.

"Não consigo acreditar como foi que não desvendamos antes os planos do instrutor Genghis", disse Isadora inconformada, revirando as páginas do caderno. "Duncan e eu fizemos toda essa pesquisa, e mesmo assim foi como se..."

"Não se culpe", disse Klaus. "Minhas irmãs e eu já tivemos Olaf pela frente em várias oportunidades, e é sempre difícil descobrir o que ele está aprontando."

"Nós estávamos tentando levantar a história do conde Olaf", disse Duncan. "A biblioteca da Prep Prufrocktem uma boa coleção de jornais antigos, e pensamos que, se conseguíssemos descobrir alguns de seus planos anteriores, talvez desvendássemos este."

"É uma boa idéia", disse Klaus pensativo. "Nunca tentei isso."

"Imaginamos que Olaf devia ser mau-caráter bem antes de conhecer vocês", prosseguiu Duncan, "e então resolvemos pesquisar em jornais antigos. Não foi possível reunir muito material, já

que, como vocês sabem, ele usa sempre nomes diferentes. De qualquer modo,

encontramos uma pessoa com o mesmo perfil na Gazeta de Bangcoc, um cara que foi detido por estrangular um bispo mas escapou da prisão em apenas dez minutos."

"Esse tem muito a ver com ele, com certeza", disse Klaus.

"E um outro no Diário de Notícias de Verona", disse Duncan, "que atirou uma viúva rica do alto de um despenhadeiro. Este tinha um olho tatuado no tornozelo, mas escapou das autoridades. E também um jornal da cidade de vocês que dizia..."

"Não querendo interromper", disse Isadora, "mas seria bom a gente parar de pensar no passado e começar a pensar no presente. O almoço já está mais que na metade, e precisamos desesperadamente de um plano."

"Você não está cochilando, está?", Klaus perguntou a Violet, que havia permanecido em silêncio por longo tempo.

"Claro que não estou cochilando", respondeu Violet. "Estou me concentrando. Acho que posso inventar algo para produzir todos esses grampos de que Sunny necessita. Porém não vejo como inventar esse aparelho e ao mesmo tempo estudar para o exame. Desde que começou a programação de D.O.R., nunca mais fiz anotações aproveitáveis na aula do sr. Remora, e não vou ser capaz de me lembrar das histórias."

"Pois não se preocupe com isso", disse Duncan, erguendo o caderno de capa verde.

"Escrevi aqui todas as histórias que o sr. Remora contou. Sem faltar nenhum detalhe, mesmo os mais chatos. Está tudo neste caderninho."

"E eu tomei nota do comprimento, largura e altura de todos os objetos da sra. Bass", disse Isadora, mostrando o próprio caderno. "Você, Klaus, pode estudar pelas minhas anotações, e Violet pode estudar pelo caderno de Duncan."

"Obrigado", disse Klaus, "só que vocês estão esquecendo uma coisa. Nós temos corridas esta noite. Não vamos ter tempo de ler o caderno de ninguém."

"Tucur", disse Sunny, o que provavelmente significava: "Você tem razão, claro, D.O.R. vai até o nascer do sol, e os exames são logo de manhã cedo".

"Se ao menos tivéssemos um dos grandes inventores do mundo para nos ajudar", disse Violet. "Fico pensando no que Nikola Tesla seria capaz de fazer."

"Ou se tivéssemos um dos grandes jornalistas do mundo", disse Duncan. "Fico pensando no que Do-rothy Parker seria capaz de fazer nesta situação."

"E eu fico pensando no que Hamurabi, da antiga Babilônia, seria capaz de fazer para nos ajudar", disse Klaus. "Ele foi um dos maiores pesquisadores do mundo."

"Ou o grande poeta Lord Byron", disse Isadora.

"Tubarão", disse Sunny, passando o dedo nos dentes Pensativamente.

"Quem sabe o que essas pessoas ou esse peixe seriam capazes de fazer se estivessem em nosso lugar?", disse Violet. "Não dá para adivinhar." Duncan estalou os dedos, não para chamar um garçom ou porque estivesse marcando o ritmo de alguma música, e sim porque de repente teve uma idéia. "Se estivessem em nosso lugar...!", disse ele.

"É isso!"

"É isso o quê?!", perguntou Klaus. "O que você quer dizer?"

"Quando você falou 'se estivessem em nosso lugar' tive uma idéia", disse Duncan. "E se alguém estivesse mesmo, de verdade, no lugar de vocês — se nós nos disfarçássemos e nos fizéssemos passar por vocês? Então o tempo todo os corredores poderíamos ser nós, enquanto vocês estudam para os exames."

"Fazerem-se passar por nós?", disse Klaus. "Vocês dois são a cópia exata um do outro, porém não se parecem nada conosco."

"E daí?", disse Duncan. "Vai estar escuro de noite. Quando ficamos vigiando vocês detrás do arco, tudo o que dava para ver era duas silhuetas correndo e uma engatinhando."

"É verdade", disse Isadora. "Se eu puser a fita que você usa no cabelo e Duncan puser os óculos de Klaus, acho que vamos estar tão parecidos com vocês que o instrutor Genghis nem vai perceber a diferença."

"E poderíamos trocar os nossos sapatos, assim o ruído das pisadas na grama seria exatamente o mesmo", disse Duncan.

"Mas e Sunny?", perguntou Violet. "Não há como duas pessoas se fazerem passar por três."

Aquilo foi uma ducha fria no entusiasmo dos Quagmire. "Se ao menos nosso irmão Quigley estivesse aqui", disse Duncan. "Tenho certeza de que estaria

disposto a vestir-se de bebê

para ajudar vocês.

"E que tal um saco de farinha?", perguntou Isadora. "Sunny tem mais ou menos o tamanho de um saco de farinha. Sem querer ofender, Sunny."

"Naa", disse Sunny, dando de ombros.

"Poderíamos pegar escondidos um saco no refeitório", disse Isadora, "e puxá-lo do nosso lado enquanto corrêssemos. De longe a semelhança com Sunny seria razoável o bastante para afastar suspeitas."

"Trocar de identidade com vocês pode ser um plano muito arriscado", disse Violet. "Se falhar, não apenas nós, os Baudelaire, estaremos em apuros, mas vocês também, e quem sabe o que o instrutor Genghis será capaz de fazer com vocês?"

Como se verá, essa pergunta angustiaria os Baudelaire por muito tempo, contudo os Quagmire nem se abalaram, não lhe deram a mínima atenção. "Não se preocupem com isso", disse Duncan. "O importante é que vocês fiquem fora das garras dele. Pode ser um plano arriscado, mas trocar de identidade foi a única saída que conseguimos encontrar."

"E não há tempo a perder tentando descobrir outra", acrescentou Isadora. "Temos que nos apressar se quisermos apanhar o saco de farinha sem nos atrasarmos para a aula."

"E vamos precisar de uma corda ou algo parecido para puxá-lo durante a corrida e parecer que é Sunny engatinhando", disse Duncan.

"E eu vou precisar me abastecer de outras coisas também", disse Violet, "para montar minha invenção de produzir grampos."

"Uora", disse Sunny, querendo dizer algo como: "Então vamos indo", ou algo do gênero. As cinco crianças deixaram o Barraco dos Órfãos depois de tirar os sapatos barulhentos e calçar os sapatos normais para não chamar a atenção com o ruído de passos ao atravessar o gramado em direção ao refeitório. Estavam nervosas porque era uma irregularidade entrar no refeitório àquela hora, e era uma irregularidade pegar coisas sem permissão, e estavam nervosas porque o plano era de fato arriscado. O nervosismo não é uma sensação agradável, e eu não gostaria de ver crianças pequenas ainda mais nervosas do que estavam os Baudelaire e os Quagmire ao caminhar para o refeitório ainda em suas próprias

identidades. Mas sou obrigado a dizer que as cinco crianças não estavam tão nervosas quanto deveriam. Elas não precisavam estar mais nervosas por entrar no refeitório em hora inapropriada, apesar de estarem contrariando as regras, ou por pegar coisas sem permissão, ainda mais que não haviam sido apanhadas no ato. Deveriam, sim, estar mais nervosas com o plano, e com o que aconteceria aquela noite quando o sol se pusesse sobre o gramado marrom e o círculo fosforescente começasse a brilhar. Deveriam estar nervosas ao pensar no que aconteceria quando trocassem de identidade e os Quagmire estivessem no lugar dos Baudelaire.

CAPITULO

Onze



Se você, leitor, algum dia se fantasiou para o Halloween ou foi a um baile de máscaras, sabe que dá uma certa emoção usar um disfarce — um pouco por causa do divertimento, um pouco por causa do perigo. Uma vez fui a um dos famosos bailes de máscaras promovidos pela duquesa de Winnipeg, e foi um dos acontecimentos mais divertidos e mais perigosos de minha vida. Estava fantasiado de toureiro e entrei de penetra na festa, com os guardas do palácio me perseguindo, fantasiados de escorpião. No momento em que entrei no Grande Salão de Baile, parecia que Lemony Snicket havia desaparecido. Eu estava usando roupas que nunca vestira antes — uma capa de seda escarlate e um colete bordado com fios de ouro, no rosto uma máscara fininha preta

—, e foi o bastante para que me sentisse outra pessoa. E, por estar me sentindo outra pessoa, ousei abordar uma mulher que eu estava proibido de abordar para o

resto de minha vida. Ela estava sozinha numa bela varanda de mármore polido cinza, fantasiada de libélula, com uma máscara verde-cintilante e enormes asas prateadas. Enquanto meus perseguidores corriam por todos os cantos da festa tentando me encontrar entre os convidados, escapei para a varanda e passei-lhe a mensagem que tinha tentado transmitir durante quinze longos e solitários anos. "Beatrice", exclamei, bem na hora em que os escorpiões me localizaram, "o conde Olaf é...". Não posso prosseguir. Sinto vontade de chorar quando penso naquela noite e nos sombrios e desesperados anos que se seguiram; entretanto, tenho certeza de que vocês, leitores, estão curiosos por saber o que aconteceu aos órfãos Baudelaire e aos trigêmeos Quagmire depois do jantar em Prep Prufrock.

"Isso é meio divertido", disse Duncan, colocando no rosto os óculos de Klaus. "Sei que estamos fazendo isso por motivos sérios, mas, seja como for, estou me divertindo." Enquanto amarrava a fita de Violet no cabelo, Isadora recitou:

"Pode não ser o mais prudente,

Mas disfarçar-se mexe muito com a gente."

"Não é um poema perfeito, porém, se considerarmos as circunstâncias, até que dá para o gasto. E, então, que tal estamos?"

Os órfãos Baudelaire recuaram um passo e olharam atentamente para os Quagmire. O

jantar estava terminando, e os cinco amigos se encontravam parados do lado de fora do Barraco dos Órfãos, apressando-se em pôr em ação o arriscado plano. Tinham conseguido entrar às escondidas no refeitório e roubar da cozinha um saco de farinha do tamanho de Sunny, aproveitando um instante em que os empregados com máscara de ferro estavam de costas. Violet carregara também um garfo, algumas colheradas de creme de espinafre e uma pequena batata —

componentes de que necessitava para sua invenção. Faltavam poucos momentos para os Baudelaire — ou, no caso, os Quagmire disfarçados — se apresentarem para o início da rotina de D.O.R. Duncan e Isadora entregaram os cadernos aos Baudelaire a fim de que eles pudessem estudar para os rigorosos exames, e trocaram os sapatos para que as voltas corridas pelos Quagmire soassem exatamente como as dos Baudelaire. E então, aproveitando os poucos segundos que lhes restavam, os Baudelaire deram uma olhada geral no disfarce dos Quagmire e na mesma hora tomaram consciência do quanto aquele plano era arriscado. Na verdade, Isadora e Duncan Quagmire não se pareciam muito com Violet e Klaus Baudelaire. Os olhos de Duncan tinham uma cor diferente dos olhos de Klaus, e Isadora tinha o cabelo diferente do cabelo de Violet, ainda que

preso de modo semelhante. Sendo trigêmeos, os Quagmire tinham exatamente a mesma estatura, ao passo que Violet era mais alta que Klaus por ser mais velha. E não havia tempo para providenciar minúsculas pernas de pau que permitissem a Isadora compensar a diferença de altura. Porém não eram detalhes físicos insignificantes que tornavam o disfarce tão pouco convincente. Era o simples fato de que os Baudelaire e os Quagmire eram pessoas diferentes, e uma fita de cabelo, óculos e sapatos não bastavam para torná-los parecidos, da mesma forma que não basta a uma mulher fantasiar-se de libélula para levantar vôo e escapar da catástrofe que a espera.

"Eu sei que não nos parecemos muito com vocês", admitiu Duncan depois que os Baudelaire ficaram algum tempo em silêncio. "Mas, lembrem-se, vai estar bem escuro no gramado da frente. A única luz é a que vem do círculo fosforescente. Vamos tratar de baixar a cabeça enquanto corremos, assim nosso rosto não nos denunciará. Não diremos uma palavra ao instrutor Genghis para que não estranhe nossa voz. E a fita de cabelo, os óculos, e os sapatos são os de vocês, de modo que tampouco despertaremos suspeitas pelo que estamos usando."

"Não precisamos levar adiante esse plano", disse Violet com certa serenidade.

"Agradecemos a ajuda, mas não precisamos tentar enganar Genghis. Meus irmãos e eu poderíamos simplesmente fugir agora, esta noite. Nós nos tornamos corredores de primeira, e estaremos partindo com uma boa vantagem em relação ao instrutor Genghis."

"Poderíamos procurar uma cabine telefônica por aí e ligar a cobrar para o sr. Poe", disse Klaus.

"Zubu", disse Sunny, o que significava: "Ou freqüentar outro colégio, trocando nosso nome", ou algo do gênero.

"Esses planos não têm a menor chance de dar certo", disse Isadora. "Pelo que vocês nos disseram do sr. Poe, ele nunca foi de grande ajuda. E o conde Olaf parece descobrir vocês em qualquer lugar, portanto um colégio diferente não adiantaria nada."

"Esta é a nossa única chance", concordou Duncan. "Se passarem nos exames sem despertar as suspeitas de Genghis, vocês estarão fora de perigo, e aí poderemos concentrar nossos esforços em desmascarar o instrutor revelando quem ele realmente é."

"Acho que você tem razão", disse Violet. "É que eu não gosto da idéia de vocês arriscarem assim a vida só para nos ajudar."

"Para que servem os amigos?", disse Isadora. "Não vamos ficar assistindo a um recital bobo enquanto vocês correm como uns desgraçados. Vocês três foram as primeiras pessoas na Prep Prufrock que não nos trataram mal por sermos órfãos. Nenhum de nós tem família, de modo que temos que dar apoio uns aos outros."

"Ao menos deixem-nos acompanhá-los até o gramado da frente", disse Klaus. "Assim vigiaremos vocês detrás do arco e poderemos saber se estão conseguindo enganar o instrutor Genghis."

Duncan balançou a cabeça. "Vocês não têm tempo de nos vigiar", disse. "Precisam fazer grampos com aqueles arames e precisam estudar para dois exames rigorosos."

"Meu Deus!", disse Isadora de repente. "Como iremos puxar esse saco de farinha ao longo da pista? Precisamos de uma corda ou algo parecido."

"Poderíamos ir chutando o saco pelo caminho", disse Duncan.

"Não, de jeito nenhum!", disse Klaus. "Se o instrutor Genghis vir vocês chutando a irmã

bebê, vai logo perceber que aí tem coisa."

"Já sei!", disse Violet. Inclinou-se para a frente e pôs a mão no peito de Duncan, correndo os dedos pelo suéter de lã grossa até que afinal encontrou o que buscava: um fio solto. Com cuidado puxou o fio desfazendo ligeiramente a trama do suéter até segurar nos dedos um bom comprimento da lã desgarrada. Com um puxão mais forte arrancou o fio e amarrou-o por uma ponta ao saco de farinha. A outra ponta ela entregou a Duncan. "Isso deve resolver", disse ela. "Desculpe o estrago no suéter."

"Tenho certeza de que você saberá inventar uma máquina de tricô", disse ele, "quando todos estivermos fora de perigo. Bem, está na hora de irmos, Isadora. O instrutor Genghis nos espera. E, para vocês, boa sorte nos estudos."

"Boa sorte na corrida", disse Klaus.

Os Baudelaire lançaram um longo olhar para os amigos. A ocasião fez lembrar-lhes a última vez em que viram seus pais, quando acenaram um até-logo antes de partir para a praia. Não sabiam, é claro, que aquele seria o último momento que veriam a mãe e o pai, e estavam sempre, cada um deles, revivendo aquele dia, desejando haver dito algo mais que um mero até-logo. Violet, Klaus e Sunny, ao olhar para os dois trigêmeos, esperavam que agora não acontecesse nada

parecido, pessoas que eles amavam desaparecendo para sempre da vida deles. Mas... e se acontecesse?

"Se não nos virmos nunca m...", Violet cortou o que estava dizendo, engoliu em seco e tentou um novo começo. "Se algo der errado..."

Duncan tomou as mãos de Violet e olhou-a nos olhos. Violet viu, atrás dos óculos de Klaus, a expressão compenetrada nos grandes olhos de Duncan. "Nada vai dar errado", ele disse com firmeza, embora naquele momento estivesse completamente enganado. "Nada vai dar errado de jeito algum. De manhã a gente se vê."

Isadora despediu-se com um gesto solene e, afastando-se do Barraco dos Órfãos, seguiu o irmão e o saco de farinha. Os órfãos Baudelaire ficaram observando-os caminhar para o gramado da frente até os trigêmeos ficarem reduzidos a nada mais que dois traços que arrastavam outro traço.

"Sabem de uma coisa?", disse Klaus enquanto estavam os três a olhar para os amigos.

"Assim de longe, com essa luz, até que eles se parecem um bocado conosco."

"Abax", concordou Sunny.

"Assim espero", murmurou Violet. "Assim espero. Mas, por ora, é melhor pararmos de pensar neles e tocarmos para a frente a nossa parte do plano. Vamos calçar nossos sapatos barulhentos e entrar no barraco."

"Não consigo imaginar como você vai fazer grampos", disse Klaus, "usando apenas um garfo, algumas colheradas de creme de espinafre e uma pequena batata. Parecem mais ingredientes para preparar um prato de comida do que um aparelho de produzir grampos. Só espero que seus talentos de inventora não tenham sido lesados por dormir pouco."

"Não, acho que não", disse Violet. "É impressionante quanta energia se consegue armazenar quando se tem um plano. Além do mais, meu plano não envolve apenas as coisas que roubei. Envolve um dos caranguejos do Barraco dos Órfãos e os nossos sapatos barulhentos. Muito bem, assim que todos estiverem calçados, por favor sigam as minhas intruções." Os dois Baudelaire mais novos ficaram bastante intrigados ao ouvir a irmã, contudo tinham aprendido havia muito tempo que, quando se tratava de invenções, Violet era de absoluta confiança. Num passado recente ela inventara um arpéu (gancho de apoio para escaladas ou abordagens), uma gazua para arrombar cadeado, um sinalizador de pedido de

socorro, e agora, desafiando o impossível — expressão que aqui significa "usando um garfo, algumas colheradas de creme de espinafre, uma pequena batata, um caranguejo vivo e sapatos barulhentos" —, ia inventar um aparelho para produzir grampos.

Os três irmãos calçaram os sapatos e, seguindo as instruções de Violet, entraram no barraco. Como de costume, os minúsculos caranguejos perambulavam à toa pela habitação, aproveitando a oportunidade de estarem sozinhos no terreno, sem risco de se assustar com barulhos fortes. Na maioria das vezes, os Baudelaire pisavam estrondosamente no chão assim que entravam, e os caranguejos corriam em disparada para ocultar-se debaixo dos montes de feno ou noutros esconderijos do aposento. Desta vez, entretanto, Violet instruiu os irmãos a pisar no chão de tal maneira que obrigassem um dos caranguejos mais agressivos e com pinças maiores a conduzir-se para um canto do barraco. Enquanto os outros caranguejos se dispersavam, esse caranguejo viu-se encurralado, morrendo de medo dos sapatos barulhentos mas sem ter para onde fugir.

"Bom trabalho!", exclamou Violet. "Mantenha-o nesse canto, Sunny, enquanto eu providencio a batata."

"Para que serve a batata?", perguntou Klaus.

"Como é sabido", explicou Violet enquanto Sunny sapateava com os pezinhos no chão ora aqui ora ali para manter o caranguejo no canto, "os caranguejos adoram cravar a pinça em nossos dedos do pé. Peguei de propósito no refeitório uma batata com a forma de um dedo do pé. Vocês vêem como ela tem um lado meio oval e essa partezinha um pouco saltada que faz lembrar uma unha do pé?"

"Tem razão", disse Klaus. "A semelhança é visível. Mas o que isso tem a ver com grampos?"

"Bem, os pedaços de arame que Nero nos deu são muito compridos, e precisam ser cortados com precisão em pedaços pequenos do tamanho de grampos. Enquanto Sunny mantém o caranguejo naquele canto, vou provocá-lo com a batata. Ele — ou ela, pensando bem não sei distinguir um caranguejo macho de um caranguejo fêmea..."

"É macho", disse Klaus. "Pode ter certeza."

"Bem, ele vai pensar que é um dedo do pé", prosseguiu Violet, "e avançar com a pinça sobre a batata. Nesse instante, tiro de cena a batata e coloco um arame no lugar. Se eu souber calcular a operação com cuidado, o caranguejo cortará o arame com precisão impecável."

"E depois?", perguntou Klaus.

"Primeiro o começo", Violet respondeu com firmeza. "Muito bem, Sunny, continue sapateando com esses sapatos barulhentos. Já tenho aqui a batata e o arame número 1."

"E eu faço o quê?", perguntou Klaus.

"Você pode começar a estudar para os exames rigorosos, é claro", disse Violet. "Eu não teria como ler todas as anotações de Duncan numa só noite. Enquanto Sunny e eu fazemos os grampos, você precisa ler os cadernos de Duncan e Isadora, decorar as medidas da sra. Bass e ensinar-me todas as histórias do sr. Remora."

"Falou", disse Klaus. Com essa breve resposta, ele indicava que entendera o plano de Violet e que seguiria à risca as instruções — e nas duas horas seguintes foi exatamente o que fez. Enquanto Sunny usava os sapatos barulhentos para manter o caranguejo encurralado, e Violet usava a batata como dedo do pé e a pinça do caranguejo como alicate, Klaus usou os cadernos dos Quagmire como fonte de estudo para os exames rigorosos, e tudo funcionou como era esperado. Sunny fez tanto barulho com os sapatos que o caranguejo não se atreveu a sair de onde estava. Violet foi tão ágil manobrando a batata e os arames que em pouco tempo todos estavam cortados em pedaços do tamanho de grampos. E Klaus — apesar de ser obrigado a manter as pálpebras quase cerradas para enxergar algo, pois os óculos haviam ficado com Duncan — leu com tamanho empenho as anotações que Isadora havia tomado das aulas da sra. Bass que não demorou muito para saber de cor o comprimento, a largura e a altura de quase todos os objetos.

"Violet, pergunte-me quais as medidas do lenço azul-marinho", disse Klaus, virando o caderno para não "colar" .

Violet tirou a batata no momento exato, e o caranguejo cortou mais um pedaço do arame.

"Quais são as medidas do lenço azul-marinho?", ela perguntou.

"Dois decímetros de comprimento", recitou Klaus, "nove centímetros de largura e quatro milímetros de espessura. É tedioso, mas está correto. Sunny, pergunte-me quais as medidas da barra de sabonete."

O caranguejo viu uma oportunidade de escapar do encurralamento, porém Sunny foi tão rápida que não deu chance. "Sabão?", Sunny testou Klaus, ao mesmo tempo que soava os sapatinhos barulhentos para fazer o caranguejo

recuar.

"Oito centímetros por oito centímetros por oito centímetros", disse Klaus sem pestanejar.

"Essa é fácil. Vocês estão se saindo bem, todas as duas. Aposto como aquele caranguejo vai acabar quase tão cansado como nós."

"Não", disse Violet. "Ele já terminou. Pode deixá-lo ir, Sunny. Já temos todos os pedaços de que precisamos. Ainda bem que essa parte do processo de produzir grampos está concluída. Não há nervos que agüentem isso de seduzir e provocar um caranguejo!"

"Qual é a próxima?", disse Klaus, enquanto o caranguejo tomava distância dos momentos mais apavorantes de sua vida de crustáceo.

"A próxima é você me ensinar as histórias do sr. Remora", disse Violet, "enquanto Sunny e eu dobramos esses pedacinhos de metal para que fiquem com a forma adequada."

"Shablo", disse Sunny, o que significava: "E como vamos fazer isso?", ou algo do gênero.

"Olhe", disse Violet, e Sunny olhou. Enquanto Klaus fechava o caderno preto de Isadora e começava a folhear o caderno verde de Duncan, Violet pegou um punhado de creme de espinafre e juntou-o com porções de feno e terra, o que resultou numa mistura pegajosa e grudenta. Em seguida pôs essa mistura na pontinha do garfo, que ela havia espetado num dos fardos de feno, deixando de fora o cabo. Soprou na mistura creme de espinafre + feno + terra até endurecê-la.

"Sempre achei o creme de espinafre da Prep Prufrock muito grudento", explicou Violet, "daí tive a idéia de usá-lo como cola. E pronto, temos aqui um método perfeito de fazer grampos com pedacinhos de arame. Reparem, se eu colocar os arames sobre o cabo, fica sobrando um pouquinho em cada lado. São essas partes que vão furar o papel quando o grampo estiver pronto. Se eu descalçar meus sapatos barulhentos" — e aqui Violet fez uma pausa para tirar os sapatos —

"e usar as tampinhas metálicas da sola para martelar nos arames, eles se curvarão acompanhando o contorno do cabo do garfo e se transformarão em grampos. Viram só?"

"Guiba!", gritou Sunny. Algo assim como: "Você é um gênio! Mas o que eu posso

fazer para ajudar?".

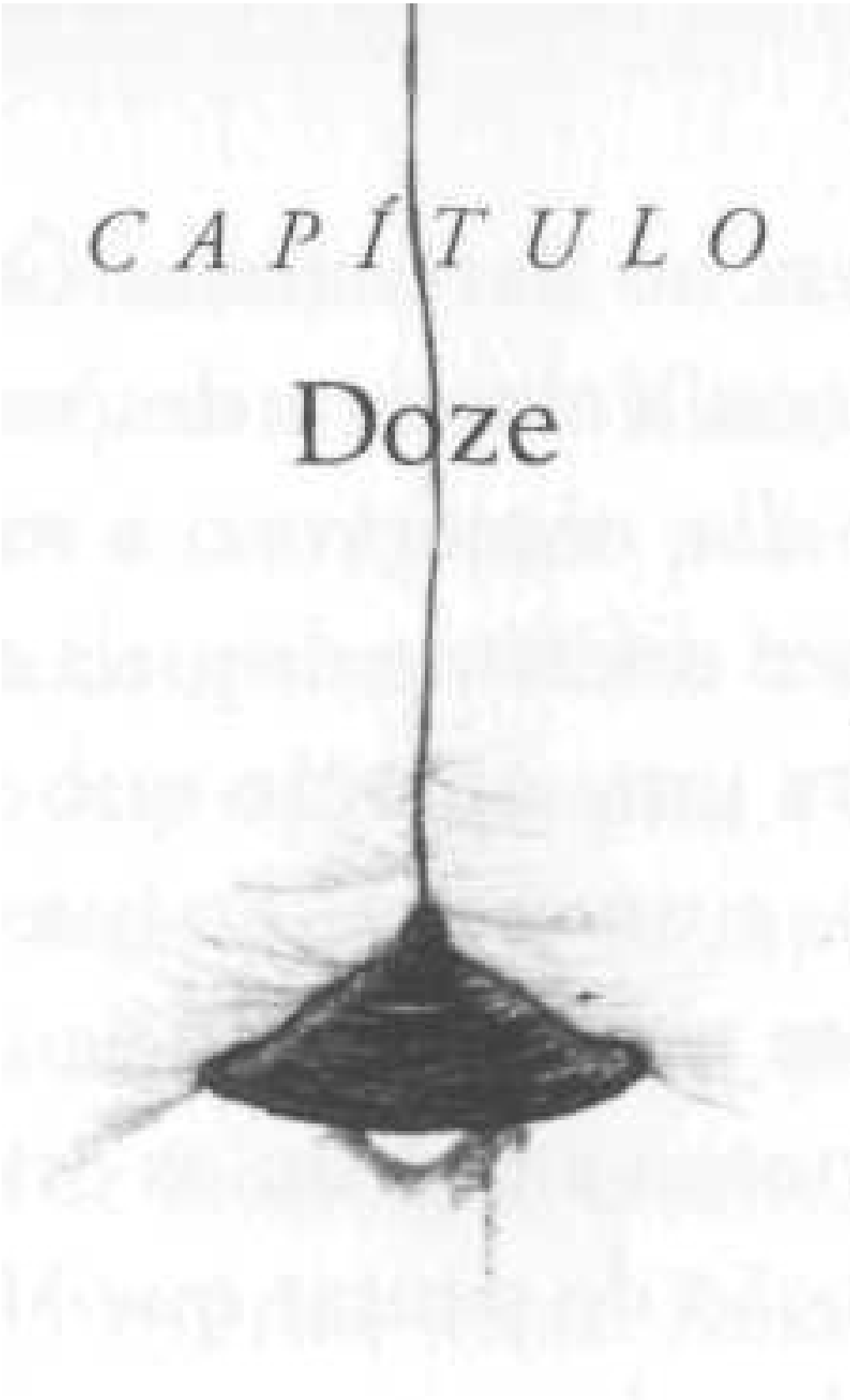
"Você pode conservar nos pés os sapatos barulhentos", respondeu Violet, "e manter os caranguejos afastados da gente. E você, Klaus, comece a resumir para mim as histórias."

"Falou", disse Sunny.

"Falou e disse", completou Klaus. E os três Baudelaire seguiram o combinado pelo resto da noite. Violet martelou os arames, Klaus leu em voz alta as anotações do caderno de Duncan, e Sunny não deu trégua na atividade de bater os sapatos barulhentos. Logo os Baudelaire juntaram no chão uma pilha de grampos de fabricação caseira, memorizaram os detalhes das histórias do sr. Remora e não tiveram nem um caranguejo sequer a incomodá-los no barraco. E, mesmo com a ameaça do instrutor Genghis pairando sobre eles, começaram a sentir um certo bem-estar no decorrer da noite. Lembraram-se de outras noites, quando os pais ainda estavam vivos e os cinco ficavam juntos numa das salas de estar da mansão dos Baudelaire. Violet absorvida em contar os detalhes da última invenção, Klaus lendo e partilhando a informação obtida, e Sunny produzindo barulhos fortíssimos. Claro que em nenhuma daquelas noites Violet precisou "queimar os miolos" para entregar-se freneticamente a uma invenção que salvaria a vida deles, claro que Klaus nunca estaria lendo algo tão chato, e claro que não haveria hipótese de Sunny ter de fazer barulho para assustar caranguejos. De qualquer maneira, à medida que a noite avançava, os Baudelaire quase se sentiram em casa no Barraco dos Órfãos. E quando o céu começou a clarear e despontaram os primeiros raios do dia, começaram a sentir uma emoção que era muito diferente daquela de estar

CAPÍTULO

Doze





usando um disfarce. Era uma emoção que eu nunca senti em minha vida, e uma emoção que os Baudelaire não sentiam com muita freqüência. Mas quando o sol matinal começou a brilhar, os órfãos Baudelaire sentiram a emoção de pensar que afinal de contas o plano deles talvez desse certo, e que talvez eles fossem enfim viver seguros e felizes como naquelas noites de que se lembravam.

Suposições são coisas perigosas de fazer e, como em todas as coisas perigosas de fazer

— bombas, por exemplo, ou certas sobremesas complicadas —, basta cometer um pequeno engano para dar um problema dos diabos. Fazer suposições consiste simplesmente em acreditar que as coisas são desta ou daquela maneira, sem haver prova alguma ou prova suficiente de que a crença esteja correta, e você bem pode imaginar como isso é capaz de causar um problema dos diabos. Por exemplo: certa manhã você poderia acordar e supor que sua cama está no mesmo lugar em que sempre esteve, embora você não tivesse nenhuma prova real. Mas, quando saísse da cama, poderia descobrir que ela havia sido levada pelas águas e transportada para o mar, e imagine só o problema dos diabos em que estaria metido, tudo por causa de uma suposição incorreta. Dá

para ver que é melhor não fazer muitas suposições, especialmente pela manhã.

Na manhã dos exames rigorosos, entretanto, os órfãos Baudelaire estavam tão cansados

— não apenas por terem ficado acordados a noite inteira estudando e fazendo grampos, mas também pelas nove noites consecutivas de corrida no gramado — que fizeram uma porção de suposições, todas elas, da primeira à última, incorretas.

"Bom, chegamos ao último grampo", disse Violet, estirando os músculos fatigados. "Acho que podemos supor com razoável certeza que Sunny não perderá o emprego."

"E você parece saber todos os detalhes das histórias do sr. Remora tanto quanto eu sei todas as medidas das aulas da sra. Bass", disse Klaus esfregando os olhos fatigados. "Assim acho que podemos supor com razoável certeza que não seremos expulsos."

"Nilicô", disse Sunny, soltando um bocejo de sua boca fatigada. Queria dizer mais ou menos: "E não vimos os trigêmeos Quagmire, nem um nem o outro, assim acho que podemos supor com razoável certeza que uma parte do plano correu bem".

"É mesmo", disse Klaus. "Suponho que se tivessem sido apanhados já saberíamos."

"É o que eu suponho também", disse Violet.

"É o que eu suponho também', arremedou em falsete uma voz hostil e debochada, e as crianças se surpreenderam ao ver atrás delas o vice-diretor Nero segurando um enorme maço de papéis. Além das suposições formuladas em voz alta, os Baudelaire haviam partido da suposição de estarem sós, e qual não foi a surpresa ao verificarem que não apenas o vice-diretor Nero como também o sr. Remora e a sra. Bass aguardavam à soleira da porta do Barraco dos Órfãos. "Espero que tenham ficado estudando a noite inteira", disse Nero, "porque eu disse aos professores de vocês que preparassem exames ultra-rigorosos, e as folhas de papel que o bebê vai ter que grampear são bastante grossas. Bem, vamos começar. O sr. Remora e a sra. Bass vão revezar-se nas perguntas até que um de vocês dê a resposta errada, e nesse caso serão reprovados. Você, Sunny, ficará sentada aí atrás e grampeará esses papéis em bloquinhos de cinco páginas, e se os grampos caseiros não funcionarem, você será reprovada. Bem, um gênio musical como eu não dispõe de um dia todo para

supervisionar exames. Já perdi um tempão que deveria dedicar aos meus ensaios. Comecemos logo!"

Nero jogou a grossa papelada sobre um dos montes de feno, e logo em seguida o grampeador. Sunny engatinhou o mais rápido possível e começou a colocar os grampos no grampeador, enquanto Klaus se levantava ainda agarrado aos cadernos dos Quagmire, Violet calçava os sapatos barulhentos e o sr. Remora engolia um pedaço de banana para em seguida fazer a primeira pergunta.

"Em minha história sobre o jumento", disse ele, "quantos quilômetros o jumento correu?"

"Dez", respondeu Violet prontamente.

"Dez", Nero arremedou em falsete. "Isso não pode estar certo, pode, sr. Remora?"

"Ehh... sim, está certo", disse o sr. Remora, traçando outro pedaço de banana.

"Qual a largura", perguntou a sra. Bass a Klaus, "do livro com a capa amarela?"

"Dezenove centímetros", respondeu imediatamente Klaus.

"Dezenove centímetros", debochou Nero. "Está errado, não está, sra. Bass?"

"Não", admitiu a sra. Bass. "É a resposta certa."

"Bem, tente outra pergunta, sr. Remora", disse Nero.

"Na minha história sobre o cogumelo", o sr. Remora perguntou a Violet, "como se chamava o cozinheiro?"

"Maurice", respondeu Violet.

"Maurice", arremedou Nero.

"Certo", disse o sr. Remora.

"Qual o comprimento do peito da galinha número sete?", perguntou a sra. Bass.

"Catorze centímetros e cinco milímetros", disse Klaus.

"Catorze centímetros e cinco milímetros', arremedou Nero.

"Está certo", disse a sra. Bass. "Vocês dois na verdade são estudantes muito bons,

apesar de ultimamente terem dormido nas aulas."

"Acabem com esse lero-lero e tratem de reprová-los", disse Nero. "Nunca expulsei nenhum estudante, e estou realmente a fim de expulsar um agora."

"Na minha história sobre o caminhão basculante", disse o sr. Remora, enquanto Sunny começava a grampear a pilha de papéis, "de que cor eram as pedras que ele carregava?"

"Cinza e marrom."

"Cinza e marrom."

"Certo."

"Que profundidade tem a panela de minha mãe?"

"Seis centímetros."

"Seis centímetros."

"Certo."

"Na história sobre a toupeira, qual era a cor favorita dela?" Os exames rigorosos prosseguiram e pareciam não acabar nunca. Se eu fosse repetir todas as tediosas e inúteis perguntas feitas pelo sr. Remora e pela sra. Bass, vocês seriam capazes de se chatear tanto que talvez caíssem no sono imediatamente, usando este livro como travesseiro em vez de encará-lo como divertimento e como história instrutiva para benefício da mente. Na verdade, os exames foram tão chatos que os órfãos Baudelaire poderiam ter cochilado durante as perguntas. Mas não ousaram fazer isso. Bastaria uma resposta errada ou uma folha que ficasse sem grampear para que Nero os expulsasse da Escola Preparatória Prufrock, mandando-os diretamente para as garras ansiosas do instrutor Genghis. Por isso as crianças se esforçaram ao máximo. Violet tentou recordar cada detalhe do que Klaus lhe ensinara, Klaus tentou recordar cada uma das medidas que ensinara a si próprio, e Sunny grampeou adoidado, expressão que aqui significa "rápido e com exatidão". Por fim, o sr. Remora fez uma pausa quando estava no meio da oitava banana, e virou-se para o vice-diretor Nero.

"Nero", disse, "não há por que continuarmos com esses exames. Violet é uma excelente estudante, e é óbvio que se preparou com afinco."

A sra. Bass concordou. "Em todos os meus anos de magistério, nunca encontrei um garoto com senso tão agudo de medidas como o Klaus aqui. E parece que

Sunny é uma excelente secretária também. Olhe só esses bloquinhos! Magníficos!"

"Pilso!", gritou Sunny.

"Minha irmã está dizendo 'Muito obrigada'", explicou Violet, embora na verdade Sunny tivesse dito: "A minha mão ficou machucada", ou algo do gênero. "Isso significa que vamos continuar na Prep Prufrock?"

"Ora, vamos, deixe que eles continuem, Nero", disse o sr. Remora. "Por que não expulsa aquela Carmelita Spats? Ela nunca estuda e, além do mais, é uma pessoa detestável."

"Sem dúvida", disse a sra. Bass. "Ela é que deveríamos submeter a exames ultra-rigorosos."

"Não posso reprovar Carmelita Spats", disse Nero com impaciência. "Ela é a Mensageira Especial do instrutor Genghis."

"Quem?", perguntou o sr. Remora.

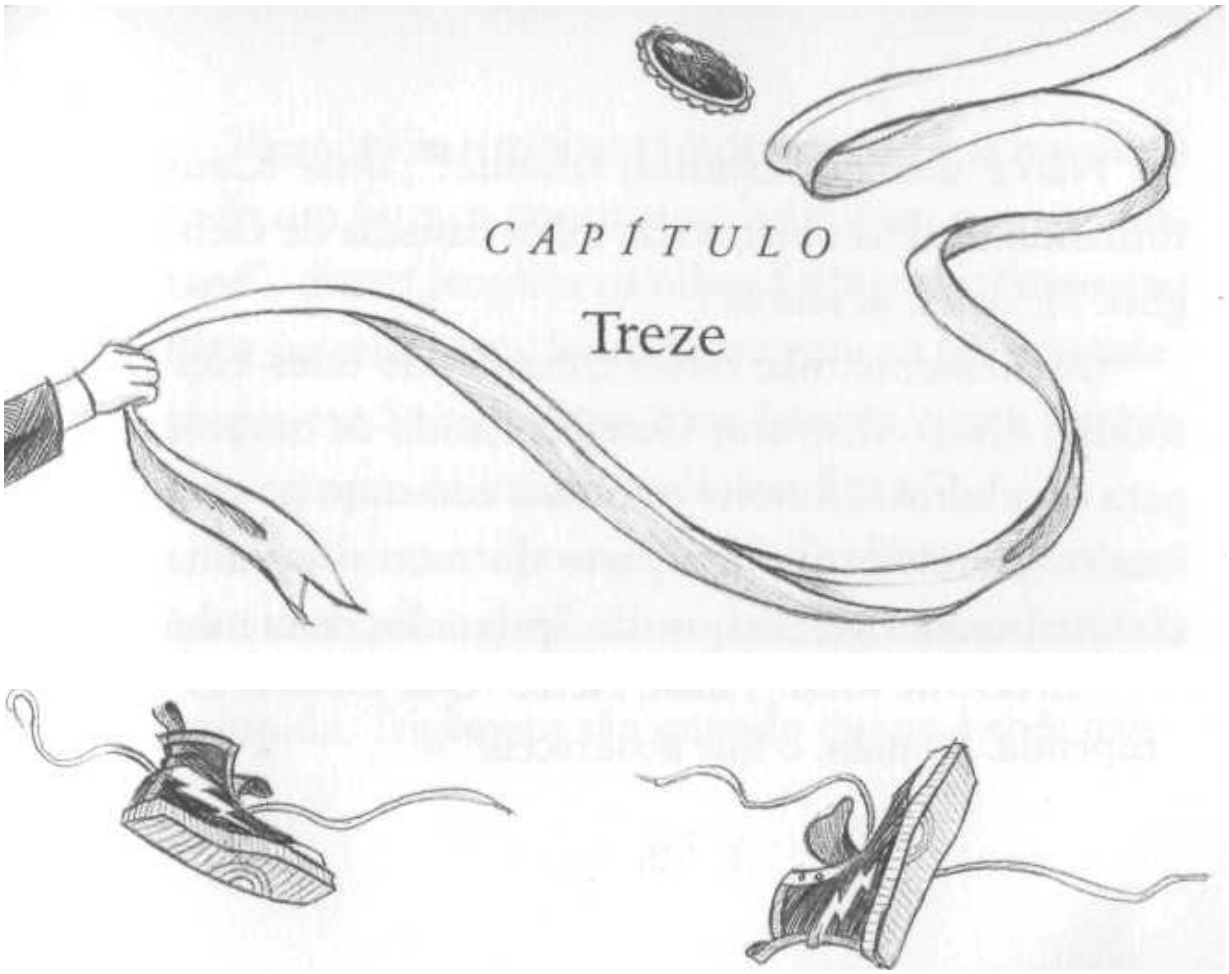
"Você sabe", explicou a sra. Bass. "O instrutor Genghis, o novo professor de ginástica."

"Ah, sim!", disse o sr. Remora. "Ouvi falar dele, mas não o conheço. Como ele é?"

"Ele é o mais perfeito professor de ginástica que o mundo já viu", disse o vice-diretor Nero balançando entusiasmadíssimo seus quatro rabichos-de-cavalo. "Você não precisa se fiar na minha palavra. Veja você mesmo. Aí vem ele."

Nero estendeu uma das mãos peludas e apontou para fora do Barraco dos Órfãos, e os órfãos Baudelaire viram com horror que o vice-diretor estava falando a verdade. Assobiando para si mesmo uma melodiazinha irritante, o instrutor Genghis caminhava em linha reta na direção deles, e as crianças na mesma hora puderam ver que haviam se enganado em uma das suposições. Não se tratava da suposição de que Sunny escaparia de perder o emprego, se bem que essa, também, acabaria se revelando enganosa. Nem se tratava da suposição de que Violet e Klaus escapariam de ser expulsos, se bem que também essa acabaria se revelando enganosa. Era a suposição sobre os trigêmeos Quagmire e uma parte do plano haver corrido bem. À medida que o instrutor Genghis chegava mais perto, deu para os Baudelaire perceberem que ele tinha numa das mãos peludas a fita de cabelo de Violet e na outra os óculos de Klaus, e que a

cada passo dos caríssimos tênis de corrida o instrutor levantava uma nuvenzinha branca, logo identificada como a farinha do saco roubado do refeitório. Mais denunciante, porém, do que a fita ou os óculos ou as nuvenzinhas de farinha era a expressão nos olhos de Genghis. Quando Genghis chegou ao Barraco dos Órfãos, seus olhos brilhavam de triunfo, como se enfim tivesse ganhado uma partida que vinha jogando desde muito, muito tempo. Foi quando os órfãos Baudelaire se deram conta de que a suposição que haviam feito sobre os trigêmeos Quagmire fora, na verdade, inteiramente enganosa.



"Onde estão eles?", gritou Violet assim que o instrutor Genghis pôs os pés dentro do barraco. "O que você fez com eles?" Normalmente, é claro, a pessoa deve iniciar uma conversa com "Olá, como vai", ou algo do gênero, contudo a mais velha dos Baudelaire estava angustiada demais para seguir as normas de boa educação.

Os olhos de Genghis brilhavam até não poder mais, contudo sua voz saiu calma e agradável. "Aqui estão", disse, erguendo e mostrando a fita e os óculos. "Achei que vocês podiam estar preocupados, e resolvi trazê-los logo de manhã cedo."

"Não é deles que estamos falando!", disse Klaus tomando os dois objetos das

mãos ossudas de Genghis. "É deles, os outro!"

"Infelizmente, não estou entendendo esses 'eles' todos", disse o instrutor Genghis dando de ombros para os adultos. "A noite os órfãos correram no gramado, exercício que faz parte do meu programa D.O.R., porém tiveram que sair apressados de manhã para prestar os exames. Na pressa, Violet deixou cair a fita e Klaus deixou caírem os óculos. E o bebê..."

"Você sabe muito bem que não foi isso que aconteceu", interrompeu Violet. "Onde estão os trigêmeos Quagmire? O que você fez com nossos amigos?"

"O que você fez com nossos amigos?", arremedou o vice-diretor Nero, em deboche.

"Parem de dizer tolices, órfãos."

"Infelizmente, não são tolices", disse Genghis, balançando a cabeça envolvida no turbante, e prosseguiu com sua história. "Como eu estava dizendo quando a garotinha me interrompeu, o bebê não se apressou em acompanhar os outros órfãos. Ficou lá sentada no chão como um saco de farinha. Então cheguei perto dela e dei-lhe um pontapé para que se movesse."

"Excelente idéia!", disse Nero. "Que história estupenda! E então, o que aconteceu?"

"Bem, primeiro tive a impressão de que havia cavado um buraco enorme no bebê com o meu pontapé", disse Genghis, os olhos brilhando, "o que eu diria ser uma sorte, levando em conta a péssima atleta que era Sunny. Seria uma bênção que a livraria para sempre da infortunada condição."

Nero bateu palmas. "Sei muito bem o que você quer dizer, Genghis", disse ele. "Ela é

também uma péssima secretária."

"Mas ela grampeou todas aquelas folhas!", protestou o sr. Remora.

"Cale-se e deixe o instrutor terminar a história", disse Nero.

"E quando olhei para baixo", prosseguiu Genghis, "vi que meu pontapé não tinha feito um buraco num bebê. O pontapé tinha feito um buraco num saco de farinha! Eu havia sido enganado!"

"Isso é muito sério!", exclamou Nero.

"Então corri atrás de Violet e Klaus", continuou Genghis, "e descobri que eles não eram Violet e Klaus, e sim aqueles dois outros órfãos, os gêmeos."

"Eles não são gêmeos!", exclamou Violet. "Eles são trigêmeos!"

"Eles são trigêmeos!", arremedou Nero. "Não seja estúpida. Trigêmeos são quando quatro bebês nascem ao mesmo tempo, e os Quagmire são apenas dois."

"Pois esses dois Quagmire estavam querendo se fazer passar pelos Baudelaire para que os amigos tivessem tempo extra para estudar."

"Tempo extra para estudar?", disse Nero, franzindo a cara com satisfação. "Hi, hi, hi! Meu Deus, isso é trapaça!"

"Isso não é trapaça!", disse a sra. Bass.

"Faltar à aula de ginástica para estudar é trapaça", insistiu Nero.

"Não, eu diria que é saber administrar o tempo", argumentou o sr. Remora. "Não há nada de errado com a educação física, mas não deve interferir no aproveitamento escolar."

"Escute, eu sou o vice-diretor", disse o vice-diretor, "e estou dizendo que os Baudelaire trapacearam sim, por isso — hurra! — posso expulsá-los. Vocês não passam de meros professores, e fiquem sabendo que, se discordarem de mim, posso expulsá-los também." O sr. Remora olhou para a sra. Bass, os dois deram de ombros. "Você é quem manda, Nero", disse finalmente o sr. Remora, tirando outra banana do bolso. "Se você diz que eles estão expulsos, eles estão expulsos."

"Pois bem, eu digo que eles estão expulsos", disse Nero. "E Sunny perde o emprego também."

"Ova!", gritou Sunny, querendo dizer algo como: "Eu nunca quis ser secretária droga nenhuma!".

"Pouco nos importa ser expulsos", disse Violet. "Queremos saber o que aconteceu com nossos amigos."

"Bem, os Quagmire tinham que ser punidos pela participação na trapaça", disse o instrutor Genghis, "e então resolvi levá-los para o refeitório e deixá-los sob a vigilância de dois empregados. Vão ficar batendo ovos o dia inteiro."

"Muito justo", concordou Nero.

"E isso é tudo o que estão fazendo?", perguntou Klaus desconfiado. "Batendo ovos?"

"Foi o que eu disse", disse Genghis chegando tão perto dos Baudelaire que tudo o que eles podiam ver era o brilho dos olhos do instrutor e a maldade entortando a curva da boca. "Esses dois Quagmire vão bater ovos e mais ovos, mas tanto, tanto, que eles próprios vão acabar desmanchando e sumindo."

"Você é um mentiroso", disse Violet.

"E ainda insulta seu instrutor", disse Nero, balançando a cabeça com os rabichos-de-cavalo. "Agora estão duplamente expulsos."

"Como é isso?", disse uma voz aproximando-se da porta. "Duplamente expulsos?" A voz foi interrompida por um longo e catarrento acesso de tosse, e na mesma hora os Baudelaire souberam que se tratava do sr. Poe. Ele estava diante do Barraco dos Órfãos segurando um grande saco de papel e tinha uma expressão séria e desconcertada. "O que vocês todos estão fazendo aqui?", perguntou. "Não parece ser um lugar apropriado para conversar, um barraco caindo aos pedaços."

"E pode-se saber o que você está fazendo aqui?", perguntou Nero. "Não permitimos a estranhos circular pela Escola Preparatória Prufrock."

"Meu nome é Poe", disse o sr. Poe, apertando a mão de Nero. "Você deve ser Nero. Falamo-nos pelo telefone. Recebi seu telegrama sobre os vinte e oito sacos de balas e os dez pares de brincos com pedras preciosas. Meus sócios na Administração de Multas acharam melhor que eu fizesse a entrega pessoalmente, e por isso aqui estou. E que história é essa de expulsão?"

"Estes órfãos que você me impingiu", disse Nero, empregando uma palavra grosseira onde deveria ter dito "encaminhou", "me saíram uns trapaceiros de marca maior, e sou obrigado a expulsá-los."

"Trapaceiros?", disse o sr. Poe, fechando a cara para os três irmãos. "Violet, Klaus, Sunny, estou muito decepcionado com vocês. Vocês me prometeram que seriam excelentes estudantes."

"Bem, na verdade, apenas Violet e Klaus eram estudantes", disse Nero. "Sunny era assistente administrativa, mas também péssima nas suas funções." Os olhos do sr. Poe escancararam-se de surpresa, durante uma pausa para tossir no lenço branco. "Assistente administrativa?", repetiu. "Como assim? Sunny, um bebê!... Ela tinha que estar na pré-escola, e não trabalhando num escritório."

"Bem, agora isso não importa", disse Nero. "Todos foram expulsos. Passe-me as balas." Klaus olhou para as próprias mãos, que continuavam com os cadernos dos Quagmire. Receava que, a não ser pelos cadernos, não voltasse a ver nenhum outro vestígio dos amigos. "Não há tempo para ficarmos aqui discutindo sobre balas!", exclamou. "O conde Olaf fez alguma coisa terrível com nossos amigos!"

"Conde Olaf?", disse o sr. Poe, estendendo a Nero o saco de papel. "Não me diga que ele descobriu vocês aqui!"

"Não, claro que não", disse Nero. "Meu computador de última geração manteve-o à

distância, é claro. Mas as crianças têm essa bizarra idéia de que o instrutor Genghis é na verdade Olaf disfarçado."

"Conde Olaf", disse Genghis demorando-se na pronúncia das duas palavras. "Sim, já ouvi falar dele. É considerado o melhor ator do mundo. Eu sou o melhor professor de ginástica do mundo, logo não haveria possibilidade de sermos a mesma pessoa." O sr. Poe olhou para o instrutor Genghis de alto a baixo, e em seguida balançou a cabeça.

"Prazer em conhecê-lo", disse, depois virou-se para os Baudelaire. "Vocês muito me surpreendem, crianças. Mesmo sem um computador de última geração, dá para perceber que esse homem não é

o conde Olaf. Olaf tem uma única sobrancelha, e esse homem está usando um turbante. E Olaf tem um olho tatuado no tornozelo, e esse homem está calçando caríssimos tênis de corrida. Muito bonitos, diga-se de passagem."

"Ora, obrigado", disse o instrutor Genghis. "Infelizmente, graças a essas crianças, eles estão enfarinhados, mas tenho certeza de que ficarão limpos com um pano úmido."

"Se ele tirar o turbante e os tênis", Violet disse com impaciência, "você vai ver como é

Olaf."

"Já passamos por isso antes", disse Nero. "Ele não pode tirar os tênis de corrida porque esteve se exercitando e os pés suados devem estar com mau cheiro."

"E não posso tirar meu turbante por motivos religiosos", acrescentou Genghis.

"Você não está usando turbante por motivos religiosos!", disse Klaus com revolta,

e Sunny gritou alguma coisa em concordância. "Você está usando o turbante como disfarce! Por favor, sr. Poe, mande ele tirar!"

"Escute aqui, Klaus", disse o sr. Poe, severo. "Você precisa aprender a aceitar culturas diferentes. Desculpe, instrutor Genghis. Essas crianças não costumam ser preconceituosas."

"Tudo bem", disse Genghis. "Estou habituado à perseguição religiosa."

"Entretanto", continuou o sr. Poe depois de um breve acesso de tosse, "eu lhe pediria para tirar os tênis de corrida, nem que fosse só para tranqüilizar o espírito das crianças. Acho que todos podemos suportar um pouquinho de mau cheiro, desde que seja em nome da justiça criminal."

"Chulé", disse a sra. Bass torcendo o nariz. "Hum, argh!"

"Infelizmente não posso tirar meus tênis de corrida", disse Genghis dando um passo em direção à porta. "Preciso deles."

"Precisa deles?", perguntou Nero. "Para quê?"

O instrutor Genghis lançou um olhar demorado para os três Baudelaire e sorriu com uma careta terrível, os dentões para fora. "Para correr, é claro", disse e disparou porta afora. Os órfãos se espantaram por um instante, não só por ele ter começado a correr tão de repente, mas também pela facilidade com que parecia ter desistido de seu plano. Um plano tão elaborado — disfarçar-se em professor de ginástica, forçar os Baudelaire a exaustivas corridas noturnas, conseguir que fossem expulsos —, e então atravessar em disparada o gramado sem sequer se virar para olhar as crianças que vinha perseguindo havia tanto tempo!... Os Baudelaire saíram do Barraco dos Órfãos, e o instrutor Genghis voltou-se para trás e encarou-os com desprezo.

"Não pensem que desisti de vocês, órfãos!", disse ele. "Por ora, tenho dois prisioneirozinhos, eles próprios donos de uma fortuna pra lá de boa!" Genghis começou a correr de novo, mas antes apontou um dedo ossudo para o outro extremo do gramado. Os Baudelaire prenderam a respiração. Ao longe, nos limites da Prep Prufrock, eles viram um longo carro preto soltando fumaça escura do escapamento. Só que as crianças não estavam prendendo a respiração por causa do ar poluído. Dois empregados do refeitório caminhavam em direção ao carro, e finalmente sem as máscaras de ferro, de modo que os garotos puderam ver que se tratava das duas mulheres de rosto empoado de branco, integrantes do bando do conde Olaf. Mas tampouco era isso que havia prendido a respiração das crianças, embora fosse uma revelação surpreendente e

lamentável. Os irmãos estavam chocados com o que as mulheres de rosto empoado de branco arrastavam para o carro. Cada uma estava arrastando um dos trigêmeos Quagmire, que se debatiam em desespero para soltar-se.

"Ponham eles no banco de trás!", Genghis ordenou aos gritos. "Eu dirijo! Depressa!"

"Que diabos o instrutor Genghis está fazendo com aquelas crianças?", perguntou o sr. Poe, franzindo a cara.

Os Baudelaire nem sequer se voltaram para o sr. Poe a fim de tentar explicar. Depois de todas as sessões de treinamento com a D.O.R., Violet, Klaus e Sunny notaram que os músculos das pernas podiam responder instantaneamente se eles quisessem correr. E nunca antes os órfãos Baudelaire haviam desejado correr tanto como agora.

"Vamos atrás deles!", exclamou Violet, e as crianças foram atrás deles. Violet correu, os cabelos esvoaçando rebeldes atrás dela. Klaus correu, e não se preocupou nem um pouco se os cadernos dos Quagmire poderiam cair. E Sunny correu o mais rápido que lhe permitiam suas mãos e pernas. O sr. Poe tossiu de espanto e começou a correr atrás deles, e Nero, o sr. Remora e a sra. Bass começaram a correr atrás do sr. Poe. Se vocês estivessem escondidos atrás do arco de pedra, de olho no que estava acontecendo, teriam presenciado uma estranha corrida no gramado da frente: o instrutor Genghis correndo na dianteira, os órfãos Baudelaire logo atrás dele, e uma diversidade de adultos bufando e resfolegando atrás das crianças. E se continuassem a observar, veriam um emocionante desenrolar da corrida, expressão que aqui significa que "os Baudelaire estavam ganhando terreno sobre Genghis". O instrutor tinha pernas muito mais compridas do que os Baudelaire, é claro, contudo havia passado as dez últimas noites de pé, parado, soprando num apito. As crianças tinham corrido tantas voltas em torno do círculo fosforescente que as pernas miúdas mas fortes — ou braços, no caso de Sunny — estavam valendo mais que a estatura de Genghis.

Muito me desagrada interromper a narrativa numa parte tão cheia de suspense como esta, porém sinto que devo me intrometer e preveni-los uma última vez antes de terminar esta história tão triste. Vocês provavelmente pensaram, ao ler que as crianças estavam a ponto de alcançar o inimigo, que agora os órfãos Baudelaire apanhariam o terrível vilão, e que encontrariam bons tutores, e que Violet, Klaus e Sunny seriam razoavelmente felizes pelo resto da vida — quem sabe criando a empresa tipográfica que imaginaram com os Quagmire. E vocês podem até acreditar que é esse o desfecho da história, se quiserem. Os poucos

acontecimentos que encerram este capítulo da vida dos órfãos Baudelaire são incrivelmente infelizes e apavorantes; assim, se preferirem ignorá-los por completo, devem fechar o livro agora e imaginar um final agradável para esta horrível história. Fiz promessa solene de escrever a história dos Baudelaire exatamente como aconteceu, mas vocês não fizeram tal promessa — pelo menos que eu saiba — e não são obrigados a suportar o final desastroso desta narrativa. Por isso estou avisando: esta é a última chance de poupar-se do sofrimento de saber o que aconteceu em seguida com os irmãos Baudelaire. Violet foi a primeira a alcançar o instrutor Genghis, e esticou o braço o mais que pôde até

agarrar parte do turbante. Os turbantes, como vocês devem saber, consistem de uma peça única de pano que se prende bem ajustada à cabeça, envolvendo-a de modo bastante complicado. Mas como não conhecia a maneira correta de enrolar um turbante, Genghis improvisou, porque na verdade suas intenções eram usá-lo como um disfarce, e não por motivos religiosos. Ele o enrolou meio de qualquer jeito em volta da cabeça, como vocês enrolariam uma toalha ao sair do chuveiro, e o resultado foi que, quando Violet agarrou o turbante, o pano se soltou na mesma hora. Ela esperava que, ao segurar o turbante, conseguiria impedir o instrutor de correr, porém tudo o que aconteceu foi ficar com um longo pedaço de pano na mão. O instrutor Genghis continuou a correr, o suor escorrendo na sobrancelha única acima dos olhos brilhantes.

"Vejam!", disse o sr. Poe, que estava bem longe dos Baudelaire mas mesmo assim próximo o suficiente para perceber o detalhe. "Genghis tem só uma sobrancelha, como o conde Olaf!"

Sunny foi a segunda Baudelaire a alcançar Genghis, e, como corria engatinhando, estava na posição perfeita para atacar os tênis dele. Usando todos os seus quatro dentes afiados, mordeu um cadarço, depois o outro. Os laços se desataram na mesma hora, deixando pedacinhos de cadarço no gramado marrom. A esperança de Sunny era que, desamarrando os laços, conseguisse fazer o instrutor tropeçar e cair; no entanto Genghis desvencilhou-se dos tênis e continuou a correr. Como muitas pessoas imundas, o instrutor Genghis não estava usando meias, assim o olho tatuado no tornozelo esquerdo fulgurava à luz do sol a cada passo.

"Vejam!", disse o sr. Poe, que continuava ainda muito longe para ajudar mas suficientemente próximo para perceber o detalhe. "Genghis tem um olho tatuado, como o conde Olaf! Na verdade, acho que ele é o conde Olaf!"

"Claro que é!", exclamou Violet, com o turbante desenrolado na mão.

"Solf!", gritou Sunny, com um pedacinho de cadarço de tênis na mão. Ela quis dizer algo como: "Era o que estávamos tentando dizer a você".

Klaus, entretanto, não disse nada. Pôs toda a sua energia na corrida, porém não corria em direção ao homem que agora podemos enfim chamar pelo nome verdadeiro, o conde Olaf. Corria em direção ao carro. As mulheres de rosto empoado de branco estavam empurrando os Quagmire para o banco de trás, e Klaus sabia que aquela podia ser a única chance de salvá-los.

"Klaus! Klaus!", gritou Isadora assim que ele alcançou o carro. Klaus deixou os cadernos caírem no chão e agarrou a mão da amiga. "Socorro!"

"Segure firme!", Klaus exclamou e começou a puxar Isadora para fora do carro. Sem dizer nenhuma palavra, uma das mulheres de rosto empoado curvou-se e mordeu a mão de Klaus, forçando-o a soltar a trigêmea. A outra mulher de rosto empoado aproximou-se de Isadora e tentou fechar a porta do carro.

"Não!", Klaus exclamou e agarrou a maçaneta da porta. Cada um puxando de um lado, Klaus e a cúmplice de Olaf disputaram acirradamente o domínio da porta, ora um pouco mais entreaberta, ora um pouco mais entrecerrada.

"Klaus!", exclamou Duncan por trás de Isadora. "Ouça, Klaus! Se algo der errado..."

"Nada vai dar errado", prometeu Klaus, puxando para si a porta do carro com toda a força.

"Vocês vão estar aqui fora num segundo!"

"Se algo der errado", tornou a dizer Duncan, "é preciso que você saiba de uma coisa. Quando pesquisávamos a história do conde Olaf, fizemos uma descoberta terrível!"

"Depois a gente fala disso", disse Klaus, lutando com a porta.

"Os cadernos!", exclamou Isadora. "c..." A primeira mulher de rosto empoado tapou com a mão a boca de Isadora, impedindo-a de falar. Isadora, num repelão com a cabeça, escapou ao controle da mulher, "c..." A mão empoada de branco cobriu sua boca de novo.

"Segure firme!", gritava Klaus em desespero. "Segure firme!"

"Os cadernos! C.S.C.", disse Duncan aos berros, mas a mão empoada da outra mulher tapou a sua boca antes que pudesse continuar.

"Quê?", perguntou Klaus.

Duncan sacudiu com violência a cabeça e furtou-se à mão da mulher por apenas um instante. "C.S.C.", conseguiu gritar mais uma vez, e foi a última coisa que Klaus ouviu. O conde Olaf, que havia corrido mais devagar sem os tênis, enfim chegou ao carro e, com um rugido ensurdecedor, agarrou a mão de Klaus e tirou-a da porta. Quando a porta bateu e se fechou, Olaf acertou um pontapé no estômago de Klaus e jogou-o ao chão com um brutal pof!, fazendo o menino aterrissar perto de onde deixara cair os cadernos dos Quagmire. O vilão encarou Klaus, dirigiu-lhe um sorriso repulsivo, depois abaixou-se para apanhar os cadernos e enfiou-os debaixo do braço.

"Não!", gritou Klaus, porém o conde Olaf limitou-se a sorrir, entrar no carro, sentar-se no banco da frente dar a partida, afastando-se bem no momento em que Violet e Sunny alcançaram o irmão.

Com as mãos no estômago, Klaus levantou-se e tentou seguir as irmãs, que tentavam perseguir o longo carro preto. Mas Olaf estava dirigindo a toda a velocidade e era simplesmente impossível ir atrás dele, de modo que pouco adiante os Baudelaire tiveram que parar. Os trigêmeos Quagmire avançaram sobre as mulheres de rosto empoado e começaram a dar socos na janela traseira do carro. Violet, Klaus e Sunny não conseguiram ouvir o que os Quagmire gritavam do outro lado do vidro; viram apenas o rosto desesperado e aterrorizado dos amigos. Até que as mãos empoadas das auxiliares de Olaf os agarraram e retiraram à força da janela. O rosto dos trigêmeos Quagmire desapareceu e os Baudelaire nada mais viram até o carro sumir à distância.

"Temos que ir atrás deles!", gritou Violet, com lágrimas a correr pelo rosto. Virou-se para Nero e o sr. Poe, que estavam retomando o fôlego no final do gramado. "Temos que ir em busca deles!"

"Vamos chamar a polícia", disse o sr. Poe, arque-jante, enxugando com o lenço a testa suada. "Eles também têm um sistema computadorizado de última geração. Com certeza vão pegá-los. Onde fica o telefone mais próximo, Nero?"

"Não vou deixar que use meu telefone, Poe!", disse Nero. "Você trouxe para cá três terríveis trapaceiros, e agora, graças a você, meu supremo professor de ginástica foi-se embora e levou dois alunos com ele! Os Baudelaire estão triplamente expulsos!" "Veja bem, Nero", disse Poe.

"Seja razoável." Os Baudelaire deixaram-se cair sobre o gramado marrom, chorando de frustração e casaco. Não ligaram para a discussão entre o vice-diretor Nero e o sr. Poe, porque sabiam, com base no prisma da experiência, que

quando os adultos chegassem a uma decisão o conde Olaf já

teria escapado. Desta vez, Olaf não apenas escapou, mas escapou com os amigos deles, e os Baudelaire choravam porque imaginavam que nunca mais tornariam a ver os trigêmeos. Estavam enganados a esse respeito, contudo não tinham como saber que estavam enganados, e só de pensar no que o conde Olaf seria capaz de fazer com os queridos amigos começaram a chorar ainda mais desesperadamente. Violet chorava, ao lembrar como os Quagmire tinham sido bons com ela e os irmãos assim que chegaram àquele medonho colégio. Klaus chorava ao lembrar como os Quagmire haviam arriscado a própria vida para ajudá-los a fugir das garras de Olaf. E Sunny chorava ao lembrar da pesquisa que os Quagmire haviam feito, e da informação que eles não tiveram tempo de partilhar com ela e os irmãos.

Os órfãos Baudelaire abraçaram-se, e choraram e choraram enquanto atrás deles os adultos não terminavam a discussão. Enfim — quando, lamento dizer, o conde Olaf forçou os Quagmire a disfarçar-se como cachorrinhos para que entrassem no avião sem que ninguém notasse —, os Baudelaire esgotaram o pranto e simplesmente permaneceram sentados no gramado, deprimidos, em silêncio. Olharam para o mármore polido cinza dos edifícios em forma de lápide e para o arco com os dizeres "ESCOLA PREPARATÓRIA PRUFROCK" em enormes letras pretas e o lema "Memento mori" embaixo. Olharam para a beira do gramado, onde Olaf recolhera os cadernos dos Quagmire. E trocaram longos, longos olhares. Veio, então, à lembrança dos Baudelaire — como estou certo de que veio à de vocês também — que, em casos de estresse extremo, as pessoas encontram energia escondida nas áreas mais exaustas do corpo, e naquele momento Violet, Klaus e Sunny sentiram essa energia surgir dentro deles.

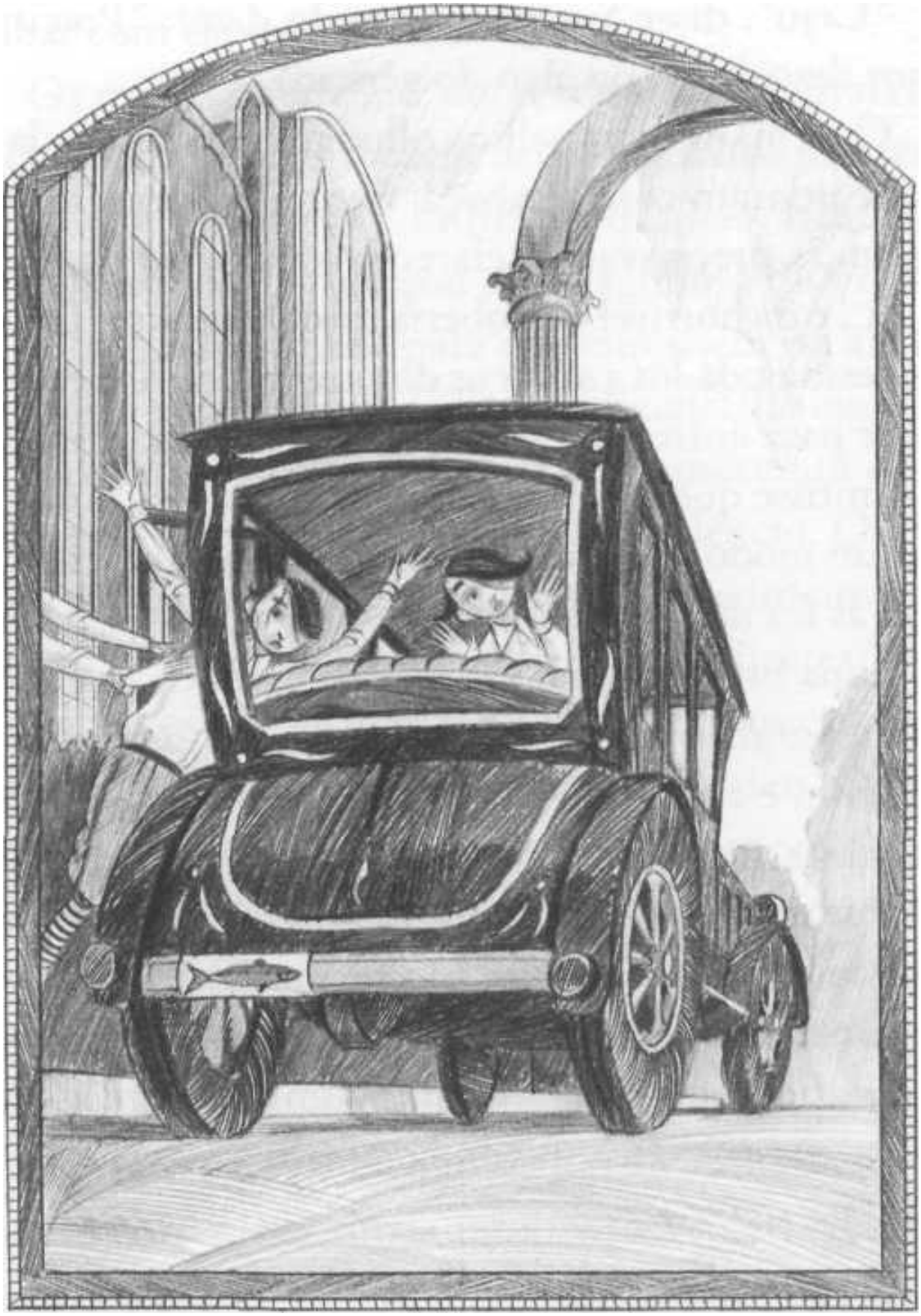
"O que foi que Duncan gritou para você?", perguntou Violet. "O que foi que ele gritou quando estava no carro? Algo sobre os cadernos..."

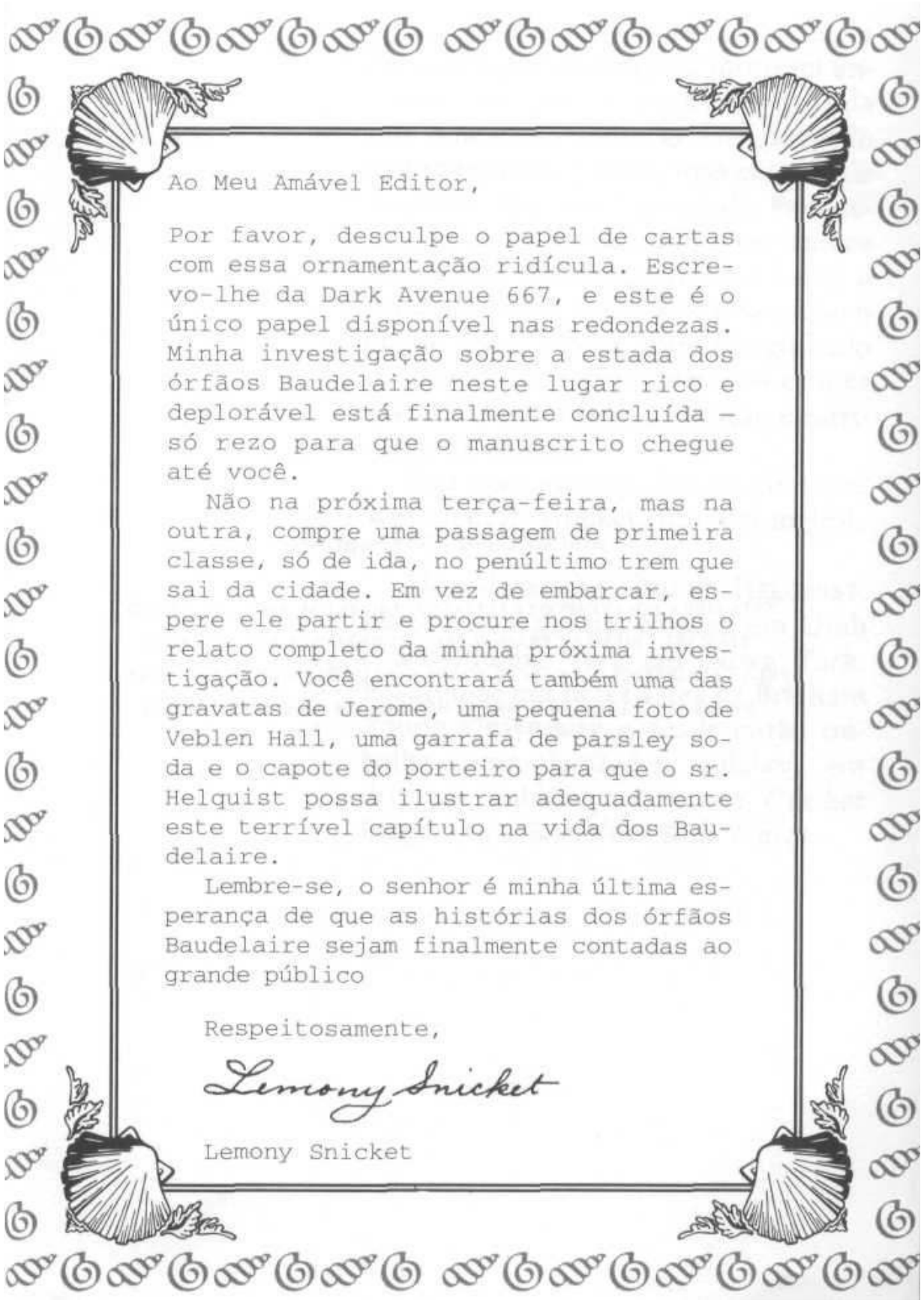
"C.S.C", disse Klaus, "mas não sei o que significa."

"Ceju", disse Sunny, querendo dizer: "Precisamos descobrir", ou algo do gênero. Os irmãos mais velhos olharam para a caçula e concordaram com a cabeça. Sunny tinha razão. As crianças precisavam esclarecer o mistério daquele C.S.C. e da horrível descoberta dos Quagmire. Talvez pudesse ajudá-los a salvar os dois trigêmeos. Talvez servisse para entregar o conde Olaf à justiça. E talvez permitisse que compreendessem como a vida deles, de um modo misterioso e fatal, tomara aquele rumo que as fez tão desaventuradas. Uma brisa matinal soprava no campus da Escola Preparatória Prufrock farfalhando no gramado marrom e chocando com o arco de pedra onde estava inscrito o lema "Memento

mori":

"Lembra-te de que morrerás". Os órfãos Baudelaire olharam para o lema e juraram que não morreriam sem antes encontrar a solução daquele mistério soturno e intrincado que projetava uma sombra sobre a vida deles.





Ao Meu Amável Editor,

Por favor, desculpe o papel de cartas com essa ornamentação ridícula. Escrevo-lhe da Dark Avenue 667, e este é o único papel disponível nas redondezas. Minha investigação sobre a estada dos órfãos Baudelaire neste lugar rico e deplorável está finalmente concluída — só rezo para que o manuscrito chegue até você.

Não na próxima terça-feira, mas na outra, compre uma passagem de primeira classe, só de ida, no penúltimo trem que sai da cidade. Em vez de embarcar, espere ele partir e procure nos trilhos o relato completo da minha próxima investigação. Você encontrará também uma das gravatas de Jerome, uma pequena foto de Veblen Hall, uma garrafa de parsley soda e o capote do porteiro para que o sr. Helquist possa ilustrar adequadamente este terrível capítulo na vida dos Baudelaire.

Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket

Ao Meu Amável Editor,

Por favor, desculpe o papel de cartas com essa ornamentação ridícula. Escrevo-lhe da Dark Avenue 667, e este é o único papel disponível nas redondezas. Minha investigação sobre a estada dos órfãos Baudelaire neste lugar rico e deplorável está finalmente concluída — só rezo para que o manuscrito chegue até você.



Não na próxima terça-feira, mas na outra, compre uma passagem de primeira classe, só de ida, no penúltimo trem que sai da cidade. Em vez de embarcar, espere ele partir e procure nos trilhos o relato completo da minha próxima investigação. Você encontrará também uma das gravatas de Jerome, uma pequena foto de Veblen Hall, uma garrafa de parsley soda e o capote do porteiro para que o sr. Helquist possa ilustrar adequadamente este terrível capítulo na vida dos Baudelaire.

Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público

Respeitosamente,

Lemony Snicket